



MATERIALIZANDO *Conhecimentos*

Revista Eletrônica

A REVISTA

A **Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos** compartilha as produções selecionadas pelo projeto Construindo um Olhar Científico sobre o Mundo de Produção e Apresentações Científicas do Colégio Mãe de Deus.

Este projeto tem como objetivo o aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo para além da sala de aula das turmas de 3ª série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus, através de um trabalho interdisciplinar de produção e exposição do produzido, em nível de conhecimento, através da elaboração de um Artigo Científico.

ISSN 2359-6465

O PROJETO

Projeto de Produção e Apresentações Científicas

"A sociedade do conhecimento é uma sociedade aprendente, que com a vida, se flexibiliza, se adapta, instaura redes de relações e cria. Educar é fazer experiências de aprendizagens pessoal e coletiva."
(Leonardo Boff)

O Projeto de “Produção e Apresentação Científicas” surgiu no intuito de dispor, aos alunos da 3ª série, a oportunidade de vivenciarem momentos, dispostos ao longo do ano, de aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo para além da sala de aula. Tal proposição encontrou respaldo, em especial, no corpo docente da área de Ciências do Colégio Mãe de Deus a partir da preocupação destes em proporcionar aos alunos da 3ª série uma alternativa mais adaptada ao seu perfil estudantil (faixa etária) no que tange à expressão de seu conhecimento para que vivenciem um espaço interdisciplinar de produção e exposição do produzido, em nível de conhecimento, num formato de elaboração de um Artigo Científico.

O jovem é sedento de, a partir da sua lógica, expor o seu pensamento sobre as coisas, o mundo e sobre si mesmo. O que este projeto visa é normatizar, sistematizar essas reflexões, que são inerentes à esta faixa etária, transformando-as em elaborações científicas. Não há lugar mais apropriado que a escola para se “dar à luz”, “deixar-ser” o conhecimento e o Projeto Produção e Apresentação Científicas formatará o que, espontaneamente, já faz parte da busca de todo o jovem existencialmente imbricado neste universo que vive qual seja: “Saber dizer a sua palavra”.

O que não é falado, o que não pode ser falado é como se não existisse. Possibilitar que o aluno terceiroanista possa pesquisar, produzir conhecimento e expor o produzido para os seus pares e, permitir que ele seja mais ser, mais humano, e que o humano no ser, nele, se materialize-se cada vez mais e melhor.

Este projeto visa qualificar a relação ensino-aprendizagem no Colégio Mãe de Deus, pois irá disponibilizar um tempo e um espaço de possibilidade de criação e intelecção privilegiados para os alunos. É um diferencial, pois, ao antecipar os dias letivos, objetivará, em momentos de quebra da rotina escolar, um formato mais criativo, lúdico, atraente e potencializador dos saberes dos alunos. Dessa forma, todas as áreas e todas as disciplinas são convidadas para atuarem, via a produção cognitiva de seus alunos, neste projeto.

Os objetivos são:

- Vivenciar momentos sistemáticos de inter-relação de conhecimentos, oportunizando espaços de criação, pesquisa e científicidade.
- Oportunizar espaços de reflexão e criação para o desenvolvimento de arte e da cultura.

Como forma de dar visibilidade ao material elaborado, foram reunidos e selecionados os artigos científicos produzidos pelo projeto e publicados nesta revista eletrônica.

PERFIL EDITORIAL

“A utopia é como o horizonte.
Nós o vemos ao longe, nunca o alcançaremos,
mas serve para que continuemos
a caminhar.” (Fernando Berri)

A Revista Eletrônica “Materializando Conhecimentos” é uma publicação acadêmica focada em divulgar o conhecimento científico e intelectual produzido pelos alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus. Nosso objetivo é oferecer um espaço onde os estudantes possam expressar suas ideias, compartilhar descobertas e contribuir para o desenvolvimento intelectual e social da comunidade escolar e da sociedade como um todo.

Em sua missão, a revista busca encorajar o desenvolvimento do pensamento crítico, a pesquisa acadêmica e a escrita criativa entre os estudantes. Neste projeto incentivamos a produção de conteúdos que refletem a diversidade de interesses e talentos dos alunos, ao mesmo tempo em que abordam questões relevantes para a sociedade contemporânea. E, aspiramos que esta publicação seja uma plataforma respeitada e reconhecida pela qualidade de suas publicações, fomentando a cultura do conhecimento e a troca de ideias no ambiente escolar e além dele.

Como parte integrante do projeto “Construindo um olhar científico sobre o mundo” a revista tem como princípios:

- Excelência: Garantir a qualidade e a precisão das informações publicadas, valorizando o rigor acadêmico e a clareza na comunicação.
- Inovação: Promover a criatividade e a originalidade em todas as áreas de conhecimento, incentivando abordagens novas e perspicazes.
- Inclusão: Fomentar um ambiente de respeito e diversidade, onde todas as vozes e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas.
- Compromisso Social: Estimular a reflexão sobre questões sociais e éticas, incentivando os alunos a desenvolverem soluções e propostas de intervenção para os desafios enfrentados pela sociedade.

A Revista Materializando Conhecimentos é, portanto, um veículo de expressão e aprendizado, que busca não só valorizar a produção intelectual dos alunos, mas também servir como um ponto de encontro para ideias que transformam e enriquecem a sociedade.

Sabemos que o trabalho não se encerra aqui, e que o projeto ainda pode ser aprimorado em vários aspectos, conforme as diretrizes pedagógicas e as expectativas de cada estudante.

Continuamos com a utopia e o desejo de transformar nossa realidade através da educação e dos valores de justiça, paz, solidariedade e responsabilidade social.

Boa leitura!

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os artigos para serem publicados precisam seguir as normas para Elaboração do Artigo Científico que seguem:

Título do artigo

Nome completo dos autores:

Registrar o nome completo dos autores em ordem alfabética.

Epígrafe:

Escolher uma frase que sintetize o trabalho (não precisa ser da autoria do grupo).

Resumo e abstract:

É necessário conter os objetivos do artigo, a metodologia e os resultados alcançados. Não deve conter citações. Deverá ser escrito sem recuo de parágrafo, entre linhas simples. (Contendo entre 8 e 10 linhas).

Palavras-chave: 3 ou 4 palavras que representem os principais conceitos do trabalho.

Introdução:

Deverá conter a descrição dos seguintes elementos:

Conceituação do tema; o objeto de estudo; a justificativa (motivos que levaram a escolha e a importância do tema na atualidade), o problema de pesquisa e o objetivo pretendido (geral e específicos).

Referencial Teórico (subitens):

O referencial teórico é a parte principal e mais extensa da pesquisa. Deverá conter a fundamentação teórica sobre o assunto em estudo. É importante usar os conceitos essenciais da teoria que visam explicar ou esclarecer o problema de pesquisa. No referencial é importante usar tópicos e subtópicos para fundamentar a pesquisa. Pode-se também fazer uso de citações diretas longas e curtas e citações indiretas, para reforçar e fundamentar as ideias apresentadas.

Metodologia:

Deverá conter o método utilizado, as técnicas escolhidas, a análise dos dados encontrados, (usar citações para validar a sua metodologia). Caso o trabalho não possua pesquisa de campo, a metodologia não precisa ser colocada como subitem. Ela pode ser incluída na introdução, informando que o método utilizado é o bibliográfico.

Resultados:

Apresentar os resultados encontrados na pesquisa. Nesta parte do artigo podem aparecer tabelas e gráficos derivados do trabalho de análise. Caso o trabalho não possua pesquisa de campo, este tópico não precisa aparecer no trabalho.

Considerações Finais:

Apresentar as respostas ao problema de pesquisa, os objetivos e validação das hipóteses levantadas durante a pesquisa. É o fechamento do artigo, no qual o autor precisa trazer as contribuições mais significativas em torno do tema pesquisado.

Referências:

Utilizar no mínimo 3 livros.

Conter uma lista ordenada de todas as obras citadas no artigo.

Estar de acordo com as Normas da ABNT.

As referências têm espaçamento simples e duplo entre si.

As referências são apresentadas em ordem alfabética de autor e alinhadas somente à margem esquerda.

Anexos/Apêndices:

Espaço destinado a inclusão dos textos dos anexos ou apêndices. Não é obrigatório.

Estrutura textual:

O texto deve:

Apresentar coesão e coerência.

Seguir a formatação do modelo apresentado pelos educadores e as normas da ABNT.

Manter a estruturação de parágrafos de forma sequencial.

Demonstrar o estudo que foi realizado (pesquisa bibliográfica ou de campo).

Regras gerais e de formatação:

Tamanho do papel: A4 (21,0 cm x 29,7 cm);

Margens: 3 cm superior e esquerda, 2 cm inferior e direita.

Cor da fonte: preta em todo o trabalho

Fonte do texto: Verdana

Tamanho da fonte do corpo do texto: 12 pts

Tamanho da fonte de 10 pts para:

- Citações longas;
- Notas de rodapé;
- Abstract;
- Palavras-chaves;

Espaçamento entre linhas 1,5 para todo corpo do texto e de 1,0 (simples) para:

- Citações diretas (mais de 3 linhas);
- Notas de rodapé;
- Resumo;
- Notas de Rodapé;
- Abstract;
- Legendas dos elementos especiais (gráficos, figuras, quadros e tabelas)

- Referências Bibliográficas.

Tamanho do texto:

Mínimo de páginas: 7 páginas

Citações:

Citação é a inclusão no texto de informações extraídas de outras fontes. As citações podem ser curtas ou longas, diretas ou indiretas.

Citações curtas: (até três linhas) entram no alinhamento normal do texto, como parte de um parágrafo, entre aspas.

Citações longas: (mais de três linhas) devem ser destacadas do parágrafo (três espaços simples entre o parágrafo anterior e o posterior), recuadas (cerca de 4 cm da margem esquerda), sem entrada de parágrafo, digitadas em espaço simples e com tamanho de letra menor.

Citação direta: é a transcrição literal de um texto ou parte do texto de um autor, que conserva grafia, pontuação e língua originais.

Citação indireta: é um texto redigido pelo autor do trabalho, mas que mantém fielmente as ideias originais de outros autores. A citação indireta pode ser uma condensação, ou seja, uma síntese ou resumo de um texto maior, sem alterar a ideia original do autor. É escrita sem aspas, com o mesmo espaçamento e o mesmo tipo de letra do texto em que está sendo utilizada.

Observações:

Para visualizar artigos produzidos na escola, acesse o site do Colégio Mãe de Deus e clique no link da Revista.

Os trabalhos deverão ser enviados para o e-mail: tarefasdehistoria@gmail.com

Referência:

SANTOS, Antonio Raimundo. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 7^ªed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

CONTATO

Rua Dr. Mário Totta, 1252.

Bairro Tristeza – Porto Alegre/RS

CEP 91920.030

Telefone: Fone/Fax: (51) 3268.5525

Email: webmaster@colegiomaededeus.com.br

Exemplar:

Novembro de 2025

Vol. 14 Nº 1

APRESENTAÇÃO

A Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos compartilha através de seu **volume 14** as produções, em forma de artigos, selecionadas pelo projeto Construindo um Olhar Científico Sobre o Mundo do Colégio Mãe de Deus.

Este projeto tem como objetivo o aprofundamento e enriquecimento em nível cognitivo, para além da sala de aula, das turmas de 3^a série do Ensino Médio, através de um trabalho interdisciplinar de produção e exposição do conhecimento produzido por meio da elaboração de um Artigo Científico.

EDITORIAL

XIV Volume da Revista Materializando Conhecimentos

Vivemos em uma época marcada pela dissolução da memória, pelo embotamento da criticidade e pelo esquecimento coletivo sobre qualquer vestígio do passado. A presentificação parece ser a chaga do milênio, enquanto o narcisismo nosso de cada dia, aparenta ser seu sintoma mais evidente. A capacidade do ser humano de aprender com a experiência, de interagir em nome do conhecimento e, por sua vez, constituir um manancial de saber pela livre troca de ideias, demonstra pela primeira vez, sérios sinais de desgaste. Agora, é a vez da inteligência artificial artificializar cada palmo de nossa existência.

Em nome da curtida perfeita, subcelebridades e falsos gurus percorrem o planeta surfando nas ondas do anti-intelectualismo e da intolerância, prometendo ganho fácil e felicidade eterna. É o nosso capital intangível de cada dia que busca seu espaço em um mundo tecnofeudal regido pelas Big techs e seu exército de bots mobilizados a serviço do consumo e do consenso.

Contrariando o prenúncio da filósofa Agnes Heller, não estamos “grávidos de futuro”, mas sim reticentes a respeito de uma sociedade do porvir que se projeta como frágil, ansiosa, incompreensível e não-linear. Congelamos nossas expectativas na eterna promessa de um vir a ser que nunca virá. Inclusive, ainda mantemos as mesmas ramificações patriarcais de tempos idos, da mesma forma que continuamos observando o mundo com um olhar utilitarista, fatos que reforçam a conclusão de que temos pela frente um futuro sem grandes perspectivas sobre o planeta, ainda mais se considerarmos, também, as atuais crises ambientais e humanitárias.

Somos presas de um presente volátil, ambíguo, incerto e, “certamente”, complexo. Um agora que nos conforta por vivermos imersos em nós mesmos, com o olhar fixo aos ditames do self. Autocentramento que deixa escapar as coisas do entorno, abrindo caminho para a autocelebração da imagem em consonância com o descaso sobre tudo o que se relaciona ao não-eu. Nos acostumamos a menosprezar a cultura, na mesma proporção que nos habituamos a existir no espaço do não-conhecer. Em muitas ocasiões, nos vangloriamos pelo desconhecimento sobre as coisas do mundo, sobre a temporalidade que nos cerca, enfim, sobre os inúmeros pequenos outros, seguindo a lógica lacaniana, com os quais convivemos no dia a dia.

Em nossas vidas, eternamente instantâneas e estandardizadas pelo consumo, somos guiados pelo grande Outro virtual, referência paralela de uma realidade invertida que nega o diálogo e o contraditório. Encapsulados em uma economia da atenção, cuja quimera niilista promete gratificação e validação social a qualquer preço, curtimos o engajamento pela indiferença, enquanto compartilhamos o algoritmo da desumanidade. No embate por visualizações e likes, todos nós, de certa forma, perdemos, ao nos percebermos tolhidos de nossa essência.

Cultura do Consumo: A Construção de Vínculos Transitórios no Mundo Contemporâneo

A transitoriedade dos vínculos humanos opera diretamente no território digital, caixa de ressonância do pensamento único e do ódio administrado ao próximo. Espaço da ojeriza regida por uma economia do desejo travestida de algoritmo e traduzida como cultura do ego ao ódio. Nesta grande loja de departamento virtual, os tópicos de tendência ditam os comportamentos e calibram os olhares: dizem o que vestir na onda fast fashion da vida; como lucrar através de apostas ou de modelos matemáticos manipuláveis no estilo “o segredo do meu sucesso financeiro”; ou como existir no capital-nuvem e agir como um servo ou proletário das nuvens. Igualmente dignos de destaque, estão as questões em voga no cotidiano, tal como a dismorfia e a busca pelo corpo tido como “perfeito” através de estratégias como o uso de anabolizantes; a ansiedade como sintoma social, especialmente entre os jovens de hoje. Também, temas que abordam a ocupação seletiva do espaço social e como a indiferença social administrada contra os vulneráveis, por exemplo, aqueles acometidos de Hanseníase, resultam em isolamento e segregação. Neste frêmito semi-existencial, o Dasein Heideggeriano perde as noções de engajamento e reflexão sobre o vivido e, a ideia de ser no mundo, é facilmente substituída pelo apenas constar no mundo.

As multitelas cotidianas refletem, de modo especular, uma realidade paralela, narcísica que se nega a reconhecer o diferente. Da máquina do desejo digital, passando pela máquina de costura até chegar à máquina burocrática de calcular exclusão, trilhamos um percurso de naturalização do preconceito social, do sucesso a qualquer custo, da indiferença e da padronização de hábitos de comportamento, consumo e pensamento.

Essa é a pauta temática e escopo crítico da 14ª edição da Revista eletrônica. Agradecemos a todos que, de uma forma ou outra, colaboraram com o Projeto construindo um olhar científico sobre o mundo. Seja através do apoio e da organização, seja através da pesquisa e da elaboração de artigos científicos, estando eles contemplados ou não nessa edição. Mais uma série de reflexões sobre o mundo atual foi produzida pelos educandos da terceira série do Ensino Médio cujo destaque pode ser dado para temáticas como: sociedade patriarcal, cultura do ódio, arquitetura da exclusão e moda fast fashion. Tenham todos uma boa leitura!

COMITÊ EDITORIAL

XIV Volume da Revista Materializando Conhecimentos

Coordenação pedagógica do projeto/revista:

Vagner Maccalli

Comissão organizadora e revisão:

Ricardo Antônio da Silveira

Simone Camargo Gimenes
Mary Lúcia Pedroso Konrath

Escrita do Perfil Editorial:

Ricardo Antônio da Silveira

Escrita do Editorial:

Ricardo Antônio da Silveira

Professores:

Alexandre dos Santos da Rosa
Alliny Ferreira Xavier
André Luiz Queiroz Muraro
André Vinicius Siqueira
Brunna Danielle Gomes de Oliveira
Letícia Granado Gross
Ricardo Antônio da Silveira
Simone Benvenuti
Simone Camargo Gimenes
Tais Nicolao
Valdirene Lima dos Santos
Vanessa Alves Felix
Vinicius Yuri dos Santos
Vivian Soares Wouters

Equipe de Serviços da Etapa:

Ananda Jung
Karine Soares Bittencourt
Lisiane Pivetta de Oliveira
Meridiane Brum
Michele Fraga Cruz
Simone Camargo Gimenes
Vagner Maccalli

Edição do conteúdo da revista:

Caroline Hiwatashi Dayrell

Edição gráfica do logo da revista:

Caroline Hiwatashi Dayrell

Diretora:

Maria Ester Homem Machado

» EDIÇÃO 2025 – ARTIGOS

► HANSENÍASE: UM ESTUDO DE CASO DO HOSPITAL COLÔNIA EM ITAPUÃ	11
Antônia Barbisan Reinke	
► LIQUIDEZ SOCIAL E CULTURA DO CONSUMO: A CONSTRUÇÃO DE VINCULOS TRANSITÓRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	46
Gabriela Pedroso Trapp	
Marthina Carboni Ribeiro	
Nina Cardarello Pörtner	
► MODELOS MATEMÁTICOS EM FINANÇAS: ENTRE A EFICIÊNCIA E A MANIPULAÇÃO	64
Arthur de Oliveira Rachinhas	
► OS IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS COMO AGRAVANTE DE ANSIEDADE ENTRE OS JOVENS.....	86
Lorenzo Rocha Moser	
► PRESSÃO ESTÉTICA: O USO INDISCRIMINADO DE ANABOLIZANTES	109
Cristina Cereta de Carvalho	
Gabriela Machado Borba	
Julia Rech Kroth	
Maria Eduarda Severo Marques	
► RUMO AO CAPITALISMO INTANGÍVEL	134
Pedro Silveira da Silva	

HANSENÍASE: UM ESTUDO DE CASO DO HOSPITAL COLÔNIA EM ITAPUÃ

Antônia Barbisan Reinke

“Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios” (MATEUS, 10:8).

RESUMO: O presente trabalho busca analisar como o discurso sanitário e o preconceito social se conectaram para justificar o isolamento compulsório de pessoas diagnosticadas com hanseníase, evidenciando, nos pacientes, impactos sociais, históricos e psicológicos. Investigou-se a construção do estigma, a criminalização da doença, as rotinas institucionais do Hospital Colônia Itapuã (HCI) e os relatos de antigos moradores, resgatando memórias e identidades silenciadas. Por meio do método bibliográfico, este estudo destacou a importância de preservar o HCI como patrimônio da memória coletiva, ressaltando que a luta contra a hanseníase envolve não apenas a cura, mas também a superação da discriminação e da exclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: Segregação- Estigma Social- Institucionalização.

ABSTRACT: The present work aims to analyze how sanitary discourse and social prejudice became connected to justify the compulsory isolation of people diagnosed with leprosy, highlighting, in the patients, social, historical, and psychological impacts. It investigated the construction of stigma, the criminalization of the disease, the institutional routines of the Hospital Colônia Itapuã (HCI), and the testimonies of former residents, recovering silenced memories and identities. Through the bibliographic method, this study emphasized the importance of preserving the HCI as heritage of collective memory, stressing that the struggle against leprosy involves not only the cure, but also the overcoming of discrimination and social exclusion.

KEYWORDS: Segregation- Social Stigma- Institutionalization.

1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a sociedade organizou-se em torno da ideia de pureza, fortemente ligada às normas e valores religiosos que regulavam o comportamento individual e coletivo. O que escapava a esses preceitos — seja por doença ou desvios em relação às regras sociais — costumava ser excluído, silenciado ou escondido. Nesse contexto, a hanseníase — anteriormente chamada de lepra — tornou-se, durante séculos, sinônimo de maldição e degeneração. Ademais, a doença de Hansen, além de ser uma enfermidade, foi transformada em um rótulo social que privava as pessoas do direito à saúde, à dignidade, aos vínculos familiares e de ocupar os espaços públicos.

Dentro dessa lógica de exclusão, surgem os hospitais-colônia, destinados a isolar compulsoriamente os acometidos pela hanseníase sob o discurso da proteção sanitária. Entre esses espaços, destaca-se o Hospital Colônia Itapuã (HCI), fundado em 1940 no estado do Rio Grande do Sul. Localizado em uma área de difícil acesso, cercada por matas e distante das cidades, a instituição foi pensada como um território de confinamento — um espaço isolado onde os considerados “perigosos” ou “impuros” deveriam permanecer longe dos olhos da sociedade.

Considerando tais aspectos, este trabalho tem como objeto de estudo a memória do HCI, que, por meio de sua existência, evidencia não apenas os mecanismos de exclusão, estigmatização e violência institucional praticados no Brasil ao longo do século XX, mas também reflete a longa história da hanseníase, mostrando como a doença sempre foi cercada pelo medo, preconceito e silenciamento. A escolha desse tema se justifica pela importância de analisar, de forma reflexiva, os momentos problemáticos dessa enfermidade na história da saúde pública, cujos efeitos aparecem ainda hoje em práticas de discriminação e abandono, além do próprio tabu presente na sociedade. Dessa forma, a exclusão sofrida pelos portadores da hanseníase deve ser entendida não apenas como consequência midiática, mas como resultado de construções sociais ligadas a valores morais, religiosos e políticos.

O objetivo geral do trabalho é, portanto, analisar a construção social do isolamento aplicado aos doentes — com foco no HCI — buscando compreender os impactos do estigma e da exclusão em suas vidas. De modo mais específico, pretende-se entender o processo histórico de criminalização da hanseníase e sua contribuição para a institucionalização de práticas de segregação; investigar o cotidiano do estabelecimento, suas rotinas e estruturas de controle

sobre os pacientes; analisar os relatos e depoimentos de antigos moradores, resgatando suas memórias e identidades; e, por fim, refletir sobre a importância da preservação do Hospital Colônia de Itapuã como patrimônio da memória coletiva, considerando seu valor histórico.

A partir disso, a questão que norteia esta pesquisa é: Como o discurso sanitário e o preconceito social se entrelaçaram para legitimar o isolamento compulsório de pessoas diagnosticadas com hanseníase, em especial no Hospital Colônia de Itapuã, e quais marcas humanas e históricas foram deixadas por esta política pública?

Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como método para este estudo, baseando-se em documentos, obras científicas, registros históricos, relatos orais e materiais audiovisuais que abordam tanto a trajetória da hanseníase no Brasil quanto a experiência específica do Hospital Colônia de Itapuã. Assim, este artigo busca contribuir para uma compreensão mais ampla e sensível do que significou — e ainda significa — viver sob o peso de uma doença marcada pelo abandono, além de refletir sobre como as políticas de saúde pública podem tanto curar quanto ferir, dependendo da lógica que as fundamenta.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA HANSENÍASE

A hanseníase, historicamente conhecida como lepra, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, cuja identificação foi realizada pelo médico norueguês Armauer Hansen, razão pela qual também é chamada de “bacilo de Hansen”. Essa descoberta foi fundamental para a medicina, pois possibilitou compreender a hanseníase não como uma maldição divina, como se acreditava em épocas passadas, mas sim como uma enfermidade de origem biológica, capaz de ser estudada, diagnosticada e combatida por métodos científicos.

Conforme explica ROTOLO (2025), a *Mycobacterium leprae* apresenta crescimento extremamente lento, sendo uma das bactérias patogênicas de replicação mais lenta conhecida até hoje, com um ciclo de divisão que varia de 11 a 14 dias. Essa característica indica que o tempo entre a infecção inicial e o aparecimento dos primeiros sintomas pode se estender por cinco a dez anos, dificultando o diagnóstico precoce e favorecendo a disseminação da doença.

Do ponto de vista biológico, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se de um bacilo álcool-ácido resistente, uma bactéria que permanece igual, mesmo após a descoloração com álcool e ácidos durante o processo laboratorial, semelhante ao agente causador da tuberculose, porém com preferência em nervos periféricos e pele. Esse comportamento da bactéria resulta em manifestações neurológicas precoces, como perda de sensibilidade tátil e térmica, além de lesões cutâneas que podem evoluir para deformidades graves, como a amputação de membros nas extremidades — como nariz, orelhas e dedos — caso não haja tratamento adequado.

A partir dos avanços científicos do século XX, principalmente com o desenvolvimento da poliquimioterapia recomendada pela OMS desde 1981, tornou-se possível alcançar maiores taxas de cura e interromper a cadeia de transmissão da doença. Atualmente, como aponta a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), o tratamento é gratuito e disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), reforçando que a hanseníase é uma doença curável, cuja eliminação depende mais do combate ao estigma do que da falta de medicamentos e assistência médica.

Portanto, a hanseníase é uma doença que vai muito além da medicina, pois envolve principalmente questões de âmbito social e cultural. No entanto, entender sua base biológica é essencial para desmistificar ideias que surgiram ao longo da história e, assim, abrir

caminho para ações mais eficazes no combate ao tabu que ainda cerca esse tema.

2.1 TIPOS DE HANSENÍASE

A hanseníase apresenta formas diferentes, dependendo da interação entre a bactéria *Mycobacterium leprae* e o sistema imunológico do indivíduo. Essa variedade é importante para a definição do tratamento e do prognóstico. Conforme destacado pelo Ministério da Saúde, a classificação da hanseníase é essencial para melhorar o atendimento nos serviços de saúde e planejar ações que ajudem a cuidar melhor das pessoas afetadas, facilitando a identificação das necessidades dos pacientes e os cuidados adequados para cada tipo de hanseníase.

A hanseníase é classificada em duas formas distintas: a forma tuberculóide e a forma virchowiana. Entre elas, existe uma forma intermediária, a dimorfa, que apresenta características de ambas. Além disso, existe uma forma inicial chamada indeterminada, que pode evoluir para qualquer uma das formas mencionadas. De acordo com o Ministério da Saúde, a identificação precoce dessas formas é importante para garantir que o tratamento seja iniciado o mais rápido possível, pois permite a prevenção de deformidades e incapacidades físicas associadas à doença.

Primeiramente, a hanseníase indeterminada é a forma inicial da doença, caracterizada pela presença de até cinco manchas hipopigmentadas — manchas mais claras do que o tom da pele, devido à diminuição da produção de melanina — com bordas imprecisas e sem comprometimento neural, ou seja, sem dano ou alteração nas funções do sistema nervoso. Essa forma é geralmente assintomática e não apresenta risco significativo de transmissão.

Em segundo lugar, há a hanseníase tuberculóide, que é caracterizada por poucas lesões bem delimitadas na pele. Nessa forma, o sistema imunológico é eficiente, pois limita a multiplicação bacteriana e restringe as áreas afetadas. No entanto, mesmo quando aparenta ser simples, a hanseníase tuberculóide pode provocar sequelas, visto que compromete o sistema nervoso, levando a alterações nos nervos das pontas¹.

Já na hanseníase dimorfa, as características são intermediárias entre a tuberculóide e virchowiana. Essa forma é caracterizada por lesões cutâneas variadas, que podem incluir manchas e placas — lesões elevadas e maiores do que as manchas — de diferentes colorações, e por comprometimento de vários nervos periféricos. Além disso, a resposta imunológica do corpo é irregular, o que pode levar a um desenvolvimento mais rápido da doença.

Por fim, a hanseníase virchowiana, também conhecida como lepra lepromatosa, é a forma mais grave da doença. Ela caracteriza-se pela presença de múltiplas lesões cutâneas, incluindo nódulos e placas, e pelo comprometimento de diversos órgãos além da pele e dos nervos periféricos, como olhos, reduzindo a sensibilidade da córnea; testículos, causando esterilidade e rins, levando à insuficiência renal. Ademais, a resposta imunológica é precária, permitindo a disseminação descontrolada da bactéria pelo organismo. Como consequência, há o desenvolvimento de uma carga bacteriana muito alta, fazendo com que essas pessoas se tornem altamente contagiosas.

Além da classificação em quatro formas, a hanseníase também é dividida em duas categorias com base na quantidade de bacilos presentes no organismo: paucibacilar — que inclui as formas

¹ Os “nervos das pontas” são os nervos periféricos localizados nas extremidades do corpo — principalmente dedos das mãos e dos pés, nariz e orelhas — responsáveis pela sensibilidade e pelos movimentos finos dessas regiões.

indeterminada e tuberculóide — e multibacilar — que engloba as formas dimorfa e virchowiana. A primeira é caracterizada por um número reduzido de lesões e pela presença de poucos ou nenhum bacilo nos exames laboratoriais. Já a multibacilar apresenta múltiplas lesões e a presença de muitos bacilos nos exames, sendo mais contagiosa e demandando um tratamento mais prolongado. Em síntese, a forma paucibacilar, em geral, é menos grave e menos contagiosa, enquanto a outra exige maior cuidado, como explica a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD).

2.2 COMO OCORRE O CONTÁGIO E TRATAMENTOS PARA A DOENÇA

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa cuja transmissão ocorre principalmente pelas vias aéreas superiores, através do contato prolongado com indivíduos doentes sem tratamento, como aponta o Ministério da Saúde. Esse dado evidencia que a hanseníase não possui um contágio imediato como outras doenças respiratórias, o que desmistifica a visão histórica de que os portadores seriam ameaças à sociedade.

Além disso, essa necessidade de convivência constante para a transmissão da doença ilustra como o medo coletivo se baseava mais em construções simbólicas do que em fatos científicos, já que não era preciso apenas um primeiro contato para a transmissão da enfermidade. Assim, a percepção histórica da doença revela mais sobre as ansiedades sociais do que sobre os mecanismos reais da infecção.

Outro aspecto no processo de disseminação da doença é a resistência natural da maioria da população ao *Mycobacterium leprae*. Conforme salientado pelo Ministério da Saúde, cerca de 90% das pessoas expostas ao bacilo não desenvolvem a enfermidade, reforçando que fatores genéticos e imunológicos são determinantes no processo de adoecimento. Nesse contexto, essa informação amplia a

compreensão sobre o contágio e questiona antigas práticas de isolamento massivo, mostrando que o medo em torno da hanseníase foi desproporcional ao seu real potencial de disseminação.

Em relação ao tratamento da doença, a introdução da poliquimioterapia combinada, recomendada pela OMS desde o início da década de 80, transformou a abordagem médica da hanseníase. A administração conjunta da rifampicina, dapsona e clofazimina, disponibilizada gratuitamente no Brasil através do Sistema Único de Saúde, conforme divulgado pelo Ministério da Saúde, representa uma resposta eficaz não apenas para curar o indivíduo da enfermidade, mas também para interromper a cadeia de transmissão, impactando positivamente na saúde pública do país.

Seguindo tal lógica, a própria estrutura do tratamento, com esquemas diferenciados para casos paucibacilares e multibacilares, reflete a tentativa de adaptar a intervenção terapêutica à diversidade da doença. Entretanto, como ressalta a SBD, a simples cura biológica não é suficiente para erradicar as consequências sociais da hanseníase, visto que há, até hoje, preconceitos em torno da doença.

2.3 HISTÓRIA DA HANSENÍASE

A hanseníase, historicamente chamada de lepra, é uma das doenças mais antigas conhecidas pela humanidade. Conforme apresenta o livro “História da Hanseníase no Brasil: Silêncios e Segregação” (2019), registros apontam a existência da enfermidade desde aproximadamente 5000 a.C., tendo sua disseminação iniciada nas regiões da Índia e China, para depois atingir o Japão e a Indonésia. Posteriormente, como consequência da expansão marítima e das trocas comerciais intensas, a doença chegou também a outros continentes.

No Egito, por volta de 3000 a.C., já eram encontrados indícios

da existência da lepra, mostrando como a doença se espalhou por diversas regiões do mundo desde os tempos mais antigos. Posteriormente, para Hipócrates, renomado médico da antiguidade, a lepra era considerada uma enfermidade “fenícia”, devido à sua associação com os navegadores fenícios, que contribuíram para sua disseminação pelo Mediterrâneo por meio das rotas comerciais — as quais levavam esses povos a diferentes localidades, facilitando o contato e, consequentemente, a propagação da doença.

Além disso, é importante destacar que, na antiguidade, as percepções religiosas exerceram papel crucial na maneira como os leprosos eram tratados. De acordo com o livro do Levítico (13, 45-46), os enfermos deveriam ser diagnosticados pelos sacerdotes, vivendo isoladamente e em condições humilhantes — usavam roupas rasgadas, cabelos despenteados e eram obrigados a alertar sua presença gritando “impuro, impuro”. Essa associação entre doença e impureza moral ajudou a construir um estigma que perdurou por séculos.

O medo da hanseníase e a visão de que a moléstia era uma “maldição divina” aumentaram práticas de extrema exclusão. Em diferentes sociedades, os doentes eram aprisionados, tinham suas casas incendiadas ou eram enviados a leprosários, especialmente a partir da Idade Média, período em que a criação desses espaços se intensificou, consolidando a segregação institucionalizada; ou seja, a exclusão de doentes era apoiada por instituições, leis e políticas.

Nesse mesmo contexto, apesar da diminuição dos casos e o esvaziamento desses espaços destinados aos leprosos, o modelo de exclusão permaneceu como herança cultural, como analisa Michel Foucault (2017). De acordo com suas teorias sobre biopoder — forma de poder que se exerce sobre a vida de outros, visando sua gestão — e controle social, a sociedade moderna herdou a prática de afastar aquilo que representa ameaça à norma, o que resultou, então, em um

afastamento dos leprosos da convivência social.

A partir do século XVI, com o fortalecimento da medicina europeia e o surgimento das primeiras universidades, o entendimento da lepra começou a se transformar, embora lentamente, visto que ainda se misturavam causas ambientais e místicas na tentativa de explicá-la. Entretanto, uma virada fundamental na história ocorreu em 1872, com a descoberta do agente etiológico da doença, já mencionado anteriormente. Esse marco científico não apenas iniciou uma nova era no tratamento da doença, como também fortaleceu a perspectiva bacteriológica na medicina moderna, mudando os paradigmas anteriores baseados em crenças religiosas ou hipóteses não comprovadas

Já entre o final do século XIX e início do XX, o medo em torno da hanseníase passou a ser utilizado para fins xenofóbicos. Nesse contexto, a doença foi associada a discursos de raça e eugenia, reforçando a exclusão de determinados grupos populacionais e impulsionando práticas de controle social. Essa associação mostra como a hanseníase foi utilizada para ideologias excludentes, servindo de justificativa para práticas discriminatórias.

No Brasil, os primeiros registros da presença da lepra remontam ao século XVII. Desde então, autoridades civis e religiosas viam a enfermidade como uma ameaça social e espiritual. Em 1713, o padre Antônio Manuel fundou, em Recife, um dos primeiros abrigos para leprosos em território brasileiro, indicando que, desde os primeiros momentos, a resposta à hanseníase se baseava na segregação institucional.

Ademais, segundo a obra “História da Hanseníase no Brasil: Silêncios e Segregação” (2019), com a consolidação do ensino médico no país, durante o século XIX, a abordagem terapêutica era marcada por tentativas de reequilibrar os “mecanismos fisiológicos” dos

pacientes. Em hospitais especializados, conhecidos como "hospitais dos lázaros", utilizavam-se métodos como sudoríferos, diuréticos, catárticos, vesicatórios e mercuriais.

Esses tratamentos tinham como objetivo estimular o corpo a eliminar o que se acreditava ser a causa das doenças: os sudoríferos provocavam suor intenso, os diuréticos aumentavam a produção de urina, os catárticos causavam evacuações rápidas, os vesicatórios geravam bolhas na pele e os mercuriais usavam o mercúrio como tentativa de eliminar infecções. A lógica por trás desses métodos era "expulsar" impurezas do organismo para restaurar a saúde. Porém, tais terapias, embora comuns à época, muitas vezes agravavam o sofrimento dos doentes, comprovando a limitação dos conhecimentos em saúde pública naquele período.

Conclui-se, portanto, que apesar dos avanços científicos e das tentativas de tratamento, o estigma social associado à hanseníase permaneceu enraizado ao longo dos séculos. Mais do que uma condição médica, a doença passou a representar, na mentalidade coletiva, um símbolo de exclusão e medo. A ideia de ameaça associada ao portador da hanseníase foi reforçada pelas práticas de isolamento e segregação, marcando a história dos doentes, visto que o preconceito e o tabu moldaram as vidas e os direitos daqueles que carregavam o fardo do diagnóstico.

3. PRECONCEITO E O IMPACTO DO ISOLAMENTO FORÇADO

3.1 OS TABUS QUE ENVOLVEM A HANSENÍASE: DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

A hanseníase, apesar de ser uma doença curável e contar com tratamento gratuito oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), acumula um estigma social que perdura há séculos e que continua impactando a vida de pessoas acometidas pela enfermidade. Conforme

registros históricos, os tabus associados à hanseníase derivam de crenças religiosas e de teorias baseadas em achismos, fazendo com que a enfermidade fosse transformada em um símbolo de impureza, castigo divino e pecado. No Brasil, esse imaginário sustentou políticas de segregação por meio da criação de colônias de isolamento, e, embora o isolamento compulsório tenha sido extinto oficialmente em 1962, sua prática continuou, de fato, até a década de 1980, privando milhares de pessoas de seus direitos civis, vínculos familiares e dignidade.

Além disso, o estigma foi reforçado pelo medo — sem fundamento — de contágio, perpetuado pela desinformação e pela ausência de campanhas públicas eficazes relacionadas ao tema. Segundo o Ministério da Saúde, a hanseníase exige contato próximo e prolongado com uma pessoa infectada e não tratada para haver algum risco de contaminação, pois, conforme dito anteriormente, cerca de 90% da população é naturalmente resistente à bactéria *Mycobacterium leprae*. No entanto, o desconhecimento sobre o assunto faz com que reações de medo, afastamento e até recusa de convivência sejam agravados, mesmo com pacientes já curados.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) *apud* EIDT (2004), o Brasil se configurava entre os países da América Latina com o maior número de casos de hanseníase — posição que permanece ocupando, segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2019). Apesar dos avanços nas políticas de diagnóstico e tratamento, o país continua enfrentando desafios para a eliminação da doença, especialmente por conta do preconceito, que ainda é apontado como um dos principais obstáculos para a eliminação da hanseníase. Ademais, esse estigma atrasa o diagnóstico, dificulta o tratamento e viola os direitos fundamentais das pessoas doentes, afetando, também, sua vida social.

Outro fator que contribuiu para o enraizamento dos preconceitos foi a forma como a doença de Hansen foi retratada historicamente na cultura popular. Durante séculos, a figura do leproso foi associada à marginalidade e deformação física, reforçando a imagem de segregação. Obras literárias, como o romance "Os Miseráveis", que retrata os leprosos como seres à margem da sociedade; textos religiosos, exemplificado pelo livro de Levítico, que apresenta os doentes de forma humilhante; além de produções cinematográficas, como no filme "Ben-Hur", que mostra a dura realidade enfrentada por pessoas com hanseníase, contribuíram para reforçar estigmas e preconceitos que influenciam negativamente a percepção sobre a doença. Ademais, essa herança simbólica ainda ressoa no pensamento da sociedade, fazendo com que uma visão mais empática e informada sobre a doença seja dificultada.

Além disso, o preconceito contra pessoas acometidas pela hanseníase também está diretamente ligado a questões de classe social e desigualdade. No Brasil, conforme mostram os dados do Ministério da Saúde, regiões do Norte, Nordeste e Centro-Oeste concentram os maiores índices de casos, revelando a forte relação entre vulnerabilidade social e incidência da doença. Esse cenário torna as pessoas acometidas pelo mal de Hansen duplamente vulneráveis, tanto pela doença em si quanto pelo contexto de exclusão social em que estão inseridos.

Esse fato faz com que o ciclo de estigmatização aumente, pois a falta de investimento em saúde pública em lugares vulneráveis economicamente intensifica o desconhecimento da população sobre a hanseníase. Por esse motivo, romper com o silêncio que ainda cerca essa realidade é um passo para a construção de uma sociedade mais consciente sobre esta doença.

3.2 O IMPACTO DO ISOLAMENTO FORÇADO

O isolamento forçado de pessoas com hanseníase foi uma política adotada por vários países a fim de evitar a propagação da doença, influenciando sua forma de tratamento. Essa prática, justificada pelo medo de contágio, levou à criação de colônias e leprosários — locais onde os doentes eram obrigados a viver afastados da sociedade —, frequentemente sem direito de retornar ao convívio familiar ou de exercer sua cidadania sem restrições ou limitações.

O livro “Hanseníase: A luta contra uma doença há muito esquecida” (2017), reforça esse cenário de exclusão. Na obra, Evelyne Leandro — brasileira radicada na Alemanha — relata sua experiência ao ser diagnosticada com hanseníase em um país onde a doença é considerada praticamente nula. Embora não tenha vivido o confinamento físico das antigas colônias, a autora relata como o isolamento social e psicológico persiste como herança do passado. Com isso, percebe-se que o isolamento ocorre mesmo sem a existência de barreiras físicas, visto que pacientes, até hoje, demonstram receio em compartilhar sua condição, justamente por supor que poderiam ser rejeitados ou tratados com desconfiança.

Por outro lado, CASTRO (2017), reúne diversos relatos de pessoas que viveram em leprosários no Brasil, revelando como o isolamento forçado foi implementado de maneira agressiva. Os depoimentos de pessoas acometidas pela doença mostram casos de mães afastadas de seus filhos, de indivíduos que passaram décadas em instituições fechadas, sem convívio com o mundo externo, e de pessoas que perderam totalmente o contato com seus familiares. Como descreve a autora,

Receber o diagnóstico de lepra era carimbar o passaporte para o inferno. Com a confirmação de que estava doente, Conceição foi isolada. Afastou-se dos filhos pequenos e seguiu para o leprosário, a colônia de leprosos, a prisão perpétua dos atingidos pelas chagas malditas. No isolamento compulsório,

descobriu que as crianças não poderiam visitá-la. Disseram-lhe para apagar o passado. Era preciso começar do zero. (2017, p. 21)

O fragmento apresenta as consequências do diagnóstico de hanseníase no contexto do isolamento compulsório, destacando a separação forçada de uma mãe dos seus filhos e a transferência para o leprosário. A metáfora “carimbar o passaporte para o inferno” evidencia a forma como a doença era associada ao sofrimento e à exclusão. Além disso, o leprosário é descrito como uma “ prisão perpétua”, o que revela a maneira como os indivíduos diagnosticados eram afastados da sociedade sem perspectiva de retorno. Ao receber a orientação de “apagar o passado”, a mulher é pressionada a aceitar a perda de sua identidade e de seus vínculos afetivos, evidenciando, assim, a lógica do abandono.

“Quando conquistaram a liberdade, depois de anos ou décadas de isolamento e sem contato com a família, não tinham mais para onde ir. O jeito foi chamar a antiga prisão de lar.” (CASTRO, 2017, p. 37). Esse trecho mostra como, após longos períodos de isolamento e afastamento familiar, muitas pessoas passaram a considerar o próprio leprosário como lar, justamente por não terem mais para onde voltar.

Por fim, o isolamento gerou consequências na vida de pessoas com hanseníase. Os indivíduos internados não perdiam apenas o contato com o mundo exterior, mas deles eram retirados aspectos importantes de sua identidade e liberdade. Muitos destes pacientes, mesmo sem risco de contágio e após o tratamento, continuavam sendo considerados ameaças à sociedade, demonstrando como o medo coletivo e o preconceito se sobreponham ao conhecimento científico sobre a doença.

3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A HANSENÍASE

As políticas públicas de combate à hanseníase no Brasil ganharam força durante o governo de Getúlio Vargas, na década de 1930. Durante o seu mandato, foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública, fazendo com que outros serviços de saneamento e inspetoria de profilaxia da lepra e doenças venéreas fossem extintos. Três anos depois, em 1933, realizou-se a Primeira Conferência Nacional de Lepra, que unificou diretrizes e introduziu o isolamento compulsório como política sanitária.

A partir de 1935, foi lançado um plano federal para a construção de leprosários e asilos-colônia em várias regiões do país. De acordo com MONTEIRO,

Esses espaços seguiam uma estrutura organizacional dividida em áreas: na primeira, a “zona sadia”, ficavam as residências dos funcionários e os prédios de administração, a casa de hóspedes, a portaria, a subestação de energia e a garagem. Na segunda, a “zona intermediária” encontravam-se os reservatórios de água, o posto de fiscalização de visitas e o local onde os doentes as recebiam. E, por fim, a “zona doente”, a mais importante, pois alojava as vítimas do mal de Hansen em casas e dormitórios coletivos. (2019, p. 40)

A passagem evidencia como os leprosários eram organizados de maneira setorizada e segregadora, refletindo a lógica de separação entre áreas consideradas “limpa” e “suja”, ou seja, entre os ambientes destinados aos saudáveis e aos pacientes. Além disso, a divisão em “zona sadia”, “zona intermediária” e “zona doente” revela não apenas uma estrutura funcional, mas também simbólica, que aprofunda o distanciamento social e o estigma em torno da hanseníase.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, o médico norte-americano Guy H. Faget, atuando no leprosário de Carville, na Louisiana — Estados Unidos —, iniciou testes promissores com o uso das sulfonas² no tratamento da hanseníase. No Brasil, conforme relata

² Conhecidas desde 1833, as quais foram utilizadas como taninos artificiais e inseticidas até o aparecimento do DDT.

CARVALHO apud MONTEIRO (2019), esse avanço chegou pouco tempo depois, em outubro de 1944, quando o médico Lauro de Souza Lima passou a empregar a nova substância de forma experimental no Sanatório Padre Bento, em São Paulo.

Ao longo do tempo, a aplicação do medicamento foi se intensificando e pacientes da Colônia Santa Izabel, em Minas Gerais, também passaram a ser tratados com as sulfonas. A nova droga apresentava uma ação significativa na interrupção da cadeia de transmissão da doença, uma vez que, logo no início do tratamento, o paciente deixava de oferecer risco de contágio. Ademais, esse avanço no tratamento da lepra fez com que houvesse um enfraquecimento dos fundamentos que justificaram o confinamento obrigatório de doentes nos antigos leprosários e colônias.

No entanto, apesar dos resultados positivos, o uso das sulfonas gerou intensas controvérsias tanto na esfera científica quanto na política de saúde pública. Durante vários anos, o novo tratamento enfrentou resistência por parte de especialistas e pacientes, que desconfiavam de sua eficácia ou temiam possíveis efeitos adversos. A novidade, portanto, embora revolucionária, não conseguiu superar os paradigmas vigentes nem romper com os modelos anteriores de controle da doença. Por isso, os leprosários continuaram sendo a principal medida profilática contra a doença de Hansen, sendo um deles o Hospital Colônia de Itapuã, no Rio Grande do Sul.

4. ESTUDO DE CASO: HOSPITAL COLÔNIA EM ITAPUÃ

4.1 HISTÓRIA DO HOSPITAL COLÔNIA DE ITAPUÃ

A construção do Hospital Colônia de Itapuã (HCI), inaugurado em 11 de maio de 1940, foi motivada por um projeto sanitário que pretendia “proteger” a sociedade sadia daquilo que se entendia, na

época, como uma ameaça à segurança pública — o indivíduo acometido pela hanseníase. Segundo a Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul (2005), o hospital foi pensado como um espaço de isolamento total, afastando do convívio social aqueles que portavam a doença de Hansen, visto que, naquele momento histórico, predominava o medo, o estigma e a ausência de terapias eficazes.

Além disso, a pressão da comunidade médica, do poder público e das elites acelerou a criação de colônias hospitalares em diversas regiões do país, dentre as quais a instalada em Itapuã, que assumiu o papel de principal instituição com esta finalidade no estado do Rio Grande do Sul. Nesse contexto, a hanseníase, mais do que uma enfermidade, era tratada como um sinal de degeneração, e a construção do hospital atendia ao desejo das instituições de controlar a população, afastando aqueles considerados impuros ou passíveis de contaminação.

A escolha da localização da colônia em Itapuã não foi aleatória, mas planejada para reforçar a lógica de exclusão e silenciamento. Conforme aponta a própria Secretaria Estadual de Saúde, a área escolhida, situada no município de Viamão, estava inserida em uma região de difícil acesso, cercada por morros e matas, com uma geografia natural que dificultava o contato com a população das zonas urbanas (IMAGEM 1, em anexo), fazendo com que o isolamento geográfico servisse como fronteira entre a sociedade sadia e a sociedade doente. Ademais, a paisagem da região (IMAGEM 2, em anexo), marcada por áreas de preservação ambiental e ausência de infraestrutura urbana, reforçava a ideia de que o enfermo deveria viver em um espaço separado, longe dos olhos do mundo, onde pudesse receber o tratamento para a doença de Hansen, ao mesmo tempo em que permanecia isolado do convívio social como parte de uma lógica de segregação.

Nos primeiros anos de funcionamento, a rotina do hospital era marcada por um controle rígido e pela imposição de uma disciplina quase militar. A estrutura da instituição refletia essa lógica, visto que contava com pavilhões coletivos separados entre homens e mulheres, uma capela no centro da colônia que reforçava a presença da religião como norma moral, além de cozinhas, lavanderias, postos médicos e uma área agrícola voltada para o próprio sustento, já que a autossuficiência econômica também fazia parte da ideia de exclusão.

Igualmente, nesse ambiente, os pacientes eram submetidos a regras duras de convivência e, muitas vezes, perdiam o direito de decidir sobre seus próprios corpos, relações e rotinas diárias. Assim, a vida dentro da colônia era conduzida pela vigilância constante e pelo silêncio imposto pelas autoridades, enfatizando a lógica de submissão e a necessidade de moldar comportamentos.

Outrossim, de acordo com FERREIRA e SERRES *apud* MONTEIRO (2019), durante quase 50 anos, cerca de 2.500 pessoas foram isoladas na colônia de Itapuã. A lei 610/1949 determinava que todos os doentes considerados contagiosos, e até aqueles classificados como não contagiosos que desrespeitassem as medidas sanitárias, deveriam ser segregados, sob a justificativa de proteção dos demais indivíduos da sociedade. Na prática, esse isolamento começou já com a inauguração do hospital e, muitas vezes, ignorava se a doença era realmente transmissível ou não.

Esse procedimento compulsório se manteve por décadas, evidenciando como a política de segregação não se limitava apenas a critérios médicos, mas também refletia um pensamento social de controle e discriminação de indivíduos considerados “perigosos” para a comunidade.

Ao longo das décadas seguintes, especialmente a partir da introdução das sulfonas e posteriormente da poliquimioterapia, o tratamento da hanseníase passou a oferecer resultados significativos, alterando a situação sanitária da doença e, consequentemente, a função dos antigos leprosários. Ainda assim, como ressalta a Secretaria Estadual de Saúde (2005), a transição do método do isolamento para a do tratamento ambulatorial foi lenta e marcada por resistências, tanto por parte da sociedade quanto dos próprios profissionais de saúde.

Mesmo após o fim oficial do isolamento compulsório, em 1962, os hospitais colônia, como o de Itapuã, permaneceram ativos e recebendo novos pacientes por mais duas décadas. Do mesmo modo, o fato da prática de confinamento se manter ao longo do tempo mostra como a exclusão dos considerados impróprios à convivência social se baseava não apenas em critérios médicos, mas também em valores morais e políticos que ignoravam o avanço científico.

Com o desenvolvimento das políticas públicas voltadas à saúde mental e à reintegração social, principalmente depois da Constituição de 1988, o HCI começou a seguir novas diretrizes do SUS. Aos poucos, foi deixando de ser um espaço de isolamento e passou a funcionar como um centro de atenção psicossocial e também como residência para antigos pacientes que continuaram vivendo ali, mesmo após a cura. Conforme aponta a Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul, o processo de desinstitucionalização ganhou força nos anos 2000, com a criação de unidades habitacionais independentes, acompanhamento profissional e ações de reinserção comunitária.

No entanto, muitos dos ex-pacientes optaram por permanecer no local, pois, após décadas de internação, seus laços familiares haviam sido rompidos, e a colônia havia se tornado o único espaço de pertencimento possível. Por fim, muitos destes residentes passaram a

considerar a antiga prisão como lar, revelando as feridas profundas deixadas pela exclusão prolongada.

4.2 BREVES RELATOS DE PACIENTES E MORADORES DO HCI

A chegada dos pacientes ao Hospital Colônia de Itapuã seguia um padrão institucional que refletia as práticas sanitárias e sociais da época. Na maioria dos casos, o processo começava com uma denúncia ou suspeita, seguida da confirmação do diagnóstico em unidades locais de saúde. A partir disso, as autoridades sanitárias organizavam o encaminhamento ao hospital, geralmente por meio de veículos fornecidos pelo poder público, como caminhões ou ambulâncias. O deslocamento, muitas vezes, ocorria sem aviso prévio às famílias, o que impedia qualquer possibilidade de preparo ou despedida.

Segundo FONTOURA, BARCELOS e BORGES (2003), muitos dos pacientes chegavam ao local com poucas informações sobre o que encontrariam. Em geral, traziam consigo apenas pertences pessoais e o peso do diagnóstico, visto que receber tal notícia era como uma sentença que os marcava socialmente. Somado a isso, esse modo de internação reforçava a ideia de que a hanseníase deveria ser tratada à parte, longe dos espaços de convívio social, o que contribuía para o distanciamento das redes de apoio familiar e comunitário.

Ainda conforme dados da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, o hospital recebia pacientes de diversas regiões do estado, sendo referência para o tratamento em regime de confinamento. A maioria dos casos vinha de áreas rurais ou periféricas, onde as condições sanitárias eram mais precárias e o acesso a informações de saúde limitado. Nessas localidades, o diagnóstico de hanseníase carregava grande estigma, o que dificultava a permanência da pessoa no ambiente de origem após a confirmação da doença, já que vizinhos, conhecidos e até familiares, muitas vezes, passavam a

olhar com desconfiança ou medo, alimentando tabus e reforçando o isolamento cotidiano.

A seleção para internação também levava em conta fatores como a gravidade do quadro clínico ou a falta de estrutura para tratamento ambulatorial no município. Assim, o encaminhamento ao Hospital Colônia não era apenas uma resposta ao diagnóstico, mas também uma forma de organização das políticas de saúde pública da época, centradas na lógica do confinamento. Essa prática refletia uma visão institucional de cuidado baseada no afastamento do doente como forma de controlar e prevenir a propagação da hanseníase.

Além disso, a chegada ao hospital representava o começo de uma nova rotina, que se distanciava completamente da realidade anterior dos pacientes, tanto em termos físicos quanto sociais. Por fim, o rompimento dos vínculos com o mundo exterior era frequente, não apenas pela localização isolada, mas também pelas mudanças que a internação trazia, evidenciando que o tratamento em regime fechado significava, muitas vezes, o início de um processo de esquecimento e afastamento da vida em sociedade.

Os depoimentos de ex-moradores e trabalhadores do Hospital Colônia de Itapuã revelam aspectos pessoais da experiência do isolamento por hanseníase no Brasil, trazendo vozes que expressam dor, resistência e humanidade dentro de um sistema que, por décadas, tratou pessoas doentes como riscos a serem ocultados da sociedade.

A enfermeira Rita Sosnoski Camello destaca, em depoimento ao vídeo “Vidas à Parte: a História do Hospital Colônia Itapuã” (2010), que os residentes que ainda vivem no hospital não permanecem ali por causa da doença em si, mas pelas sequelas sociais e físicas que ela deixou, continuando no espaço devido ao impacto social, às deformidades e à necessidade de cuidados contínuos. Essa observação evidencia um dos maiores problemas da exclusão, revelando a

incapacidade da sociedade de acolher aqueles que foram institucionalizados, mesmo depois de curados.

Dando continuidade, no relato de Lory Kunzler, encontramos um resumo do que foi viver, crescer e envelhecer dentro do Hospital Colônia. Internada aos 14 anos, ela inicia sua fala com a afirmação: “Eu era perfeita quando vim pra cá.” (BENITES, 2010, 02'46”), evidenciando a mudança que a doença e a internação provocaram em sua vida — antes do isolamento, sentia-se bem consigo mesma e respeitada, com identidade e dignidade preservadas; após o diagnóstico, essa percepção foi alterada, já que passou a ser vista e tratada de forma diferente pelos outros. Nesse contexto, a palavra “perfeita” não se refere apenas à ausência de sintomas físicos, mas também à sua condição de pertencimento social. Entretanto, a partir do momento em que foi diagnosticada e isolada, essa “perfeição” foi desfeita, tanto pela doença em si, quanto pela forma como os outros passaram a julgar e a discriminhar sua presença na sociedade. Lory também menciona episódios de convívio social dentro da colônia, como bailes, piqueniques, apresentações de teatro e comida preparada pela mãe. Esses momentos evidenciam que, mesmo em condições de isolamento, os internos criavam laços, rotinas e formas de manter alguma normalidade e convívio social. No entanto, esses momentos eram acompanhados por restrições desumanizantes, uma vez que visitas eram proibidas, e as despedidas com a família, negadas. Ela também conta que “tocavam a gente pra dentro que nem bicho” (BENITES, 2010, 03'21”), e cita o caso de um senhor que cometeu suicídio após uma dessas separações forçadas, mostrando como essa comparação à forma de tratar animais revela o modo como o poder institucional atuava sobre o corpo dos pacientes, um poder que, como analisa Foucault (1987), se exerce por meio da disciplina, da vigilância e da normalização dos indivíduos — transformando o corpo em objeto

de controle e apagando gradualmente sua identidade e autonomia.

Fora dos muros, o estigma não era menor. Lory Kunzler narra que, mesmo quando andava nas ruas de Novo Hamburgo, sendo ainda “perfeita”, já era reconhecida como alguém doente; como resposta, jogavam pedras e a chamavam de leprosa. Eram comuns essas atitudes porque, ao descobrir que a família havia contraído hanseníase, o padre proibiu seus pais — e, por extensão, toda a família — de frequentar a missa. Assim, a proibição religiosa acabou funcionando como um anúncio público da doença, transformando-a em um rótulo social.

Esses testemunhos demonstram que o Hospital Colônia foi um espaço de tratamento e, ao mesmo tempo, um ambiente em que se consolidaram políticas de exclusão que marcaram a memória e o corpo dos indivíduos. Dando continuidade às narrativas presentes no vídeo “Vidas à Parte: a História do Hospital Colônia Itapuã”, aparece a fala de Pedro Hansen, residente da instituição desde 1947. Ele conta que, ao entrar, já sabia que dificilmente conseguiria sair, pois conhecia o destino reservado a quem era levado a uma colônia. Esse depoimento mostra não só o sentimento pessoal de Pedro, mas também a forma como o asilo transformava a vida das pessoas, afastando-as quase por completo do mundo exterior.

Em seu relato, Guiomar da Silveira Marques, então diretora do Hospital Colônia de Itapuã, reforça que essa separação era institucionalizada. A própria organização do espaço refletia essa lógica, com áreas classificadas como “limpas” e “sujas” que dividiam ambientes e restringiam a convivência. Essa separação atravessava também as relações familiares, visto que mães eram afastadas de seus filhos recém-nascidos, impedidas de exercer o vínculo maternal inicial. Nesse contexto, o que se apresentava como medida sanitária, na prática, configurava um processo de desumanização cotidiana, que

naturalizava a exclusão e a ruptura de laços afetivos.

Na mesma linha, o depoimento do funcionário Paulo Roberto Goulart revela como o preconceito estava presente no cotidiano, mesmo entre aqueles que trabalhavam no Hospital Colônia. Dentro desse cenário, ele recorda um episódio ocorrido durante uma partida de futebol, quando recebeu um passe de um paciente, marcou um gol e, em seguida, viu o homem correr em sua direção para abraçá-lo; entretanto, movido pela crença de que o contato físico transmitiria a hanseníase, o funcionário reagiu instintivamente, afastando-se do paciente. Com o tempo, reconheceu que essa atitude nasceu da ignorância e do medo que dominavam a época. Ademais, sua trajetória mostra que o estigma não era imposto apenas de fora, mas também internalizado e reproduzido por quem fazia parte da própria engrenagem do lugar.

Além disso, algumas reportagens recentes têm revelado o movimento de filhos de pessoas atingidas pela hanseníase que buscam, por meio da justiça, o reconhecimento e a reparação pelos danos sofridos em decorrência da separação forçada de seus pais durante a infância. Esse processo de reivindicação, ainda em curso, mostra que os impactos do isolamento compulsório continuam afetando a vida de milhares de brasileiros que foram privados do convívio familiar, mesmo décadas após o fim das colônias.

O caso de Cláudio Jacó Hanzel ilustra os efeitos desse rompimento. Separado dos pais aos oito anos, Jacó e sua irmã foram levados para o orfanato Amparo Santa Cruz, instituição que acolhia filhos de pessoas diagnosticadas com hanseníase, em Porto Alegre. De acordo com CANOFRE (2018), essas crianças eram impedidas de manter qualquer vínculo afetivo com os pais, podendo visitá-los apenas duas vezes ao ano, através de uma mureta localizada junto ao portão de entrada do HCI; nela estava escrita a frase “Nós não caminhamos

sós" (IMAGEM 3, em anexo).

Além de relatar a experiência da separação, Jacó também levou seu caso à Justiça, buscando que o Estado reconhecesse oficialmente as violações cometidas durante a política de segregação. Após perder uma ação movida pela Defensoria Pública da União do Maranhão em 2015, o governo foi pressionado a divulgar um levantamento nacional sobre o número de filhos afetados pela política de isolamento compulsório.

O estudo apontou cerca de 14 mil pessoas atingidas, embora o cadastro do Movimento de Reintegração das pessoas acometidas pela Hanseníase (MORHAN), que há 37 anos atua na defesa dessa causa, registre mais de 15 mil nomes. Esse contraste entre os dados oficiais e os do movimento evidencia não apenas a dimensão do apagamento histórico, mas também a luta contínua por reconhecimento e reparação.

De modo complementar, a história de Joel Ramos Rosin reforça a dimensão institucional da segregação. Filho de pacientes internados compulsoriamente no Hospital Colônia Itapuã, Joel e seus onze irmãos foram separados dos pais logo após o nascimento e levados para o Amparo Santa Cruz. Já adulto, Joel afirma carregar as sequelas emocionais desse afastamento, reconhecendo que a infância foi marcada pela ausência parental e pela estigmatização. De acordo com MARIA (2025), ele e seus irmãos ingressaram com pedido de indenização junto ao Governo Federal, mas também buscam preservar a memória coletiva do hospital Colônia e de seus antigos moradores, por meio de ações culturais e da luta pelo tombamento histórico do espaço.

Essas memórias são fundamentais para compreender que a hanseníase não se restringiu a uma questão médica, mas afetou também a vida social dos acometidos pela doença, alterando a forma

como os indivíduos eram tratados e percebidos. O Hospital Colônia de Itapuã simboliza um modelo de exclusão que marcou gerações, e os testemunhos de seus moradores, como os de Lory, Pedro, Paulo, Jacó, Joel e tantos outros, tornam-se essenciais na preservação de uma memória capaz de expor injustiças. Nesse sentido, esses relatos nos obrigam a repensar os conceitos de “cura”, “doença” e “normalidade”, pois, para muitos dos que ali viveram, a verdadeira ferida nunca foi apenas a hanseníase, mas o esquecimento e o abandono impostos pelo preconceito.

4.3 A ATUAL SITUAÇÃO DO HOSPITAL COLÔNIA DE ITAPUÃ

O HCI, localizado no município de Viamão, no Rio Grande do Sul, ocupa uma área de mais de 1.200 hectares. Fundado em 1940 como espaço de isolamento compulsório para pessoas diagnosticadas com hanseníase, o hospital reúne hoje vestígios de uma história marcada pela exclusão social e pelo preconceito. Atualmente, vive uma fase de transição complicada, visto que, ao mesmo tempo em que o cuidado com os últimos moradores continua sendo garantido, a estrutura física do complexo apresenta sinais de abandono e os esforços para preservar sua memória enfrentam falhas institucionais.

Com a crescente reintegração social iniciada nos últimos anos, o número de residentes que vivem no HCI tem diminuído, considerando que muitos deles estão sendo transferidos para residências terapêuticas ou moradias assistidas com o apoio do Estado e da Prefeitura de Viamão. Essa mudança, inspirada nos princípios da Reforma Psiquiátrica — movimento que propôs a substituição da lógica hospitalar excluente por práticas de cuidado em liberdade, valorizando a dignidade, a cidadania e a autonomia das pessoas com transtornos mentais —, busca romper com o modelo asilar e restituir a autonomia de indivíduos que, por muito tempo, foram tratados como

prisioneiros sociais. Porém, como observa RADLEY apud MONTEIRO (2019) os impactos do confinamento não desaparecem com o fim das grades. Muitos ex-moradores continuam a carregar marcas invisíveis desse isolamento forçado, sustentando um sentimento de desenraizamento familiar, social e emocional — como se, mesmo fora dos muros, ainda fossem apontados como leprosos pela sociedade.

Esse estigma, incorporado ao longo de anos de marginalização, continua influenciando a forma como os sobreviventes da doença se percebem e são percebidos pela sociedade. Por isso, a preservação de sua memória e de seus registros não pode ser negligenciada, tendo em vista que eles representam uma parte importante da história de dor e resistência vivida por tantos.

Na tentativa de proteger esse legado, foi criado, em 1999, o Centro de Documentação e Pesquisa do HCI (CEDOPE), no prédio da antiga Casa das Freiras. O projeto reuniu documentos textuais, fotos, livros e relatos orais de antigos moradores, fontes necessárias para reconstruir a história da instituição e da saúde pública no Estado. No entanto, o CEDOPE passou por diversas interrupções, ficando anos fechado e sem manutenção adequada. Iniciativas posteriores, como parcerias com o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul e o Projeto Global sobre a História da Hanseníase — com apoio do Movimento de Reintegração das pessoas acometidas pela Hanseníase (MORHAN) e da Universidade de Oxford —, identificaram um cenário alarmante, pois a maioria das instituições semelhantes no Brasil enfrentava graves dificuldades na preservação documental.

Ao longo dos anos, a memória dos doentes passou a ser vista com novos olhos. Como destaca MONTEIRO (2019), a valorização da história dos sujeitos marginalizados permitiu que os ex-pacientes ganhassem espaço como protagonistas, o que se reflete em seus testemunhos, que revelam não só as experiências de dor, mas também

formas de lidar com a doença, preservar sua dignidade e reconstruir suas vidas dentro da realidade da hanseníase. Nessa perspectiva, o patrimônio do HCI não se restringe à arquitetura, abrangendo também narrativas, objetos do cotidiano, imagens e vestígios afetivos deixados pelas pessoas que ali moravam.

No entanto, o que se observa hoje é um processo de degradação visível, com muitos prédios apresentando infiltrações, telhados desabando e estruturas sendo tomadas pelo mato (IMAGEM 4, em anexo). O espaço que um dia abrigou vidas e histórias encontra-se parcialmente em ruínas, ameaçado pela falta de políticas públicas consistentes de preservação. Embora exista um processo de tombamento em andamento desde 2013, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, apenas a antiga igreja luterana, projetada pelo arquiteto alemão Theodor Wiederspahn, é oficialmente protegida.

Os demais edifícios seguem vulneráveis a vandalismos e à ação do tempo, ocasionando dano ao patrimônio público.

A discussão sobre a patrimonialização do hospital, como evidencia PRATS apud MONTEIRO (2019), envolve também uma reflexão ética, pois implica reconhecer a existência de um “patrimônio incômodo” — lugares que evocam traumas coletivos, violações de direitos e exclusão social. Conservar esses espaços, no entanto, é fundamental não apenas como dever com a memória das vítimas, mas também como ferramenta política no presente, uma vez que, ao dar visibilidade às histórias silenciadas, é possível reconhecer os direitos desses grupos e impedir que injustiças semelhantes se repitam.

Em síntese, o Hospital Colônia de Itapuã vive entre um passado ainda doloroso e um futuro incerto, marcado pelo risco de degradação física e pelo esquecimento de sua memória. Portanto, preservar a história desse lugar é um compromisso com a dignidade de quem ali

viveu e um alerta para as novas gerações sobre os perigos do preconceito disfarçado de política sanitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hanseníase, embora atualmente seja uma doença curável e com tratamento gratuito disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), permanece cercada por estigmas, exclusão social e memórias de um passado de segregação institucionalizada. Este trabalho buscou evidenciar como o preconceito, expresso na estereotipação e exclusão dos doentes do convívio social; a desinformação, marcada pela falta de conhecimento da população sobre a transmissão e a cura; e a negligência política, refletida na demora histórica do Estado em garantir políticas públicas de saúde e inclusão efetivas, moldaram a trajetória da doença³ no Brasil, deixando impactos profundos e duradouros sobre a vida dos acometidos.

A análise do Hospital Colônia de Itapuã revelou que políticas públicas de décadas passadas foram pautadas mais pelo medo do que pela ciência. Nesse contexto, o confinamento compulsório, legitimado sob a justificativa da proteção sanitária, resultou em práticas que desumanizaram pacientes, romperam vínculos familiares e consolidaram uma lógica de exclusão sustentada por critérios sociais, morais e econômicos mais do que médicos. Os depoimentos apresentados ao longo do trabalho reforçam essa constatação, ao evidenciar a dor da separação familiar, a marca do estigma e a sensação de perda da dignidade vivida pelos pacientes.

Além disso, os relatos de antigos internos revelaram dores invisíveis, causadas não apenas pela enfermidade, mas, sobretudo, pela forma como a sociedade respondeu a ela.

Assim, a segregação não se encerrou com o tratamento e nem mesmo com a cura, visto que o estigma permaneceu impregnado nas identidades dessas pessoas. Desse modo, os espaços antes destinados ao isolamento acabaram se transformando, para muitos, no único lar possível diante do abandono externo.

Ademais, a perpetuação do preconceito persiste até hoje, estando associada a contextos de vulnerabilidade social, marcados pela falta de informação e de acesso à saúde. Assim, a hanseníase ultrapassa a abordagem sanitária e se apresenta como uma questão de justiça social, que exige não só o enfrentamento da doença, mas também das marcas de exclusão e silenciamento institucional. Preservar a memória de espaços como o Hospital Colônia de Itapuã, nesse sentido, é reconhecer erros históricos e compreender que a patrimonialização da dor não é culto ao sofrimento, mas um gesto de reparação e aprendizado coletivo. Afinal, a luta contra a hanseníase não se encerra com a cura bacteriológica, mas apenas com a superação definitiva do preconceito, da desinformação e da injustiça social que a acompanharam.

Nessa perspectiva, a pesquisa alcançou os objetivos propostos ao demonstrar que o isolamento vivido no Hospital Colônia de Itapuã resultou de construções sociais marcadas pelo estigma e pela exclusão. O resgate do percurso histórico mostrou como a hanseníase foi associada a práticas de segregação, enquanto a análise da rotina institucional evidenciou mecanismos de controle que reforçaram a marginalização. A valorização dos relatos de antigos internos possibilitou recuperar memórias e identidades silenciadas, e a reflexão final destacou a preservação do HCI como patrimônio coletivo, essencial para a reparação histórica.

Por fim, a pesquisa respondeu à pergunta norteadora do trabalho ao demonstrar que o discurso sanitário e o preconceito social se

entrelaçaram para legitimar o isolamento compulsório de pessoas diagnosticadas com hanseníase, especialmente no Hospital Colônia de Itapuã, gerando marcas humanas e históricas profundas. Tais impactos se manifestaram na exclusão social, na desestruturação de vínculos familiares e na persistência do estigma, evidenciando como políticas de saúde podem proteger ou, ao contrário, marginalizar.

Ao reconhecer esses efeitos, a pesquisa reforça a importância de preservar a memória do HCI como patrimônio coletivo, garantindo que os erros do passado sirvam de alerta e aprendizado para as futuras gerações, e lembrando que a luta contra a hanseníase vai além da erradicação da doença, envolvendo também a superação do preconceito e da injustiça social.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Levítico. In: Bíblia Sagrada. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/13/45,46>>. Acesso em: 23 Abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Situação epidemiológica da hanseníase. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hansenias/situacao-e-pidemiologica/dados-epidemiologicos>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CASTRO, Manuela. A praga: O holocausto da hanseníase. Histórias emocionantes de isolamento, morte e vida nos leprosários do Brasil. 1^a edição. São Paulo: Editora Geração, 2017.

CONOFRE, Fernanda. Filhos de pessoas isoladas em colônias de hanseníase lutam por reparação. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/06/11/filhos-de-pessoas-isoladas-em-colonias-de-hansenias-lutam-por-reparacao>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

EIDT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. Revista Saúde e Sociedade, 2004. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nXWpzPJ5pfHMDmKZBqkSZMx/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FONTOURA, Arselle de Andrade da; BARCELOS, Artur H. F.; BORGES, Viviane Trindade. **Desvendando uma história de exclusão: a experiência do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital-Colônia Itapuã.** 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/w9jCtBBM84QqfhFrydmS4SB/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 22 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOV.BR. **Hanseníase.** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/hansenise>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

GOV.BR. **Hospital Colônia Itapuã comemora 65 anos.** 2005. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/hospital-colonia-itapuacomemora-65-anos?utm_source>. Acesso em: 22 set. 2025.

GOV.BR. **Saúde dá início a desinstitucionalização de pacientes e ex-pacientes do Hospital Colônia Itapuã.** <https://saude.rs.gov.br/saude-inicia-processo-de-desinstitucionalizacao-de-pacientes-e-ex-pacientes-do-hospital-colonia-itapuacomemora-65-anos?utm_source>. Acesso em: 22 set. 2025.

LEANDRO, Evelyne. **Hanseníase: A luta contra uma doença há muito esquecida.** 1ª edição. Curitiba: Associação Eunice Weaver, 2017.

MARIA, Marihá. **Movimento busca filhos de pacientes do Hospital Colônia Itapuã para garantir acesso a indenização.** Sul21, 2025. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/geral/2025/05/movimento-busca-filhos-de-pacientes-do-hospital-colonia-itapuã-para-garantir-acesso-a-indenizacao/>>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **História da hanseníase no Brasil: silêncios e segregação.** 1ª edição. São Paulo: Editora Intermeios, 2019.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Como é o contágio da hanseníase?** 2023. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/01/como-e-o-contagio-da-hansenise>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

OPAS. Estigma e discriminação são obstáculos para acesso ao diagnóstico precoce e tratamento da hanseníase nas Américas. 2019. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/25-1-2019-estigma-e-discriminacao-sao-obstaculos-para-acesso-ao-diagnostico-precoce-e>>. Acesso em: 10 Ago. 2025.

ROTOLO, Leonardo. **Hanseníase.** Revista Tua Saúde. 2025. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/hansenias/>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SEMPREBEM. **Tipos de hanseníase.** 2023. Disponível em: <<https://semprebem.paguemenos.com.br/posts/saude/tipos-de-hansenias/>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

THIAGARAJAN, Kamala. **Hanseníase: a doença antiga que a ciência não consegue eliminar.** BBC. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-64450675>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

TORRES, Raquel. **Isolamento obrigatório.** Fiocruz, 2022. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/isolamento-obrigatorio>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VIDAS À PARTE: A HISTÓRIA DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ. [vídeo]. vbenitess, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=biuXRGdlqOo>>. Acesso em: 21 set. 2025.

ANEXOS

Imagen 1: Distância do HCI e da capital



Fonte: Google Maps (2025)

Imagen 2: Vista atual das instalações



Fonte: Google Maps (2025)

Imagen 3: Portão de entrada da Colônia



Fonte: Guilherme Santos (2018)

Imagen 4: Deterioração de construção no HCI



Fonte: Guilherme Santos (2018)

LIQUIDEZ SOCIAL E CULTURA DO CONSUMO: A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS TRANSITÓRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Gabriela Pedroso Trapp
Marthina Carboni Ribeiro
Nina Cardarello Pörtner

"As relações sociais são como as águas. Há uma certa beleza na superfície, mas na profundidade um mar de possibilidades." (Daniel Perera)

RESUMO: Este artigo analisa como a aceleração da vida moderna, o excesso de escolhas e o imediatismo impactam as relações humanas no século XXI. A partir de conceitos como o paradoxo da escolha - de Schwartz- e as relações líquidas - de Bauman - discute-se como o consumo, as redes sociais e a cultura do espetáculo intensificam o vazio existencial e fragilizam os vínculos sociais. Observa-se que, embora ofereçam certa liberdade e diversidade, essas transformações produzem conexões superficiais e descartáveis, marcadas pela instabilidade e pela busca incessante por reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Aceleração, Relações Líquidas, Vazio Existencial, Consumo.

ABSTRACT: This article analyzes how the acceleration of modern life, the excess of choices and the immediatism impact on the human relationship in the XXI century. Starting from concepts like the Paradox of Choice - from Schwartz- and the liquid relationships - from Bauman - it is discussed how the consumerism, the social media and the culture of spectacle intensify the existential hole and fragilizes the social bonds. It is remarked that, besides they offer certain freedom and diversity, these transformations produce superficial connections and are disposable, marked by the instability and the incessant search for recognition.

KEYWORDS: Acceleration, Liquid Relationships, Existential Hole, Consumerism.

1. INTRODUÇÃO

Devido ao fenômeno da globalização, especialmente da sociedade em rede, que promove conexões sociais, econômicas e políticas entre diversas regiões do planeta, em caráter simultâneo e permanente, podemos notar algumas mudanças na forma de vivermos, pensarmos e nos portarmos diante do mundo, principalmente quando falamos das relações interpessoais. Nesse sentido, observa-se uma aceleração da vivência humana, a qual exige mudanças constantes, passando a integrar a constante transitoriedade.

Ademais, as redes sociais - e todas as informações que elas trazem - contribuem para essas transformações contínuas e ampliam o leque de possibilidades, ocasionando um “mar de escolhas” que pode gerar uma sobrecarga no momento de tomar uma decisão. Dessa forma, os vínculos entre os seres humanos acabaram se fragilizando, se mostrando transitórios e descartáveis, vistos atualmente como mercadorias efêmeras na sociedade contemporânea.

O presente artigo pretende abordar uma realidade cada vez mais enraizada em nossa vida cotidiana, o isolamento social resultado de uma sociedade progressivamente mais acelerada e narcísica. Qualquer pessoa que tenha o mínimo de vivência social hoje, reconhece a importância de refletir sobre tal fenômeno presente em nossa atualidade, bem como os riscos pelos quais uma sociedade corre sem a manutenção de seus vínculos socioemocionais e solidários. Desse modo, este artigo não traz somente a nossa motivação individual, mas também apresenta uma busca por respostas diante da crescente mudança nas formas de se relacionar com o próximo.

Assim, as relações líquidas são o objeto central de estudo deste trabalho, e apresentaremos elas desde seu surgimento até como funcionam na sociedade atual. Além disso, os conceitos demonstrados servirão para contextualizar o tema e auxiliar a compreensão do leitor sobre a temática abordada. Frente a isso, poderemos concluir de que forma a transitoriedade que marca o período em que vivemos desenha a maneira como a sociedade se relaciona, em suas diferentes esferas. Dito isso, ao longo do processo apresentou-se a questão norteadora: “Como a lógica da aceleração e do consumo influencia a experiência do vazio existencial e a liquidez dos vínculos sociais no século XXI?”.

Buscando compreender os efeitos da modernidade hiperacelerada na sociedade contemporânea, a importância do estudo está em refletirmos criticamente sobre como o ritmo frenético da vida,

o consumo incessante e a exposição contínua nas redes digitais influenciam nossas emoções e relações, em sua maioria deixando as pessoas com sentimentos de vazio e insatisfação. A pesquisa é dividida em três partes principais: “O Paradoxo da Escolha”, fala sobre o leque de opções como pivô da ansiedade, podendo até paralisar na hora de tomar uma decisão; a segunda, “A Felicidade como Mercadoria na Era Digital”, analisa como a busca por felicidade virou um produto que podemos comprar; e a terceira, “O Imediatismo nas relações”, discute sobre a efemeridade dos laços afetivos na sociedade líquida.

Os conceitos de vida acelerada, felicidade líquida e Sociedade do Espetáculo se conectam às ideias de Freud em sua obra “Sobre a Transitoriedade” (2010). Eles mostram um cenário onde o desejo humano fica preso na lógica do consumo e da aparência. A tese principal é que essa aceleração e esse consumo não moldam só a forma como vivemos, mas também criam uma experiência de vida superficial, na qual perdemos o sentido mais profundo das coisas.

2. ACELERADOS E INSATISFEITOS: O PARADOXO DA ESCOLHA NA MODERNIDADE

É inegável que no contexto em que estamos submersos encontramo-nos fadados a vivermos um estado acelerado da vida. Estado este que pode ser explicado por variáveis como a inserção de mecanismos tecnológicos digitais nos meios laborais e sociais; a automatização, que torna o esforço humano obsoleto; a cultura do consumo; e a cultura do desempenho, baseada em resultados rápidos e constantes.

O filósofo francês LIPOVETSKY (2004), ao tratar da vida acelerada, aponta não para a falta, mas para o excesso, que tem por consequência a indiferença. O culto à modernização dita a velocidade da população. É notório que estamos em um período marcado por

transições contínuas. Segundo ele, a quantidade de informações despejadas sobre todos cotidianamente repercute na incapacidade de espantar-se ou surpreender-se, uma vez que a chegada incessante dessas informações nos leva ao esquecimento, ao descarte. O surgimento das IA's, por exemplo, apresenta-se como a representação das mais caricatas do imediatismo que, devido à sua urgência, carece inevitavelmente de base. Seu reflexo na modernidade faz com que a sociedade perca o hábito de exercitar práticas fundamentais para o desenvolvimento e o equilíbrio do espírito e o raciocínio humano de tomar tempo, justamente, para refletir e exercitar o raciocínio, por mais desconfortável que seja. A liberdade, ou não, de obter uma resposta instantânea para todo o tipo de assunto resulta na auto sabotagem, por conta da acomodação, que prejudica o processo do raciocínio.

Tudo deve ser inovador, eficaz e veloz - isso manifesta-se em todas as áreas da vida, desde renovações tecnológicas até o comportamento humano. A própria sociedade solicita tais mudanças, alimentando um ciclo contínuo de atualização e descarte. Contudo, as transformações ocorrem de uma forma demasiadamente acelerada para conseguirmos ajustar-nos antes que mude novamente. Tal fator provoca uma sensação constante de instabilidade, como se buscássemos alcançar algo que se modificou no instante seguinte.

Assim sendo, tornou-se comum a sensação de que o tempo está passando muito rápido. No contexto da vida adulta, a jornada de trabalho muitas vezes rouba as horas de maneira imperceptível avançando em uma rotina automatizada: exercemos tarefas cotidianas e voltamos ao início. Assim, a população, em sua maioria, costuma presenciar uma sensação complicada de nomear: um vazio que não se apresenta visível em virtude de compromissos lotados e objetivos laborais.

No entanto, por mais que obtivéssemos conquistas materiais e uma sensação de ocupação constante, ainda há uma sensação de carência de sentido em nossas vidas, mesmo que fisicamente presentes, permanecemos perdidos do nosso interior, à procura de algo que nem sabemos o que é. A vida passa, mas deixa a sensação de que algo imprescindível é perdido: o significado dos nossos dias.

Na acelerada vida moderna onde o tempo é escasso e estamos constantemente agindo como se tudo precisasse ser imediato, as relações humanas convertem-se também em rasas. A correria do cotidiano faz com que relações duradouras abram margem para laços superficiais em razão de tais interesses imediatos. Assim, como dito pelo médico austríaco Sigmund Freud, em seu ensaio de 1916 intitulado "*Vergänglichkeit*" ("Sobre a Transitoriedade"): diante da efemeridade da vida, as pessoas procuram ir atrás daquilo que as beneficiem, trazendo conforto e tranquilidade. Desse modo, muitas pessoas passam a estabelecer relações com base no que o outro provém.

A aceleração da vida descrita, impulsionada pela tecnologia e pela globalização, resultou em um crescimento da variedade de opções disponíveis em quase todas as áreas. Se anteriormente nos era apresentada uma menor quantidade de possibilidades de escolhas de produtos e carreiras, e até mesmo diversão, atualmente somos inundados com uma imensa variedade de opções ilusórias. Este excesso leva a um paradoxo: mais escolhas levam à paralisia e à insatisfação.

O conceito Paradoxo da Escolha surgiu através do psicólogo e professor norte-americano Barry Schwartz no seu livro "O Paradoxo da Escolha: Por Que Mais é Menos" (2004). Trata-se de uma obra sobre como ter mais opções pode aparentar ser mais aprazível, porém o fato de termos um cardápio de possibilidades acarreta problemas como:

Arrependimentos: Com uma demasiada carga de informações é simples pensar que teríamos feito uma melhor escolha, gerando sentimentos de arrependimento e descontentamento com a decisão tomada;

Expectativas: O elevado número de opções aumenta nossas expectativas a respeito das consequências de nossas próprias escolhas. Quando o cenário não condiz com essas esperanças, desenvolvemos um sentimento de frustração, por mais que o escolhido seja objetivamente bom;

Paralisia: Em frente a diversas opções, muitas vezes enfrentamos problemas para tomar decisões, postergando ou esquivando-se da escolha totalmente;

“Maximizadores”: Aqueles que se preocupam em sempre tomar a melhor decisão (“maximizadores”), tendem a ter sua felicidade suprimida em relação aos que se contentam com o “bom o suficiente” (“satisficers”). O medo de se arrepender e o empenho para achar a opção perfeita, podem gerar ansiedade e insatisfação;

Oportunidade: Cada escolha, automaticamente renúncia todas as outras alternativas. Quanto maior for a quantidade de opções, maior o custo de oportunidade, o que aumenta uma insatisfação com a decisão feita.

O Paradoxo da Escolha denota que, mesmo que uma quantidade mais abrangente de possibilidades proporcione contentamento e liberdade, esta se mostra uma faca de dois gumes, uma vez que também pode levar à incerteza e frustração. Além disso, essa sobrecarga de decisões, ao invés de nos direcionar à tão sonhada realização, tem o costume de distanciar-nos de nós mesmos, desencontro esse que gera uma sensação de vazio: o vazio existencial de quem vive submerso em tudo, mas ainda assim, sente falta de algo fundamental e desconhecido.

Nesse viés, o vazio existencial é uma forte sensação de ausência de significado ou objetivo próprio. Parece possuir um vazio interior, uma falta de sentido que leva a questionamentos sobre a sua existência. Aqueles que costumam experienciar essa lacuna presente, tem o hábito de sentirem-se desmotivados, apáticos e alheios a si mesmos. Desse modo, existem inúmeras causas para a eclosão desse sentimento, sendo elas: influências socioculturais, isolamento social, falta de autoconhecimento, experiências traumáticas e perda de propósitos ou crenças.

Segundo Søren Kierkegaard (2010), filósofo e teólogo dinamarquês, o verdadeiro preenchimento só pode ser encontrado no estágio religioso - o qual é marcado em sua teoria por uma fé paradoxal e um relacionamento direto com Deus - por meio de uma fé genuína e pessoal nele. O vazio é, nesse caso, a experiência marcada pela carência de uma relação significativa com o Absoluto. Seguindo essa linha, Friedrich Nietzsche (2006), filósofo alemão, enxergava o vazio existencial como a consequência direta da morte de Deus e da percepção da falta de propósito pertencente ao universo. Nesse caso, o niilismo torna-se a experiência desse vazio, contando com uma filosofia que busca ocupar esse vazio com a autoafirmação da vida: a criação de valores individuais e a procura interminável pela superação pessoal através da vontade de potência.

Diante do exposto, o filme Matrix, produzido por Joel Silver, em 1999, trata de uma metáfora para o vazio existencial, experienciado por muitos no atual corpo social. No enredo, os personagens habitam em uma realidade projetada, feita para deixá-los resignados enquanto suas vidas reais são sugadas sem que percebam - uma evidente analogia sobre a rotina robotizada, pautada por expectativas sociais, consumismo e um falso livre-arbítrio. A decisão do protagonista entre a pílula azul, que o deixaria em uma falsa situação cômoda, e a pílula

vermelha, que demonstra a natureza real e crua, caracteriza o embate com a angústia existencial: acordar para a verdade em que a vida pode ser monótona, porém é só por meio dela que nos é permitido procurar sentido legítimo. Igual ao filme, quebrar com o conformismo necessita coragem, visto que, requer defrontar-se com o vazio, indagar a existência em si e ir ao encontro da verdade que, em diversos momentos, se apresenta incômoda, porém real.

3. A FELICIDADE COMO MERCADORIA NA ERA DIGITAL

Na contemporaneidade, marcada pela constante aceleração das transformações tecnológicas e sociais anteriormente citadas, observa-se o crescimento de um curioso paradoxo derivado da esfera digital: quanto mais conectados estão os indivíduos, maior é a sensação de distanciamento e solidão. As redes sociais, embora facilitem o acesso à informação e o contato com outras pessoas, tornam-se também a origem de uma projeção de realidade que produz e consome uma imagem idealizada da felicidade. Esta é a *felicidade líquida*, conceito criado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008) que descreve uma sensação efêmera de comodidade, esculpida pela lógica da aparência e, consequentemente, nos dias de hoje, do consumo.

Em uma sociedade capitalista em que o consumo determina o comportamento, o uso da publicidade acaba, na maior parte das vezes, por reafirmar estereótipos espetaculares e padrões líquidos de vida. Nesse caso, percebe-se um corpo social cujo pensamento crítico e senso de coletividade são deixados de escanteio, ao mesmo tempo que são dadas às massas uma falsa noção de liberdade que cria uma pseudo unidade. No âmbito das redes sociais, nota-se a dissociação entre a realidade de fato vivida e a desejada na internet. Esta discrepância causa uma constante busca pela felicidade prometida, a qual é impossível ser obtida de forma constante e duradoura.

Uma obra que pode exemplificar o que foi dito é a "Sociedade do Espetáculo", livro escrito por Guy Debord (1967). Nele, é possível ver uma crítica sobre a sociedade atual, na qual o autor afirma que o possuir e o mostrar superam o viver e o experienciar. Neste espetáculo, os indivíduos ficam alienados da vida e de si mesmos, separando-se da sua própria realidade e seguindo para um contexto distorcido. Neste cenário, tudo vira mercadoria - sentimentos, tempo e cultura - e o foco é exibir a maior quantidade de bens possíveis, sem desfrutá-los de fato. Ademais, a gana por possuir mais à medida que são apresentados novos bens a serem possuídos nunca é verdadeiramente saciada. Afinal, não seria lucrativo caso pudesse ser.

Essa espetacularização e propagação de uma realidade completamente maquiada são, ao mesmo tempo, a causa e o principal agravante do fenômeno contemporâneo de perda de identidade. Nesse sentido, um bom exemplo do tipo de persona desenhada anteriormente seria o fenômeno da influenciadora Virgínia Fonseca. Como também dito por GIUSTI (2023), o modelo de vida, os bens materiais, os hábitos, as formas de se vestir, se alimentar, se exercitar, se maquiar, entre outros tipos de influências intensamente divulgadas protagonizam a manutenção desse sistema no qual as aparências são a base.

A partir disso, a Felicidade Líquida nasce da expectativa de sanar, através do consumo, o cansaço e a angústia do dia a dia do cidadão cujas condições não permitem alcançar esse nível de luxo. São então criados objetos de desejo: materiais (como dispositivos eletrônicos, imóveis, aparelhos, alimentos, suplementos, procedimentos estéticos, etc) e imateriais (como tempo para ir à academia, para passar tempo com os filhos, rotinas tranquilas, saúde, entre outros). Nesse caso, o objetivo é de se aproveitarem da fragilidade da população economicamente distante da posição social difundida a partir do

espetáculo e da publicidade. Assim, o pico relâmpago de felicidade chega ao consumir a mídia, e, logo em seguida, se esvai.

É de conhecimento geral que o indivíduo sempre buscou uma forma de se conhecer e reconhecer. O que normalmente ocorria por meio dos diferentes tipos de relações, incluindo a relação do indivíduo consigo mesmo - como disse Sócrates "Conhece-te a ti mesmo" - agora ocorre por meio das mídias. Atualmente, a velocidade e intensidade com que as influências chegam às massas populares fazem com que, por uma manobra midiática e capitalista, o ser humano inicie uma busca incansável por um objetivo inalcançável, seja por contextos sociais e realidades econômicas distintas ou, simplesmente, pelo fato de tentar atingir uma ilusão que, na realidade, é impossível. É importante destacar que esse não se resume a um problema individual, e sim a um problema estrutural e cultural da sociedade contemporânea.

Essa busca por reconhecimento pode levar à desumanização: à perda da subjetividade que caracteriza o ser humano. Dessa forma, as relações interpessoais passam a submeterem-se a lógicas de mercado, ou seja, não deixam espaço para vínculos autênticos, o que as tornam líquidas. Bauman (2004) traz uma reflexão acerca do exposto sobre o real e o virtual, sendo o *online* marcado pelas redes sociais, atuando como uma bolha que pode ser facilmente excluída de nossas vidas. Nesse caso, abre-se margem para relações frívolas, de fácil descarte e baseadas em conveniência. Esse fator leva à coisificação do ser humano, que passa a ser percebido como objeto desejado enquanto necessário, rejeitado quando dispensável.

À título de exemplificação do fenômeno descrito temos a série de televisão "*Pretty little liars*", produzida por Marlene King. O enredo da obra retrata com fidelidade o fenômeno social definido por Zygmunt Bauman, marcada por traições veladas, desconfianças entre as

protagonistas e o que o filósofo descreve como insegurança típica das relações líquidas. Ao longo do enredo, as personagens são inseridas em conflitos que salientam a fragilidade das amizades, apresentando uma conexão afetiva instável sem espaço para laços duradouros.

Além disso, um dos exemplos mais evidentes é ilustrado pelo papel da Alisson DiLaurentis no seriado: uma garota manipuladora que utiliza das fraquezas das amigas para benefício próprio. Tudo construído, à primeira vista, de maneira intensa, mas à medida que a história se aprofunda, revela-se ser baseada em conveniência. Em síntese, a série revela o caráter descartável das conexões, afinal, “Nas relações líquidas, o outro é um objeto de consumo: valorizado enquanto satisfaz, descartado quando deixa de servir” (BAUMAN, 2004, p.12). Nesse caso, explorando a relação entre a ficção e o mundo real líquido, tratando os vínculos como instrumentos para conquista própria, o que o sociólogo polonês define como conexões de bolso: fáceis de fazer e mais fáceis ainda de descartar.

Dito isso, ao observar o pilar da tecnologia sendo formado com a ajuda de outras bases, tais como: a velocidade em que se move a vida moderna, sustentando encadeamentos que constituem a nossa sociedade, associadas às inseguranças germinadas pela efemeridade dos vínculos, ficam evidenciadas as relações transitórias, um dos marcos da modernidade, que será objeto de estudo na próxima parte do presente estudo.

4. AMORES COM DATA DE VALIDADE: O IMEDIATISMO DAS RELAÇÕES HUMANAS

Nas relações transitórias, os compromissos são frequentemente encarados como limitações que resultam em perda de autonomia. Na maioria dos casos, a postura de distanciamento perante as relações recíprocas que envolvem vínculos afetivos, aparece como um

mecanismo de defesa contra a decepção e a dor emocional. Esse comportamento dialoga com o livro já citado anteriormente “O Paradoxo da Escolha: Por que mais é menos”, que elabora a reflexão de que, na busca por evitar frustrações e arrependimentos, o envolvimento de uma relação pode ser enfraquecido quando ambos querem, a todo custo, proteger-se das possíveis consequências.

Nesse sentido, ao pensarmos nas relações no mundo atual, não podemos deixar de fora as redes sociais e o papel que desempenha na interação entre as pessoas. O ambiente digital traz a sensação de estarmos sempre conectados, de maneira rápida e fácil, com qualquer tipo de destinatário, em qualquer lugar do mundo. Contudo, esses vínculos estabelecidos podem ser, ao mesmo tempo, criados e dissolvidos no transcorrer de segundos, reforçando seu caráter frágil e transitório. Um exemplo seriam os aplicativos de relacionamento, os quais mudaram totalmente a forma de se relacionar. Neles, o indivíduo pode tranquilamente escolher com quem quer iniciar algo e quem não parece interessante, a partir, muitas das vezes, de características consideradas supérfluas, como a aparência, por exemplo. Esse último cenário, por sua vez, pode tornar as relações naturalmente passageiras e dificultar o contato mais profundo. Entretanto, também é necessário pontuar que não existe necessariamente um problema no desejo por esse tipo de relação. Assim como tantas outras, ela é um reflexo criado a partir do contexto dos tempos modernos, e não cabe a nós fazermos nenhum tipo de juízo de valor.

Para além disso, deparamo-nos, também, com o fenômeno metaforicamente designado como *gamificação* dos relacionamentos: em que os laços mimetizam parte de um jogo. Até então, não há novidade, pois desde os primórdios as relações humanas são marcadas pelo tipo de estratégias presentes nos jogos, como a competição, a conquista, a recompensa simbólica ou a performance social. Todavia,

acentuou-se a frequência do abandono das relações a partir do momento em que os parâmetros para os relacionamentos são outros. Afinal, com a velocidade da informação presente atualmente, não só as redes sociais, como também outros veículos midiáticos, como filmes são, muitas vezes, responsáveis por inserir um imaginário de expectativas com base em personagens e enredos (construídos em filmes, novelas e livros, por exemplo) que interferem - e muitas vezes contaminam - relações.

À título de ilustração, os personagens da comédia romântica *Para Todos os Garotos que Já Amei* é um bom exemplo de como filmes podem influenciar a construção de expectativas em relacionamentos na vida real. Lara Jean, a protagonista, é retratada como uma garota amorosa e romântica autora de várias cartas as quais seriam destinadas a cada uma de suas paixões vividas. Dentre os destinatários apresenta-se seu par romântico, Peter Kavinsky. Este, é uma síntese do que foi explicado anteriormente: bonito, atlético, inteligente, carinhoso, leal e, o mais importante, também apaixonado por ela. Dessa forma, todos os espectadores naturalmente sonham em encontrar seu Peter Kavinsky, ou seja, procura-se encontrar, fora das telas, pessoas que gabaritem todas as características sonhadas reunidas simultaneamente. Afinal, personagens e contextos criados pela mente humana, boa parte das vezes, acabam por traduzir seus próprios desejos e expectativas que não são satisfeitas no mundo real, da mesma forma que tampouco serão sanadas pelo consumidor final.

Nesses contextos, a magia da expectativa de sentir que encontrou a “pessoa certa” dissipa-se na frustração ao deparar-se com a realidade de um indivíduo que também comete erros e possui falhas, o que faz com que a relação com a invenção da pessoa torne-se impossível. Vale ressaltar que, apesar de muitíssimo comum, o fenômeno não se aplica apenas a relações românticas, pelo contrário,

relações familiares e amistosas também são profundamente impactadas por esse tipo de influência.

Ao longo da leitura, pode-se perceber como são enfatizados os fatores negativos que elaboram comparações com as relações transitórias. Porém, é necessário destacar que não somente se apresentam como totalmente prejudiciais, mas também proporcionam uma maior liberdade, diminuindo a pressão de se manter em relacionamentos tóxicos ou que simplesmente não fazem o tempo valer a pena, e garantir uma maior diversidade nas experiências digitais. No entanto, torna-se importante encontrar um equilíbrio, de forma que os benefícios possam ser bem aproveitados, sem que os impactos emocionais comprometam a qualidade das relações tanto interpessoais como intrapessoais.

Em contraponto, Christopher Lasch (2023), em seu livro “A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio”, aborda como as relações interpessoais tornaram-se instrumentos banais para a formação de um narcisista. Tal fato traduz que os laços afetivos deixam de ser algo bilateral e passam a girar em torno da autopreservação. Ademais, o autor relaciona essa lógica com a cultura americana da obsolescência programada, em que seres humanos se “objetificam” sendo usados e descartados após perderem sua “vida útil”. Esse processo destaca a naturalização de uma referência de vida, que incentiva a constante substituição, resultando em um ciclo de instabilidade emocional, em que o “eu” não tem uma base sólida para se apoiar. Dessa forma, a crítica ao narcisismo se torna um espelho de uma sociedade frágil e carente de vínculos, e de uma incessante busca por aprovação imediata.

Outrossim, um ponto incontestável, é o paralelo direto entre a cultura do ódio, marcada pela inaptidão de lidar com divergências, e o imediatismo característico das relações líquidas. Concomitantemente,

os vínculos são carentes de profundidade, uma vez que pequenos sinais de descontentamento rapidamente tornam-se justificativas boas o suficiente para a hostilidade muitas vezes presente, afinal, o diálogo apresenta-se como uma alternativa demorada, difícil e exigente. Tal hábito, fomentado pela rapidez das redes sociais e da aceleração da vida moderna num geral, abre espaço para a mais rápida reação que são os ataques verbais, a violência e a impulsividade, em detrimento da paciência e a tolerância frente ao outro, o que reafirma um campo de inflexibilidade, ao passo que se mostra, finalmente, a presença da lógica da satisfação imediata, que não deixa espaço para descontentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise apresentada, conseguimos notar que o ritmo acelerado da vida, estimulado pelo modo de consumo e pela esfera tecnológica, não só elevam o sentimento de vazio, como também enfraquecem as relações humanas, comprometendo sua profundidade e reduzindo-as a laços fracos e descartáveis. O demasiado número de opções, ao invés de ampliar a capacidade de fazer escolhas, gera frustração e instabilidade emocional, enquanto a felicidade que anteriormente era algo duradouro - antes percebida como estável, e de longa duração - se converte em mercadoria, sendo constantemente substituída.

Nesse viés, a procura por um norte se torna um desafio imediato, exigindo um raciocínio sobre como desacelerar e valorizar experiências autênticas. Portanto, a problemática: "Como a lógica da aceleração e do consumo influencia a experiência do vazio existencial e a liquidez dos vínculos sociais no século XXI?", enfatiza a necessidade de alternativas sociais e filosóficas que facilitem reconstruir relações

sólidas, cultivando uma reflexão crítica, ressignificando o conceito de felicidade em meio à modernidade líquida.

Com base nas análises desenvolvidas, é possível perceber que vivemos em uma sociedade marcada pela vida acelerada, em que o tempo virou mercadoria e o consumo passou a representar valor e identidade. Influenciadas pela Sociedade do Espetáculo, as relações e os afetos se tornaram mais líquidos, guiados pelo imediatismo e pela busca constante por visibilidade, o que enfraquece os vínculos e esvazia o sentido das experiências. O Paradoxo da Escolha mostra que, quanto mais opções temos, mais difícil é alcançar satisfação e tranquilidade.

Assim, ao pensarmos sobre o futuro da sociabilidade, devemos refletir sobre como desacelerar, fortalecendo conexões genuínas e redefinindo a felicidade, a qual deve ser entendida como uma forma de vivência mais consciente, compartilhada, significativa, e não reduzida a algo comprado ou exibido.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Felicidade Líquida.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRITO, Wallace da Costa. **Reflexões Críticas sobre a vida acelerada.** 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CAMPANELLA, Bruno. **Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiatisada.** E-Compós, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.30962/ec.1499>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo.** Paris: Buchet-Chastel, 1967.

DUTRA, Dandara Barbosa; DIAS, Vanina Costa. **Redes sociais virtuais e o vazio existencial de jovens contemporâneos**. 2020.

Disponível em:

<https://www.faculdadecienciasdavida.com.br/sig/www/openged/ensinoBibliotecaVirtual/000230_624c870ac1070_045859_5f331b61866bd_TCC_2_REVISADO_24_JUNHO_1.pdf>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

FREUD, Sigmund. **Sobre a transitoriedade**. In: FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e de morte e outros textos (1915-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIUSTI, Heloísa de Queiroz. **Felicidade líquida: uma análise do fenômeno a partir dos conteúdos de virgínia fonseca no instagram**. Porto Alegre, 2023. Disponível em:

<<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/26697>>. Acesso em: 08 Jul. 2025.

KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2010.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. New York: Fósforo, 2023.

LEITE, Rogério Proença. **Vida acelerada e esgotamento: ensaio sobre a mera-vida urbana contemporânea**. Caderno Crh, São Paulo, 2022. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/49599>>.

Acesso em: 28 Ago. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MATRIX. Estados Unidos: Warner Bros. Entertainment, 1999.

NICOLI, Ana Laura Castro. **O dilema da escolha na sociedade contemporânea e a busca por significado: uma análise do filme "A Pior Pessoa do Mundo"**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/365738799_O_DILEMA_DA_ESCOLHA_NA_SOCIEDADE_CONTEMPORANEA_E_A_BUSCA_POR_SIGNIFICADO_uma_analise_do_filme_A_Pior_Pessoa_do_Mundo>. Acesso em: 10 Jun. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PARA todos os garotos que já amei. Estados Unidos: Overbrook Entertainment, 2018.

PRETTY Little Liars. Los Angeles: Hbo Max, 2010.

SCHWARTZ, Barry. **O paradoxo da escolha**. New York: Harper Perennial, 2004.

SILVA, João Henrique Magalhães da. **A virtualização das relações e a liquefação dos laços afetivos sob a ótica de Zygmunt Bauman**.

Pergaminho, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/article/view/4470/2159>>. Acesso em: 12 set. 2025.

SIMILI, Elizabeti Cristina Pires Fernandes; FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues. **O vazio existencial na sociedade consumista contemporânea: uma revisão teórica**. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAEF. Psicologia. 27a edição, 2016. Disponível em: <<http://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-27-edicao-novembro-2016.html#tab1244>>. Acesso em: 12 Abr. 2025.

MODELOS MATEMÁTICOS EM FINANÇAS: ENTRE A EFICIÊNCIA E A MANIPULAÇÃO

Arthur de Oliveira Rachinhas

“Todos os modelos estão errados, as alguns são úteis”. (George E.P. Box)

RESUMO: Na análise financeira contemporânea, os modelos matemáticos funcionam como ferramentas para otimizar o capital e gerenciar riscos. Sua sofisticação inerente revela uma dualidade crítica: a mesma lógica quantitativa que favorece a eficiência do mercado pode ser utilizada para criar fraudes sofisticadas e manipular investidores. A presente análise é dividida em três partes: evolução dos modelos teóricos que embasam a eficiência financeira; exemplificações de como esses conceitos são corrompidos em esquemas fraudulentos; mercado de apostas esportivas como um estudo de caso atual. Conclui-se que os modelos matemáticos não são instrumentos neutros e que sua utilização requer ética e regulação, a fim de reduzir os riscos de manipulação em um ambiente financeiro cada vez mais digital.

PALAVRAS-CHAVE: Modelagem matemática; Finanças comportamentais; Fraude financeira; Apostas esportivas

ABSTRACT: In contemporary financial analysis, mathematical models function as tools for optimizing capital and managing risk. Their inherent sophistication reveals a critical duality: the same quantitative logic that favors market efficiency can be used to create sophisticated frauds and manipulate investors. The analysis is divided into three parts: the evolution of the theoretical models that underpin financial efficiency; examples of how these concepts are corrupted in fraudulent schemes; and the sports betting market as a current case study. It concludes that mathematical models are not neutral instruments and that their use requires ethics and regulation in order to reduce the risks of manipulation in an increasingly digital financial environment.

KEYWORDS: Mathematical modeling; Behavioral finance; Financial fraud; Sports betting.

1. INTRODUÇÃO

A complexidade crescente dos mercados financeiros contemporâneos consolidou a modelagem matemática como uma ferramenta indispensável para a tomada de decisões. A capacidade de quantificar o risco, projetar cenários e otimizar retornos transformou a gestão de ativos e o processo de levantamento de capital, conferindo um grau de rigor analítico antes inatingível. A aplicação de princípios matemáticos para traduzir a incerteza do mercado em probabilidades e projeções tornou-se um pilar fundamental para a busca de eficiência

e para a estruturação de operações financeiras estratégicas em um ambiente de alta competitividade.

Contudo, a mesma sofisticação que posiciona os modelos matemáticos como um pilar da eficiência financeira também os torna vulneráveis a usos antiéticos, revelando uma profunda dualidade. Se por um lado esses instrumentos promovem a transparência e otimizam a alocação de capital, por outro, podem ser distorcidos para se tornarem poderosas ferramentas de engano. Essa "dupla face" da modelagem permite que a matemática seja empregada tanto para a criação de valor legítimo quanto para a arquitetura de fraudes complexas, que exploram a assimetria de informação e os vieses cognitivos dos investidores para mascarar a ausência de fundamentos econômicos reais.

A relevância desta discussão intensifica-se em um cenário de crescente digitalização e democratização do acesso a investimentos, que expõe um número cada vez maior de participantes a produtos financeiros complexos e, por vezes, enganosos. Diante dessa realidade, o presente artigo tem como objetivo principal analisar criticamente a dualidade dos modelos matemáticos no universo financeiro. Para isso, buscará primeiramente apresentar os alicerces teóricos que consagraram esses modelos como instrumentos de eficiência; em seguida, expor como essa mesma lógica pode ser subvertida para fins de manipulação e fraude; e, por fim, investigará um ecossistema de fronteira – o mercado de apostas esportivas – como um estudo de caso emblemático dessa tensão.

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho foi estruturado em três itens centrais. O primeiro item, "Os Pilares da Modelagem Financeira: Da Teoria à Decisão Estratégica", revisa a evolução histórica e a aplicação de modelos fundamentais – desde a Teoria da Especulação de Bachelier e a Teoria Moderna do Portfólio de Markowitz

(1952) até ferramentas como o VaR e o CAPM –, destacando seu papel na promoção da eficiência do mercado. O segundo item, "Os Modelos Matemáticos e a Manipulação Financeira: Uma Análise Crítica", apresenta a antítese, investigando como a matemática é instrumentalizada em esquemas de fraude como "*Pump and Dump*", bolhas financeiras e pirâmides, explorando a vulnerabilidade dos investidores. Finalmente, o terceiro item, "De Apostas a Tese de Investimento: A Matemática na Atração de Capital em Plataformas de Risco", utiliza o mercado de apostas esportivas como um estudo de caso para analisar o confronto algorítmico, a transformação de um setor de risco em um alvo para investidores e as consequências paradoxais da regulação.

Espera-se que, ao percorrer essa trajetória analítica – da eficiência à manipulação, e da teoria ao estudo de caso –, este artigo contribua para uma compreensão mais criteriosa sobre o papel ambivalente da matemática no mundo das finanças, fomentando uma discussão essencial sobre ética, regulação e educação financeira na era digital.

2. FUNDAMENTOS DA MODELAGEM FINANCEIRA

A matemática financeira desenvolveu-se ao longo da história em paralelo com a evolução dos mercados, que se tornaram progressivamente mais complexos e exigentes. Este movimento é o resultado da busca contínua por decisões mais precisas e da necessidade de gerenciar riscos cada vez maiores, o que levou à criação de análises mais sofisticadas. Embora hoje tenhamos acesso a ferramentas sofisticadas, como simulações de Monte Carlo³ ou a teoria

³A Simulação de Monte Carlo é uma técnica matemática utilizada para estudar dados de natureza aleatória por meio de uma série de simulações, com a finalidade de analisar a probabilidade de ocorrência de múltiplos resultados.

de Markowitz⁴, no passado os métodos utilizados eram mais simples, como o cálculo de juros simples e compostos. A complexidade dos modelos matemáticos é naturalmente reduzida pelo contexto da época, que se caracteriza pela escassez de dados, baixos volumes de transações e uma estrutura de mercado de capitais ainda em fase de desenvolvimento.

Foi nesse cenário de crescente refinamento que a modelagem matemática tornou-se um elemento essencial para a estruturação das operações financeiras, sobretudo em uma sociedade marcada pela transição do capital produtivo para o rentista no pós-guerra. Sob essa nova ótica, os modelos matemáticos surgiram como um diferencial para aqueles que passaram a gerar mais renda acumulando riquezas através de investimentos, entre outras aplicações, contrariamente ao interesse nos investimentos em indústrias, por exemplo.

Hodiernamente, além de simplesmente quantificar variáveis como taxa de retorno e custo, sua utilização no contexto da captação de recursos, de acordo com GITMAN (2010), é essencial para fortalecer as negociações com os investidores, oferecendo parâmetros claros e objetivos. Essa solidez é particularmente crucial em mercados em desenvolvimento, como o Brasil, onde a análise de riscos demanda instrumentos analíticos confiáveis. Nessas situações, uma abordagem sistemática fundamentada na precisão matemática não só diminui as assimetrias de informação entre as partes, como também melhora a eficiência de todo o processo de captação de recursos financeiros.

Para investidores e empresas que buscam a maximização dos lucros, os modelos matemáticos são instrumentos essenciais. Eles nos ajudam a entender os riscos e a imaginar o que pode acontecer no futuro incerto e cheio de flutuações. A busca por lucratividade, objetivo

⁴A Teoria de Markowitz busca otimizar carteiras de investimento, equilibrando risco e retorno por meio de análise matemática e estatística.

central de qualquer operação financeira, torna-se mais alcançável com a matemática que nos oferece cálculos exatos e confiáveis para esse fim.

O mercado financeiro das ações, por exemplo, funciona basicamente assim: A Empresa X coloca o seu nome na bolsa de valores, assim dividindo o seu capital social em pequenas parcelas, que são as ações, com o objetivo de captar recursos de investidores que emprestam o seu próprio dinheiro esperando um retorno por isso. O acionista, aquele que compra a ação, possui uma parte da empresa e por isso terá direito a participação dos lucros da mesma. Contudo não é só desses dividendos⁵ que vem os grandes ganhos, essa troca constante entre oferta e demanda é o que movimenta o sistema financeiro.

Enquanto o mercado de ações oferece evidências práticas de como os fundos são captados e os retornos pretendidos, essa mesma dinâmica também possibilitou que pesquisadores busquem entendê-la de forma mais aprofundada. Desse modo, o trabalho de Louis Bachelier, que, em sua pesquisa “Teoria da Especulação” (1900), iniciou conceitos inimagináveis para a época, como o movimento browniano⁶ para relatar sobre flutuações do mercado financeiro. Dessa forma, Bachelier deu início a uma revolução, demonstrando como a matemática, que antes era vista como algo imutável e concreto, poderia explicar comportamentos aparentemente aleatórios.

O desenvolvimento do campo ganhou novo impulso com Harry Markowitz e sua Teoria Moderna do Portfólio (1952), que formulou matematicamente a relação entre risco e retorno, introduzindo o

⁵dividendos são parte dos lucros obtidos por uma empresa de capital aberto. Esses dividendos são distribuídos entre todos os acionistas da empresa, de acordo com o volume de investimento de cada um.

⁶Movimento browniano geométrico: modelo que descreve a dinâmica de preços de ativos de forma a garantir que o preço seja sempre positivo e se assemelha à "rugosidade" observada em movimentos de mercado reais.

conceito de diversificação eficiente (distribuição de recursos em diferentes ativos e classes de ativos). A combinação estratégica de ativos poderia reduzir o risco total do portfólio sem necessariamente sacrificar retornos, possibilitando pela primeira vez a construção de carteiras de investimentos baseadas em testes quantitativos e qualitativos ao mesmo tempo. Tal abordagem revolucionária estimulou a tese para que se tornasse um pilar relevante da gestão financeira moderna.

Na vanguarda dessa transformação está a Teoria dos Jogos, que emerge como um instrumento poderoso para modelar situações competitivas e cooperativas típicas dos mercados financeiros. Segundo SILVA (2018), o verdadeiro valor da teoria aparece quando aplicada a problemas complexos como a formação de preços em mercados ilíquidos⁷ ou até mesmo na estruturação de mecanismos de leilão. A elegância matemática dessa teoria esconde seu poder prático: ao quantificar estratégias e antecipar movimentos de outros participantes, ela permite que instituições financeiras naveguem em ambientes competitivos com maior segurança.

Paralelamente, quando voltamos a analisar a otimização de portfólios de Markowitz, vimos que a genialidade do mesmo está em traduzir o senso comum em equações precisas, usando de conceitos estatísticos como covariância e correlação entre ativos. Segundo STERN (2020, p.57) “O modelo de Markowitz é um modelo para formação de portfólios, que visa maximizar a utilidade de um investidor, que deve escolher um conjunto de ativos para compor uma carteira, obedecendo a restrições de disponibilidade de recursos ou outra natureza”. Hoje, versões aprimoradas desse modelo operam em tempo real nos sistemas dos grandes fundos de investimento,

⁷Mercados ilíquidos são aqueles em que é difícil e lento comprar ou vender um ativo sem afetar seu preço de forma significativa.

recalculando alocações diante de mudanças de mercado e recusando-se a aceitar o “*feeling*” como estratégia válida.

Para ir um pouco além do que já foi apresentado, no arsenal de fórmulas matemáticas essenciais para as finanças modernas acrescenta-se a análise probabilística, uma área que transformou a mentalidade de avaliação de risco. Um de seus marcos é o *Value at Risk* (VaR), que surge como um indicador crítico para medir a exposição ao risco financeiro de um ou mais ativos em um intervalo de tempo específico. Antes do “VaR”, a avaliação de risco era menos estruturada. Sua implementação possibilitou uma quantificação estatística, introduzindo um grau maior de objetividade na gestão de portfólios. No entanto, é importante destacar que o “VaR” tem suas limitações, especialmente quando se trata de lidar com eventos extremos, como demonstrado em crises financeiras.

Complementarmente, as simulações de Monte Carlo oferecem um método sólido para testar estratégias financeiras sob diversos cenários, incorporando a aleatoriedade inerente aos mercados. Utilizando distribuições ajustáveis, esse método simula milhares de cenários possíveis, destacando riscos ocultos e oportunidades em ambientes complexos. São particularmente valiosas para instituições financeiras na gestão proativa de riscos e no cumprimento de requisitos regulatórios.

Por fim, os modelos matemáticos não se limitam a construções teóricas, mas auxiliam também nas tomadas de decisões financeiras estratégicas. A técnica de análise de fluxo de caixa descontado, por exemplo, contribui para determinar o valor de mercado justo de uma empresa, diminuindo a disparidade de informações entre as partes. Ademais, métodos de avaliação de ativos, como o CAPM (Capital Asset

Pricing Model)⁸, contribuem para estabelecer as taxas de retorno requeridas. Conforme PERLIN e CERETTA (2004) elucidam, “O princípio matemático básico da teoria CAPM é de que o comportamento (rendimentos) de cada ativo varia de acordo com o mercado e, portanto, ativos de maior covariância com os rendimentos do mercado são os mais arriscados” (p.2). Desse modo, essas ferramentas não só proporcionam uma estrutura analítica, como também disponibilizam métricas essenciais para a avaliação e otimização de investimentos.

Todavia, é importante notar que modelos como CAPM, a Teoria de Carteira de Markowitz e até mesmo na Teoria dos Jogos, é pressuposto que os investidores tomem decisões de forma racional, de modo a buscar a melhor relação entre retorno e risco. Porém, podemos agir movidos pela emoção sem medir as consequências das nossas ações, e é justamente nesse viés que entra a Teoria do Prospecto, baseada na excentricidade e capacidade de escolha dos indivíduos que constantemente tomam decisões de risco. Segundo PIENIZ e SILVA (2019) “O efeito da certeza mostra que os indivíduos buscarão os campos com maior probabilidade de ganhos, preferindo assim resultados prováveis. Mas quando se tornam possíveis os resultados, tendem a buscar apostas de maior valor.” (p.2). Essa visão destaca uma limitação importante da modelagem financeira, indicando que compreender o comportamento humano é tão fundamental quanto as equações matemáticas complexas para uma análise completa dos mercados.

3. A ILUSÃO DOS NÚMEROS

Embora a matemática seja uma ferramenta essencial para aumentar a eficiência e a transparência no levantamento de capital, é

⁸CAPM – é uma fórmula de finanças que calcula o retorno esperado de um investimento com base em seu risco sistemático.

justamente nessa complexidade que reside um aspecto delicado: a possibilidade de manipulação. A exatidão dos cálculos e a suposta objetividade dos números passam confiança, porém podem ocultar práticas duvidosas. Decerto, o mercado é composto por pessoas que cometem erros na análise das informações, os quais podem ser manipulados por outros que buscam obter lucros exorbitantes às suas custas (SANTOS; BARROS, 2011). Ao lidarmos com fórmulas complexas e projeções estatísticas, o discurso técnico frequentemente eclipsa o pensamento crítico, gerando uma camada de confiança quase instantânea em um modelo proposto, que, à primeira vista, parece ser o mais viável.

É nesse contexto que emergem esquemas de enriquecimento ilícito e táticas que exploram a inexperiência dos investidores, convertendo a matemática em uma linguagem de exclusão. Essa operacionalização da complexidade é o que a matemática e cientista de dados Cathy O’Neil (2020) define como “Algoritmos de Destruição em Massa”: modelos algorítmicos opacos⁹, que perfilam a população e automatizam decisões, por vezes munidos com aprendizado de máquina, para fabricar controles baratos contra populações mais vulneráveis, quando aplicados em larga escala. Um dos conceitos utilizados para compreender tal fenômeno é o da assimetria de informação, que ocorre quando uma parte (neste caso, o fraudador) possui informações significativamente superiores à outra (o possível investidor), tornando a negociação desigual desde o princípio. Nessas circunstâncias, a vulnerabilidade natural de quem investe é ampliada, criando oportunidades para decisões mal orientadas que levam a perdas consideráveis.

⁹Modelos algorítmicos que a lógica interna do modelo está oculta, impedindo a auditoria, a transparência e a responsabilização.

Um dos golpes mais comuns que exemplificam a dinâmica de assimetria informacional é o “*Pump and Dump*”, traduzido literalmente para “inflar e largar”. Nesse esquema, o manipulador adquire diversas ações de uma determinada empresa de baixo valor, ou até mesmo de companhias fraudulentas. Em seguida, orquestra uma campanha de promoção intensa, com o intuito de provocar uma valorização artificial no preço da ação. Logo após a valorização é realizada a venda dessas ações, provocando uma queda e deixando os demais investidores com prejuízos enormes. A matemática subjacente a essa manipulação é usada como roupagem técnica: projeções e gráficos que, embora carentes de fundamento econômico real, sugerem um crescimento promissor e acabam seduzindo investidores desatentos que buscam ganhos fáceis e rápidos. Na prática, a coordenação algorítmica de tais esquemas os converte em autênticos “Algoritmos de Destruição em Massa”, como alertado por O’Neil.

Modelos matemáticos — ainda que sejam em uma forma básica ou distorcida — têm um papel fundamental nessas manipulações. Quando se ajustam curvas de tendência para apoiar suposições otimistas, alterando premissas ou ignorando variáveis importantes, gera-se uma falsa impressão estatística de que há um caminho garantido para o lucro. Segundo SEIFE (2012) “Em mãos ágeis, dados adulterados, estatísticas fajutas e matemática ruim, podem dar a ideia de verdade à ideia mais fantasiosa, a falsidade mais acintosa” (p.13). Para investidores menos experientes, os números transmitem uma sensação de segurança: se as fórmulas indicam crescimento, deve ser verdade.

No mesmo cenário de informações distorcidas, surgem as bolhas financeiras: fenômenos em que o preço de uma ação cresce de forma exponencial. Isso ocorre quando o valor da ação apresenta um comportamento ascendente cuja taxa de crescimento supera o valor

atual dos investimentos, impulsionado mais por expectativas infundadas e promessas de retornos irrealistas do que por qualquer outro fator. As promessas de "gurus da internet"¹⁰, como "multiplicar seu capital em meses" ou "produto inovador que dominará o mercado", se transformam no mantra que impulsiona a captação de fundos para sustentar a bolha, criando assim uma espiral de valorização insustentável. À medida que essa maré artificial sobe, uma sensação de prosperidade se espalha; contudo, quando a realidade econômica se impõe e a confiança se esvai, a queda costuma ser abrupta e financeiramente catastrófica.

Outros ótimos exemplos são as empresas-fachada ou startups com modelos de negócios intrinsecamente insustentáveis, consideradas fraudes clássicas. Tais companhias, embora carentes de valor real, são meticulosamente apresentadas com gráficos impecáveis, Key Performance Indicators (KPIs)¹¹ reluzentes e projeções detalhadas que, à primeira vista, conferem uma credibilidade enganosa aos investidores. Contudo, essa superfície polida esconde frequentemente um produto frágil ou inexistente, um mercado sem demanda real ou um modelo de negócio que depende exclusivamente de rodadas contínuas de financiamento para sua mera sobrevivência, sem gerar valor autêntico.

Um tipo de fraude que revela a face mais implacável da manipulação matemática são as pirâmides financeiras. Segundo BERGO (2014), a pirâmide financeira é um esquema ilegal que tem como objetivo arrecadar grandes lucros em curto espaço de tempo. A essência é uma lógica de progressão geométrica aplicada ao fluxo de

¹⁰São pessoas que se autodenominam especialistas ou influenciadores digitais, geralmente vendendo a ideia de que podem guiar outros a alcançar sucesso, especialmente financeiro ou pessoal, através de métodos, cursos ou produtos.

¹¹São valores numéricos ou quantitativos que mostram o quanto bem uma empresa está alcançando seus objetivos.

capital: é prometido retornos excepcionais, geralmente acima do mercado e com baixo risco, aos participantes mais antigos, mas os pagamentos não provêm de qualquer atividade econômica geradora de valor real. Em vez disso, dependem exclusivamente de novos aportes de capital de investidores subsequentes. Essa 'matemática' é fraudulenta e criminosa, inicia-se com uma ou mais pessoas mal-intencionadas, cujo resultado prejudica uma grande quantidade de pessoas.

Essa lógica esconde uma fragilidade em sua estrutura: a necessidade contínua de recrutar novos membros, pois a expansão da base de participantes é vital para a sustentabilidade (temporária) do modelo. Contudo, essa dependência de um fluxo contínuo e crescente de novos investidores transforma o esquema em uma bomba-relógio aritmética.

Em certas situações, esse recurso é empregado intencionalmente por empresas de investimento que desejam se capitalizar rapidamente: os fundos dos novos investidores são utilizados para quitar os compromissos com os investidores antigos, ao passo que os ativos legítimos da empresa, de maior prazo, ainda não geraram resultados. A necessidade de uma base exponencialmente maior de participantes para sustentar os pagamentos torna o colapso inevitável. Quando o fluxo de novas entradas desacelera – seja por esgotamento do mercado de recrutamento ou por desconfiança –, a estrutura desaba abruptamente, expondo a progressão que parecia mágica como uma farsa insustentável.

O contexto contemporâneo, entretanto, amplia o terreno fértil não apenas para a disseminação das pirâmides financeiras, mas também para a propagação de diversos outros esquemas fraudulentos já analisados. Vivemos em uma era de excesso de informações: em meio à proliferação massiva de dados acessíveis digitalmente, os

investidores são inundados por uma quantidade exorbitante de conteúdo. Nesse contexto, a complexidade e o volume de informações muitas vezes desestimulam a verificação crítica das fontes e a validação da precisão dos dados, levando à aceitação passiva de conteúdos que, em muitos casos, são fraudulentos.

A apresentação de tais esquemas financeiros apoia-se, com frequência, na exploração de princípios psicológicos bem estabelecidos, que atuam como catalisadores para a aceitação das promessas enganosas. Segundo CIALDINI (1984), dentre as técnicas de persuasão, é possível elencar quatro estratégias normalmente utilizadas pelos fraudadores, são elas: narrativas cuidadosamente elaboradas de oportunidades exclusivas para justificar rendimentos irrealistas; prova social, em que as pessoas tendem a seguir o exemplo de outras pessoas em quem confiam; autoridade, manifestada na obediência a figuras percebidas como especialistas ou influentes, mesmo quando suas ações são questionáveis; e simpatia, a qual a vítima pode ser persuadida por indivíduos de quem gosta ou se identifica. Esses fatores favorecem um ambiente de manipulação, no qual a lógica racional é, muitas vezes, substituída pela influência psicológica.

A suscetibilidade dos investidores a esses esquemas encontra respaldo nas finanças comportamentais. De fato, como aponta ANACHE (2013), esse campo de estudo elucida tais processos ao demonstrar que os investidores não são dotados de racionalidade e informação perfeitas, tornando-os vulneráveis a narrativas otimistas sem base real. Nesse contexto, a matemática é frequentemente instrumentalizada como um verniz de legitimidade, onde cenários otimistas são empilhados como se fossem inevitáveis, e a probabilidade de fracasso é sistematicamente minimizada, ignorada ou simplesmente silenciada.

4. A MATEMÁTICA DO RISCO

O mercado de apostas esportivas e jogos de azar online representa uma das aplicações mais diretas e massificadas de modelos probabilísticos para decisões financeiras. No entanto, antes de explorar a complexa batalha algorítmica entre operadores e profissionais, é crucial entender o princípio matemático fundamental que governa este ecossistema para a vasta maioria dos participantes: a vantagem da casa (*house edge*). Diferente de um investimento tradicional, onde o retorno provém da geração de valor de um ativo, em uma plataforma de apostas o lucro do operador é estruturalmente garantido. As probabilidades (odds)¹² oferecidas nunca representam a probabilidade estatística real de um evento; elas são ajustadas para incluir uma margem de lucro para a plataforma. Em um jogo com 50% de chance para cada lado, por exemplo, a casa não pagará o dobro do valor apostado, mas sim um valor ligeiramente inferior, assegurando que, no longo prazo e com um grande volume de apostas, ela sempre sairá lucrativa.

A eficácia deste modelo não reside apenas na matemática, mas na sua intersecção com a psicologia humana. Conectando-se à Teoria do Prospecto, as plataformas exploram vieses cognitivos como a aversão à perda, que leva a apostas irracionais para recuperar prejuízos, e a superestimação de pequenas probabilidades de ganhos altos. A adrenalina do "quase ganhei" e a ilusão de controle alimentam a crença de que a habilidade pode superar a desvantagem matemática inerente. Para o apostador comum, o ambiente é desenhado para maximizar o engajamento e, consequentemente, a extração de valor, transformando a aposta mais em uma despesa de entretenimento com alto custo do que em um investimento genuíno.

¹²A proporção entre os valores aportados pelas partes em uma aposta, com base na probabilidade esperada de cada resultado.

O resultado direto desse modelo é um impacto social e financeiro assimétrico: enquanto as plataformas se consolidam como negócios bilionários e uma pequena minoria de profissionais busca brechas, a grande maioria dos apostadores enfrenta perdas financeiras. A ludopatia (vício em jogo) emerge como um risco de saúde pública, com consequências devastadoras para indivíduos e famílias.

Portanto, a discussão sobre a sofisticação matemática deste setor deve ser sempre precedida pela consciência de que, em sua base, ele opera sob uma lógica que favorece sistematicamente o operador. Por esse motivo, os operadores enfatizam em suas comunicações que se trata de uma "brincadeira" ou um "passatempo", a fim de minimizar a percepção dos riscos reais e das perdas financeiras associadas ao consumidor final.

Em contraste com esse cenário de perdas generalizadas, uma minoria de apostadores profissionais transforma a utilização de modelos probabilísticos matemáticos em um campo de batalha intelectual. Ao contrário dos mercados convencionais, onde os ciclos de negociação seguem ritmos previsíveis, o cenário das apostas esportivas requer um processamento imediato de probabilidades diante de um fluxo constante de informações – que vão desde alterações climáticas até lesões de jogadores importantes, muitas vezes não divulgadas oficialmente. Nesse contexto, o ambiente que se forma em volta do esporte, da casa de aposta e do próprio apostador profissional mistura matemática, tecnologia e uma apurada psicologia do risco.

O paradoxo da eficiência probabilística está no centro dessa disputa. Este reside na tensão entre a casa, que utiliza modelos avançados (como ajustes bayesianos¹³ de *odds*) para precificar eventos

¹³referem-se a uma abordagem estatística que envolve o cálculo ou a aproximação da distribuição posterior dos parâmetros de um modelo com base em dados

e salvaguardar suas margens de lucro, e os apostadores bem informados, que usam suas próprias estratégias, muitas vezes, baseadas na teoria da informação, para explorar as inevitáveis inconsistências dos operadores. Essa tensão entre precificação defensiva por parte das casas e a exploração de ineficiências pelos profissionais resulta em um mercado dinâmico, no qual a velocidade na atualização das probabilidades se torna um dos fatores cruciais para o fracasso ou sucesso de ambos.

É esse ecossistema complexo e de alto crescimento que a regulamentação recente busca formalizar. A implementação da Lei 14.790/2023 acrescentou uma nova camada de complexidade ao cenário de apostas online no Brasil, demandando que os modelos probabilísticos se ajustem tanto às dinâmicas do jogo quanto às recentes exigências legais.

Com essa nova legislação, segundo a ANJL (Associação Nacional de Jogos e Loteria) - uma das principais entidades representativas deste mercado -, surgem avanços e benefícios como o recolhimento de impostos, geração de empregos, transparência, segurança para o apostador e proteção à saúde mental e financeira. Ponderando essa nova ênfase, podemos destacar dois pontos importantes: o compliance e a proteção ao consumidor, variáveis que antes eram periféricas, mas agora tornaram-se elementos fundamentais na estrutura dos algoritmos de precificação.

Essa sofisticação tem um impacto direto na habilidade dessas empresas de captar recursos. Investidores e fundos de capital agora avaliam não apenas a eficácia preditiva de um algoritmo, mas também sua solidez regulatória e conformidade com práticas de governança. Segundo Pinheiro (2005, p. 17), "A segurança jurídica ajuda a eliminar

observados, permitindo a estimativa de parâmetros, a comparação de modelos e a tomada de decisões em um contexto de incerteza.

esse problema de inconsistência temporal e permite que firmas e indivíduos façam investimentos específicos". Embora a regulamentação exija custos operacionais, ela proporciona um ativo intangível valioso: a segurança jurídica. Ao definir normas claras, o novo marco legal reduz o risco sistêmico que afastava o capital institucional, tornando o setor uma forma de possível investimento mais robusta e defensável.

Além disso, essa nova situação obriga as operadoras a atender às crescentes demandas por critérios ESG (Ambiental, Social e Governança). O Portal Sebrae conceitua a sigla:

ESG é a sigla, em inglês, para Environmental, Social and Governance (Ambiental, Social e Governança). De modo geral, o ESG mostra o quanto um negócio está buscando maneiras de minimizar os seus impactos no meio ambiente, de construir um mundo mais justo e responsável e de manter os melhores processos de administração. (SEBRAE, 2023, p.3)

A proteção ao consumidor e a luta contra a ludopatia estão diretamente ligadas ao pilar 'Social', enquanto o cumprimento rigoroso das normas e a transparência nas operações reforçam o pilar 'Governança'. Para o investidor contemporâneo, uma empresa que, por meio de seus próprios modelos de dados, evidencia um compromisso genuíno com o jogo responsável não só está atendendo às exigências legais, mas também fortalecendo uma marca duradoura e obtendo uma licença social para operar.

A consequência prática dessa complexidade tecnológica e regulatória é a formação de significativas barreiras de entrada. O desenvolvimento e a manutenção de algoritmos que sejam lucrativos, preditivos e em conformidade com a legislação exigem um investimento que nem todos conseguem alcançar. Essa dinâmica tende a concentrar o mercado em agentes mais capitalizados e

tecnologicamente avançados, elevando seu valor de mercado. Como resultado, essas empresas se tornam alvos preferenciais para operações de fusão e aquisição (M&A) e para rodadas de investimento mais significativas, pois seu domínio tecnológico e conformidade regulatória constituem uma vantagem competitiva sustentável. Assim, os modelos matemáticos transcendem sua função original de precificação de *odds* para se tornarem instrumentos centrais na estratégia financeira e na atração de capital.

A busca por um mercado íntegro e seguro, impulsionada pela legislação, resultou na redefinição das regras do jogo: a sofisticação algorítmica não se concentra apenas em superar a inteligência humana, mas também em moldar e monitorar seu comportamento. Dessa forma, o novo ecossistema se estabelece sobre uma contradição fundamental: para se tornar um investimento estável e atraente para o capital institucional, ele precisa sistematicamente erradicar as mesmas ineficiências e assimetrias que o tornaram um terreno fértil para a inovação matemática e a habilidade analítica. A consequência é um mercado que, ao buscar a legitimidade, sacrifica a própria complexidade que atraiu seus pioneiros e validou sua sofisticação. Nesse sentido, a complexidade matemática confirma seu objetivo principal: facilitar a alavancagem de capital, em vez de criar um cenário mais justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da premissa de que os modelos matemáticos, embora consagrados como pilares da eficiência no mercado financeiro, possuem um papel fundamentalmente ambivalente. A análise realizada ao longo dos capítulos buscou responder ao problema central de como essa mesma ferramenta quantitativa pode ser utilizada tanto para a criação de valor e

otimização de capital quanto para a engenharia de complexos esquemas de manipulação.

A primeira parte da análise validou o papel construtivo da matemática, demonstrando como a evolução de teorias, desde a "Teoria da Especulação" de Bachelier até a "Teoria Moderna do Portfólio" de Markowitz, foi crucial para trazer ordem, mensurar o risco e fundamentar decisões estratégicas no levantamento de capital. Verificou-se que esses modelos foram essenciais para reduzir a assimetria de informação e aumentar a eficiência do mercado, estabelecendo a base para a sofisticação da análise financeira moderna. Em contraponto, o segundo item expôs a antítese dessa narrativa, revelando como a mesma linguagem dos números é sistematicamente distorcida para criar bolhas e legitimar fraudes como o "*Pump and Dump*".

O estudo de caso do mercado de apostas esportivas, analisado no terceiro item, serviu como um laboratório contemporâneo para essa dualidade, aprofundando a discussão para o campo da regulação. Este artigo demonstrou como um setor, outrora marginal, utiliza modelos probabilísticos para se transformar em uma tese de investimento atrativa para o capital institucional. No entanto, a contribuição mais significativa desta análise foi a identificação de uma contradição fundamental: a busca por um mercado regulado e estável - condição para atrair investidores - confirma que, neste contexto, a complexidade matemática é utilizada principalmente para alavancar capital, e não para promover um cenário mais equitativo.

As contribuições mais significativas deste trabalho residem, portanto, em três pontos principais. Primeiramente, oferece-se uma perspectiva crítica que transcende a visão puramente técnica dos modelos, integrando-a com discussões sobre psicologia, ética e poder. Em segundo lugar, solidifica-se o argumento da não neutralidade das

ferramentas quantitativas, que, como definido por O’NEIL (2020) ao cunhar o termo “Algoritmos de Destrução em Massa”, atuam como amplificadores de intenções, sejam elas construtivas ou destrutivas. Por fim, através do estudo de caso, demonstra-se como as tentativas de regulação em sistemas complexos podem gerar consequências não intencionais, redefinindo as dinâmicas de poder e habilidade dentro do mercado.

Em última análise, o percurso da eficiência à manipulação demonstra que confiar cegamente nos números é tão arriscado quanto ser ignorante. A verdadeira sofisticação na aplicação da matemática financeira não está na confiança em sua infalibilidade, mas na sabedoria de reconhecer seus limites, suas fragilidades e seu vasto potencial para o bem e para o mal. Nesse contexto, fomentar um ceticismo crítico, exigir responsabilidade ética e, principalmente, promover a educação financeira não são apenas sugestões, mas sim demandas essenciais para criar um sistema financeiro mais justo e resistente na era digital.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, L. F. **Avaliação de investimentos e estrutura de capital.** São Paulo: Atlas, 2022.
- ANACHE, M.; LAURENCEL, L. da C. **Finanças comportamentais: uma avaliação crítica da moderna teoria de finanças.** Revista CADE, 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6331>>. Acesso em: 24 set. 2025.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JOGOS E LOTERIAS (ANJL). **BETs: A um mês do início do mercado regulado de apostas no Brasil, ANJL lista os cinco principais benefícios e os cinco desafios para o país.** [S.I.]: ANJL, 2 dez. 2024. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2024/12/Release-ANJL-Mercado-de-Apostas-2dez2024.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2025.

- BERGO, Thaís Rosenbaum; HARO, Guilherme Prado Bohac. **Conceituação de pirâmide financeira e suas diferenças em relação a marketing multinível.** Etic Encontro de Iniciação Científica, 2014. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4402>>. Acesso em: 24 set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 14.790**, de 29 de dezembro de 2023. Dispõe sobre a modalidade lotérica denominada apostas de quota fixa; [...] e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, ed. 248-A, p. 1, 30 dez. 2023. Edição extra. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14790.htm>. Acesso em: 21 set. 2025.
- CIALDINI, Robert B. **Influence: The psychology of persuasion.** New York: William Morrow, 1984.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 12. ed. São Paulo: Pearson, 2010.
- MARKOWITZ, Harry. **Portfolio selection. The Journal of Finance**, 1952. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-6261.1952.tb01525.x>>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia.** São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.
- PERLIN, Marcelo Scherer; CERETTA, Paulo Sérgio. **O CAPM na Bolsa de São Paulo: um modelo condicional.** In: 4.º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos42004/172.pdf>>. Acesso em: 30 Mai. 2025.
- PIENIZ, Luciana Paim; SILVA, Maiqueli Severo. **Teoria da utilidade esperada e teoria do prospecto: uma análise empírica a partir do perfil do investidor de estudantes universitários.** 2019. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/Teoria-da-Utilidade-Esperada-e-Teoria-do-Prospecto-%E2%80%93-Uma-An%C3%A1lise-Empirica-a-partir-do-Perfil-do-Investidor-de-Estudantes-Universit%C3%A1rios.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em:
- PINHEIRO, Armando Castelar. **Segurança jurídica, crescimento e exportações.** Rio de Janeiro: BNDES, 2005. (Texto para Discussão, n. 107).

ROSA, R. M. S. **O modelo de Bachelier**. In: ROSA, R. M. S. Notas de aula de SDE. Disponível em:

<https://rmsrosa.github.io/notas_sde/pages/c01/modelo_bachelier/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SANTOS, J. O. dos; BARROS, C. A. S. **What determines the financial decision-making: reason or emotion?**. Review of Business Management, 2011. Disponível em: <<https://rbgn.fecap.br/RBGN/article/view/785>>. Acesso em: 24 set. 2025.

SEBRAE. **O que é ESG? Entenda mais sobre a sigla que causa impacto socioambiental no mundo corporativo**. Recife: Sebrae, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Arquivos/ebook_sebrae_que-esg.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

SEIFE, Charles. **Os números não mentem**. São Paulo: Zahar, 2012.

SILVA, S. S. **Teoria dos jogos**. São Paulo: Atlas, 2018.

STERN, Julio Michael et al. **Otimização e processos estocásticos aplicados à economia e finanças**. Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/directbitstream/5fc29424-0167-477d-ab4c-7f6a9c338c7f/1140523.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2025.

OS IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS COMO AGRAVANTE DE ANSIEDADE ENTRE OS JOVENS

Lorenzo Rocha Moser

RESUMO: Este artigo analisa a relação entre o uso das redes sociais e o aumento da ansiedade entre os jovens, com foco em como a interação digital intensifica a vulnerabilidade psicológica. Fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental, o estudo discute o conceito de dependência digital como uma forma de vício associada à busca constante por validação e gratificação imediata. Examina-se a correlação entre os mecanismos neurológicos de liberação de dopamina e o uso compulsivo de dispositivos tecnológicos, bem como o impacto da comparação e da aprovação social na formação da autoimagem durante a adolescência. A análise evidencia as transformações que redefiniram as relações interpessoais na era digital, na qual a instantaneidade e o excesso de informações geram sobrecarga cognitiva e esgotamento emocional, afetando a saúde mental e a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Os resultados indicam que, embora as redes sociais promovam conectividade, funcionam simultaneamente como gatilhos de ansiedade, especialmente entre os jovens da Geração Z, apontando para a necessidade de educação acerca das redes sociais e políticas públicas voltadas ao uso equilibrado da tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade, aprovação social, redes sociais, jovens e dopamina.

ABSTRACT: This article analyzes the relationship between social media use and the increase in anxiety among young people, focusing on how digital interaction dynamics intensify psychological vulnerability. Based on bibliographic and documental research, the study discusses the concept of digital dependence as an addiction associated with the constant search for validation and immediate gratification. It examines the correlation between neurological mechanisms of dopamine release and the compulsive use of technological devices, as well as the impact of comparison and social approval on self-image formation during adolescence. The analysis shows that the immediacy of social networks and the excessive flow of information produce cognitive and emotional overload, affecting mental health and the quality of interpersonal relationships. The results indicate that, although social media enhance connectivity, they also act as triggers for anxiety and insecurity, especially among members of Generation Z, highlighting the need for education about social media and public policies that promote a more balanced use of technology.

KEYWORDS: Anxiety, social approval, social media, youth and dopamine

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a ansiedade entre jovens, destacando como ela vem sendo agravada pelo uso das redes sociais. Busca-se analisar essa problemática de saúde mental, cada vez mais presente na realidade contemporânea, e explicar suas principais causas, como pressões sociais, excesso de estímulos digitais, entre outros fatores.

Paralelamente, pretende-se refletir sobre os impactos que a vida online exerce na formação emocional e comportamental de jovens, chamando atenção para a relevância do tema no contexto atual.

O agravamento da ansiedade nesse grupo ocorre por múltiplos fatores interligados. A comparação social constante gera sentimentos de inferioridade e insegurança, enquanto a pressão por aceitação e a busca por validação em curtidas e comentários intensificam a autocrítica e o medo de rejeição. O fluxo contínuo de informações, imagens e notificações leva à sobrecarga mental, dificultando a concentração e aumentando os níveis de estresse. Somado a isso, a dificuldade em estabelecer limites de tempo de tela nas plataformas digitais frequentemente resulta em privação de sono, queda no rendimento escolar e isolamento social. Esses elementos em conjunto tornam as redes sociais um fator importante no agravamento dos quadros de ansiedade entre jovens, evidenciando a importância do tema. Destacam-se os conceitos de *dependência comportamental*, *comparação social* e *validação externa*, que ajudam a compreender como o ambiente digital estimula a busca incessante por aprovação, intensificando estados de tensão e insegurança emocional.

Assim, as redes sociais, embora ampliem as formas de sociabilidade e comunicação, também se constituem como espaços de vulnerabilidade psicológica, nos quais a exposição constante e o imediatismo digital favorecem o desenvolvimento e o agravamento da ansiedade. Essa abordagem busca, portanto, articular os aspectos psicológicos e socioculturais do fenômeno, propondo uma reflexão crítica sobre os impactos da vida hiperconectada na saúde mental dos jovens.

2. TECNOLOGIA E ANSIEDADE NA ERA DA CONEXÃO DIGITAL

Na virada para o segundo milênio, as tecnologias já beiravam a instantaneidade, propiciando uma amplificação dos efeitos da globalização. Paralelamente à emergência de uma sociedade em rede, consagrou-se um viés narcísico cujo norte aponta para a permanente sensação de bem estar e satisfação.

Em outras palavras, desenvolveu-se uma comunidade global pautada no prazer rápido e na felicidade fabricada. Esses referenciais do deleite instantâneo e célebre foram capitalizados por grandes empresas, de variados ramos que perceberam seu potencial de lucro. Com o passar do tempo, as pessoas tornaram-se dependentes desse sistema de gratificação contínua, que busca em todos os âmbitos regozijo pessoal em grau máximo.

O instrumental tecnológico, direcionado ao autocentramento, possui como um de seus primeiros expoentes, um dos ícones do isolamento atual, o aparelho de telefonia móvel. O primeiro celular, Motorola DynaTAC, foi lançado em 1983. Apesar disso, somente no final da década de 2000 foi que smartphones consolidaram-se como produtos de venda em massa, conectando pessoas ao redor do mundo com uma velocidade praticamente instantânea. O lançamento do *iPhone* em 2007 da *Apple* se tornou um divisor de águas na história da comunicação e da tecnologia, dando início à era dos smartphones modernos. A proposta do *iPhone* revolucionou o mercado global com uma tela sensível ao toque, *screen touch*, com uma navegação intuitiva, baseada em gestos simples, gradativamente passando a ser utilizados para outras atividades, como estudos e entretenimento, como jogos digitais e assistir filmes. Essa inovação não alterou apenas o design dos celulares, mas também como as pessoas interagem umas com as outras. Com o acesso à internet cada vez mais rápido e prático, foi se abrindo espaço para novas oportunidades e se consolidando um

sistema de redes de aplicativos voltados para a comunicação, estes denominados de redes sociais.

O surgimento dos primeiros *websites* de comunicação, antecessores das redes sociais, tiveram seu início na década de 90. *SixDegrees* (1997), foi a primeira plataforma de comunicação a contar com a maioria dos atributos de uma rede social, passando a ser considerada a primeira. Com o passar do tempo surgiram plataformas como *Friendster* (2002), *LinkedIn* (2003), *Orkut* (2004), *YouTube* (2005), *WhatsApp* (2009) etc.

Um pouco antes de 2007, plataformas como *Facebook*, lançado em 2004, e *Twitter*, 2006, já estavam dando seus primeiros passos. No entanto, foi com a facilidade de acesso proporcionada pelos *smartphones touchscreen* que essas redes sociais realmente explodiram em popularidade. O fator principal deste aumento expressivo no número de usuários foi a utilização massiva de celulares, sendo empregados para entretenimento, como jogos digitais, assistir filmes e estudar. A interação instantânea e o compartilhamento de mensagens e fotos tornou-se parte da vida cotidiana.

Entre 2010 e 2020, o crescimento no número de usuários de redes sociais foi exponencial e contribuiu bastante para ampliar a sensação de ansiedade que já se mostrava presente. Durante essa década, várias outras novas plataformas foram surgindo, como o *Instagram*, lançado em 2010. Esse aplicativo atua como um inventário fotográfico digital da vida cotidiana, possibilitando que pessoas, ditas seguidoras, acompanhem suas atividades diárias por meio da galeria de postagens, como os *stories*, que exibem postagens feitas dentro das últimas vinte quatro horas; ou os destaque, que são *stories* salvos para que outros possam ver. A partir destas visualizações, os seguidores interagem por meio de reações, como as curtidas, os corações, que expressam que a pessoa que visualizou gostou do

conteúdo, ou os emojis, que podem significar surpresa, tristeza, elogio, ódio e raiva, dentre outros. Ao publicar fotos e *stories*, cria-se um estado de expectativa no qual o indivíduo anseia ser bem recebido, buscando uma resposta de gratificação que traga a sensação de pertencimento e aprovação de terceiros. Na busca por tais informações é gerado um estado de ânsia, induzindo a pessoa a ter um alto nível de dopamina mediante um eventual reconhecimento positivo, e que varia de modo diretamente proporcional à quantidade de pessoas que curtem, gerando maior satisfação conforme mais pessoas aprovam o que foi exposto.

Espelhando-se em postagens que tenham mais curtidas, as pessoas tornam-se reféns de como os outros se portam digitalmente, buscando conseguir replicar suas fotos e vídeos e portar-se de forma semelhante à pessoa desejada, esperando que assim haja um maior engajamento e aprovação exteriores, buscando o tão almejado sucesso por meio de novos seguidores e reações positivas.

A aceleração social é aperfeiçoada pela captação de microfragmentos do cotidiano em aplicativos como o *Snapchat*, 2011, cuja função é semelhante ao *Instagram* e se baseia na correspondência entre amigos por meio de vídeos curtos e fotos, estimulando um espiral cada vez maior de postagens e estímulos/respostas produzidos em escala industrial. No caso do *TikTok*, 2016, a escala da interação instantânea atinge patamares ainda mais expressivos, abrangendo bilhões de usuários ao redor do mundo como resultado da ação dos algoritmos de recomendação de vídeos. Os conteúdos, em sua grande maioria, são guiados pelo ideal da satisfação rápida, comumente divulgando tópicos como festas, bebidas ou cultura superficial.

O final da década de 2010 causou, para todos no mundo, uma mudança de paradigma. A Covid-19 foi o desencadeador dessa mudança drástica de cenário. Com seu alastramento extremamente

veloz, o agente biológico gerou milhões de mortes e forçou medidas de isolamento social. Em um mundo subitamente abalado por uma grande pandemia que forçava pessoas a ficarem em suas casas, privadas de contato físico o máximo possível, a internet converteu-se no principal - e em muitos casos, o único - canal aberto de comunicação disponível para o lazer, resolução de negócios, estudo e interação social. Recursos que antes poderiam ser opcionais, como trabalho *home office* e ensino à distância (EAD) foram normalizados com a pandemia e se tornaram o “novo normal”.

A normalização do “ficar em casa” combinada com milhares de vídeos divulgados nas redes sociais que ampliaram a percepção de insegurança em locais públicos, tais como notícias alarmistas e sensacionalistas, relatos dramáticos e *fake news*, favoreceram consideravelmente o isolamento em casa, especialmente para os jovens. Ao ver notícias alarmantes nas redes sociais, muitos pais passam a internalizar uma sensação de ausência de segurança, o que os levou a restringir a circulação dos filhos, e essa proteção excessiva acabou acentuando a percepção de ameaça a eles.

As plataformas digitais, a exemplo dos videogames e do metaverso, permitem a substituição de experiências reais por virtuais, algo que pode ser parcialmente administrado em caso de adversidade ou estresse, bastando parar de jogar e interagir nesses meios digitais, com muitos jovens optando pelas redes sociais como meio para evitar seus problemas e se distrair.

Na última década, aplicativos de videoconferência, redes sociais, jogos online e serviços de *streaming* atingiram recordes históricos de visualizações. Em conformidade, o tempo em redes sociais por dia aumentou drasticamente, em alguns lugares dobrando a média de tempo diário de uso. Durante os anos de pandemia, o tempo de disseminação de notícias acentuou-se vertiginosamente. Nunca antes

tantas pessoas estiveram tão conectadas com tal velocidade. Portanto, a pandemia de 2020 não apenas criou uma dependência tecnológica para milhões: ela evidenciou e acelerou a transição para uma nova era em que o tempo, ao invés de ser vivido, é acelerado e fragmentado, trazendo desafios profundos para a saúde mental e as relações humanas.

As redes sociais se consolidaram como um dos meios mais utilizados para o marketing digital, operando estrategicamente para atrair e manter seus usuários consumindo mercadorias e conteúdos. Como destacou o *Wall Street Journal* (2021) em sua reportagem "*The Facebook Files*", plataformas adotam práticas destinadas ao máximo engajamento e lucro. A plataforma *Facebook*, assim como o *Instagram* e outras redes digitais, utilizam algoritmos que analisam ações dos usuários - curtidas, tempo de visualização de diferentes conteúdos, tendências do momento, pesquisas - para que sistemas automáticos identifiquem perfis contendo preferências e gostos, para direcionar a publicidade e aumentar o engajamento através do sistema de recomendações. Segundo informações do documentário *O Dilema das Redes* (2020), veiculado na plataforma de streaming Netflix, tal técnica produz um ciclo infinito de vídeos direcionados a cada pessoa especificamente, gerando um ciclo de ansiedade no qual a pessoa é condicionada a desejar mais conteúdo. Dito por Sean Parker, presidente fundador do Facebook:

Como podemos consumir o máximo possível do seu tempo e atenção consciente? E isso significa que precisamos dar a você uma pequena dose de dopamina de vez em quando, porque alguém curtiu ou comentou em uma foto, publicação ou algo assim. E isso fará com que você contribua com mais conteúdo, e isso lhe dará... mais curtidas e comentários (...). É um loop de resposta de validação social..." (CBS News, 2017, s/p)

A constante exposição à realidade apresentada nas redes sociais, por meio do estímulo ao consumismo, à supervalorização de aspectos físicos e a busca por gratificação e aceitação social, desenvolvem ou agravam o quadro de ansiedade entre os jovens. Entretanto, o impacto varia de pessoa para pessoa, de acordo com a intensidade do desejo de aprovação.

3. ANSIEDADE EM MEIO ÀS REDES SOCIAIS

A Geração Z — composta pelos nascidos entre a metade da década de 1990 até 2010 — cresceu inserida no "mundo digital". Para esses jovens, a internet, as redes sociais e a comunicação instantânea não foram avanços progressivos, mas algo já presente em suas vidas desde o início. Ao contrário das gerações anteriores, que testemunharam a chegada dessas tecnologias, essa foi inserida em um ambiente virtual desde a tenra idade, o que moldou profundamente a maneira de perceber o mundo, construir identidades e se relacionar, especialmente quando comparado às anteriores.

As redes sociais permitem que indivíduos de diferentes culturas, nacionalidades e contextos troquem ideias, compartilhem experiências e formem comunidades virtuais. Nesse sentido, ampliaram o conceito de sociabilidade, proporcionando um alcance global para interações que antes eram limitadas ao espaço físico imediato. A interação tornou-se rápida, praticamente ilimitada e a qualquer momento, oferecendo disponibilidade 24 horas por dia, independente da distância geográfica ou horário, tornando-se acessível em tempo integral. Somado à necessidade de estar sempre informado, respondendo, postando e consumindo conteúdo, gerou-se uma aceleração da vida cotidiana: o passado agora pode ser reinventado virtualmente, o presente é pautado em uma grande quantidade de informações expostas à luz do crivo individual de cada usuário, sobrecarregando o cérebro

diariamente e, o futuro, obedece à transitoriedade e incerteza cotidianas. Essa aceleração trouxe graves consequências psicológicas e sociais.

Em meio a isso, surge o medo de não estar acompanhando o que está acontecendo no mundo, o chamado *Fear of Missing Out (FOMO)* - em tradução livre, medo de ficar de fora, ou seja, uma preocupação excessiva na qual desenvolve-se uma falsa necessidade de estar sempre acompanhando o que acontece de novo. Nesse sentido, não estar ciente das novidades significa não pertencer, não estar ao alcance da validação social. Na atualidade pessoas engajam-se a todo momento nas redes sociais com *trends*, polêmicas e acontecimentos novos. Esse comportamento, combinado com *FOMO*, resulta em agravamento da ansiedade.

A Ansiedade está intimamente ligada ao medo, embora não seja a mesma emoção e, de acordo com o *DSM-5-TR - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2023, pág. 215)* as define como “Medo é a resposta emocional à ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura”. Ambas, medo e ansiedade, foram determinantes no êxito de nossa espécie, tratando-se de um mecanismo cerebral básico de sobrevivência uma vez que o ato de antecipar possibilidades futuras e de sentir quando havia uma ameaça foram cruciais para a tomada de decisões que garantiram a vida dos humanos primitivos.

Relacionado diretamente ao planejamento, a conjugação medo e ansiedade nos capacita a fazer previsões de cenários possíveis, nos auxiliando na escolha da melhor ação a ser tomada. É saudável quando sentida em um ambiente que possa conter uma ameaça à nossa integridade ou à de outros. Porém, na sociedade contemporânea, perante a superexposição sensorial que somos expostos, tais como, vídeos, música, mensagens, notícias e pressão externa, o cérebro

humano acaba sobrecarregado de estímulos externos, tornando o indivíduo mais suscetível a ter problemas associados à ansiedade. Essa incessante presença opressora externa, que desencadeia preocupação e agitação interna, mantém o indivíduo em contínuo estado de desconforto. Assim, a ansiedade e os transtornos relacionados à mesma têm, de modo crescente, se tornado cada vez mais nocivos e rotineiros em nossa sociedade atual, afetando, sobretudo, os jovens.

Manifestando-se de diversos modos, a ansiedade é externalizada fisicamente como arritmia cardiorrespiratória e tensão muscular, caracterizada por movimentos repetitivos da mão ou pé, e psiquicamente como pensamentos repetitivos intrusivos, sendo considerado um estado mental de vigilância no qual se procura a todo tempo comprovar tal ideia, acrescidos de sensação de inquietação interna, apreensão, sensação de opressão, insegurança, irritabilidade, lapsos de memória, dificuldade de concentração e perturbação do sono, levando à insônia. Tais padrões, devido à alta ruminação, ocasionam um estado constante de temor, que desencadeia mais pensamentos ansiosos perpetuando um ciclo vicioso (*DSM-5- TR, 2023; DALGALARRONDO, 2019*).

Apesar da ansiedade afetar milhões de pessoas ao redor do mundo e seus sintomas serem muitas vezes reconhecidos, há momentos em que são colocados em quadros isolados não correlacionados, dificultando a sua identificação, uma vez que pessoas podem apresentar variadas condições de resposta física e emocional. Quando a ansiedade surge em situações nas quais não há real desafio ou ameaça, ela provoca uma reação desadaptativa, uma resposta prejudicial que dificulta lidar com os sintomas provocadores da ansiedade, sendo alguns deles: a supervigilância, o isolamento social e a inibição emocional. Ocorre também em situações nas quais a pessoa se sente emocionalmente incapaz de lidar com alguma

adversidade, gerando intensa sensação de vulnerabilidade, o que faz com que se interprete situações corriqueiras como ameaçadoras, podendo atrapalhar o funcionamento normal da pessoa e a prejudicar a interação social (BAPTISTA, 2019; GUSMÃO, 2017).

Em meio ao contexto sociocultural atual no qual uma pessoa é considerada antissocial se não possui rede social e é exposta frequentemente à notícias sensacionalistas falsas, é conclusivo que a resposta desadaptativa seja ativada em nosso sistema límbico, prejudicando ainda mais a pessoa a lidar com o excesso de exposição de informações que recebe comumente.

Esses padrões de pensamento distorcidos muitas vezes provocam sensação de desconforto constante, que por sua vez levam a sentimentos de medo e preocupação, que por sua vez desencadeiam mais pensamentos ansiosos, perpetuando um círculo vicioso que desencadeia no medo e na ansiedade constantes.

4. AS RELAÇÕES ENTRE OS JOVENS EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

As redes sociais, meio mais difundido de comunicação no século XXI, tem seus impactos negativos advindos da pressão social, do tipo de conteúdo consumido e da saturação sensorial resultante do excesso de sons, imagens, notificações e tempo. Seu uso entre crianças, pré-adolescentes e adolescentes intensificou-se amplamente durante o período entre 2010 e 2015, chamado de “a grande reconfiguração da infância” por Jonathan Haidt (2024) em seu livro *A Geração Ansiosa*.

O tempo se destaca como um dos principais fatores influenciadores, com muitos jovens gastando em torno de seis horas diárias diante do celular no período pós-pandemia. O tempo gasto nas telas atua como elemento de privação de estímulos e experiências que são aprendidas durante a puberdade e a adolescência, necessárias

para saber lidar com adversidades e estresse. Tal período investido no celular e nas redes sociais possui como pretexto a promoção da conexão entre as pessoas, quando na verdade, acaba impedindo a criação de laços e interações sociais mais profundas, nas quais os jovens podem encontrar desafios e desenvolver suas habilidades emocionais e linguísticas, dentre outras, repercutindo na capacidade de raciocínio e concentração, assim como nos resultados escolares.

Muitos jovens entram em contato com a internet desde o início de sua infância, haja vista que a maioria deles já possuem acesso à estes dispositivos desde pequenos. As redes sociais começam a ser utilizadas comumente em torno dos 10 anos de idade, e isso se dá, muitas vezes, por pressão social, para evitar a exclusão do grupo de amigos. As crianças, majoritariamente meninas, adentram nas plataformas para comunicar-se e adquirir conhecimento sobre novos conteúdos. Com o decorrer do tempo, os meninos passam a fazer uso também. Cria-se um ciclo de necessidades desenvolvidas em torno desses aplicativos. Esse panorama, em conjunto com a falta de educação e regulamentação acerca das redes sociais resulta em um quadro de impactos psicossomáticos cujo estopim é, normalmente, insatisfação corporal e problemas de autoestima. O resultado disso acaba sendo, muitas vezes, o vício digital, transtornos de imagem, *cyberbullying* e disseminação de ódio.

A pré-adolescência é, sobretudo, um dos momentos de maior plasticidade cerebral na vida de todos, conhecido como período sensível. Nessa fase, grande parte de como interagimos e lidamos com situações da vida adulta são aprendidas. Nessa fase da vida, demarcada entre os nove e os quatorze anos, inicia a transição da infância para a maturidade adulta. A fim de que o jovem se torne uma pessoa estável, é necessário que experimente atividades que lidem com o desenvolvimento do corpo e da mente: correr, brincar, dialogar,

lidar com estresse, resolver conflitos, para que seja capaz de administrar os desafios da maioridade com menos dificuldade. Qualquer rotina que envolva o isolamento em redes sociais, por si só, já perturba a maturação ideal.

Qualquer variação emocional mais profunda nesta fase da pré-adolescência, deixa os jovens mais suscetíveis às interferências externas. A junção de descontrole com forte liberação hormonal, pode provocar respostas de raiva bastante acentuadas, o que desencadeia a ansiedade.

A ansiedade outrora mais relacionada às condições socioeconômicas e diferenças de classe, passou a adquirir um caráter mais universal. Isso porque plataformas digitais expõem pessoas de realidades distintas a gatilhos semelhantes, como a comparação social constante, a pressão por desempenho, a sobrecarga de informações negativas e a dificuldade de desconexão. Embora fatores de classe ainda influenciem a intensidade dos impactos, a hiperconectividade global resultou em uma globalização de desencadeadores de ansiedade.

Muitos jovens relatam aumento de ansiedade, sensação frequente de esgotamento, dificuldade de concentração e perda de vínculos reais duradouros ao utilizar as redes sociais, enquanto simultaneamente encontram na velocidade digital uma válvula de escape temporária para fugir de seus problemas.

As redes sociais, ao mesmo tempo em que facilitam a comunicação, também criam um ambiente de vigilância social constante, no qual cada postagem ou opinião é avaliada e julgada. Muitas vezes, o usuário que não se encaixa no padrão, é desrespeitado ou banido de algum grupo ou comunidade, sofrendo *bullying* virtual, chamado de *cyberbullying*. Nesse cenário, muitos se sentem forçados a estarem sempre atualizados de acordo com as novas tendências para

não se sentirem excluídos. Essa necessidade de acompanhar gera uma sensação de inadequação e cansaço, uma vez que o ritmo das novidades ultrapassa a capacidade humana de absorção e adaptação.

A linha tênue entre o uso funcional e o vício em tecnologia foi ultrapassada para muitos usuários da rede social. A fuga, a distração e até o conforto emocional passaram a ser buscados, de maneira quase compulsiva, em ambientes digitais. Os hiperconectados não vivem mais integralmente o presente: alternam rapidamente entre estímulos, saltando de um vídeo a uma mensagem, de uma notícia a uma foto, procurando a próxima notificação, muitas vezes sem aprofundar-se nas informações e nos conteúdos que recebe.

O senso de julgamento é potencializado por meio das redes e eleva o medo da rejeição social, seja através de comentários ou curtidas. No ambiente virtual, o fenômeno da comparação é uma constante. A existência de *feedback* digital público, de uma cultura baseada no “cancelamento” e na disseminação do ódio na internet contribuíram para o aumento da ansiedade social. Sendo assim, as plataformas por vezes mais isolam do que aproximam as pessoas, dificultando a interação e o aprendizado social. Tal situação produz sentimentos de inadequação em diversos ambientes do dia a dia, seja um local público, um escritório ou uma sala de aula, fato que restringe o desenvolvimento de habilidades sociais.

A constante exposição no ambiente virtual a um mundo idealizado - pessoas frequentemente viajando, dinheiro em abundância, “conquistando o mundo”, milhares de vídeos ou fotos com pessoas sempre sorrindo - cria uma falsa sensação de que os outros estão sempre mais felizes e bem-sucedidos, o que leva à tristeza, inveja e ansiedade. Influenciadores, com milhões de seguidores, constroem uma imagem digital de si, para vendê-la como um caso de sucesso. A partir disso, cria-se uma persona digital, uma representação

idealizada para que os outros vejam a ilusão de algumas pessoas estarem muito mais felizes do que elas.

Embora muitos sejam capazes de identificar tais ações e impactos, optam por seguir fazendo o mesmo. Essa constante idealização de si e a comparação com a vida de muitas pessoas, como celebridades que nem nos conhecem, desenvolve nas pessoas, sobretudo nos jovens, um sentimento de inadequação e necessidade de aprovação.

Grande parte do conteúdo consumido em redes sociais é direcionado ao público jovem e têm como temas principais a cultura *fitness*, no qual muitos influenciadores apresentam seus corpos junto à uma rotina diária de exercícios, estimulando os outros a terem a mesma aparência física. A constante exposição a corpos idealizados, ou seja, fortes e bem definidos, acabam acentuando o desejo de aceitação. Isso acaba interferindo na maneira como as pessoas se enxergam, como gordos ou magros demais, o que acaba gerando ansiedade e, em casos mais graves, anorexia e bulimia. É necessário destacar que esses ideais de aparência são em grande parte inatingíveis, uma vez que muitos dos influenciadores *fitness* são adultos, enquanto os adolescentes ainda estão em fase de desenvolvimento físico.

Desta forma, um fator recorrente de desgaste emocional entre os jovens é a aparência física. Além de dos conteúdos voltados para um estilo de vida *fitness*, diversos influenciadores realizam e recomendam cirurgias plásticas, muitas delas extremamente evasivas. A maioria deles são patrocinados para divulgar os benefícios de tais procedimentos, estimulando a realização destas cirurgias estéticas para que se sintam mais belos, induzindo um crescente descontentamento com sua aparência, o que incita o agravamento da ansiedade.

Com a falta de instrução, expomos tanto nossa mente ao mundo exterior, que acentuamos vulnerabilidades emocionais e quando ficamos longe da fonte de prazer, vivenciamos um sentimento de inadequação. Em conjunto com o alto índice dopaminérgico liberado, nos tornamos resistentes às tarefas cotidianas. Tarefas como lavar roupas, arrumar a cama, varrer o chão, liberam o mesmo nível de dopamina - variável de pessoa para pessoa - e não fornecem a mesma satisfação encontrada nas redes virtuais. Ao se viciar nestas plataformas, as pessoas se tornam dependentes de uma quantidade consideravelmente maior de carga dopaminérgica, requerendo um consumo cada vez mais elevado para atingir níveis de satisfação anteriormente alcançáveis em menos tempo. Caso contrário, há um impacto emocional significativo, chamado de vazio emocional, pode desencadear o sentimento de desconforto e ansiedade.

4.1 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O VÍCIO DIGITAL

Conforme relatado por uma pesquisa de 2023 da organização Common Sense Media, dos Estados Unidos, que é responsável por divulgar avaliações e informações sobre diversos conteúdos expostos na internet, com vistas a auxiliar pais na regulação do consumo de conteúdo digital, aproximadamente 25% dos jovens norte-americanos utilizavam as redes sociais em celulares por mais de 200 minutos e 50% por mais de 75 minutos diariamente. Em média um total de 42% de uso de todo tempo empregado no celular.

A dependência em jovens se estabelece principalmente a partir da constante exposição às redes sociais no cotidiano. Muitos jovens, não sabendo lidar com essas emoções, acabam procurando meios de esquecer seus problemas e se divertir buscando gratificação nas plataformas. O fluxo incessante de informações impede as etapas de elaboração, de pausa e de interiorização, processos necessários para a

manutenção da estabilidade emocional. Esse circuito é interrompido devido ao alto pico de dopamina disponível na cultura da gratificação das redes sociais. Esse ciclo vicioso nocivo à saúde mental deve ser combatido por familiares e profissionais especializados.

A falta de cuidados digitais representa um desafio crescente na sociedade contemporânea, sobretudo entre jovens. O uso desregulado das telas, muitas vezes sem orientação ou limites claros, causa uma série de impactos negativos na vida cotidiana. Entre os mais recorrentes estão a redução das vivências escolares e comunitárias, o isolamento social, a dificuldade em manter relações presenciais e prejuízo no desenvolvimento da autonomia. Além disso, problemas relacionados ao sono, como insônia ou má qualidade do sono, intensificam quadros de fadiga, irritabilidade e queda no rendimento escolar ou profissional, sendo todos esses fatores agravantes para o quadro de ansiedade.

Outro impacto relevante está no campo da saúde mental. O consumo contínuo de conteúdos desencadeadores e comparações sociais presentes nas redes podem aumentar os sentimentos de inadequação, insegurança e ansiedade. Esse cenário leva muitas pessoas a evitarem determinadas situações, tais como frequentar a escola ou participar de atividades em grupo, por medo de como serão recebidos pelos outros. A consequência é o reforço de um ciclo de isolamento e a sensação de perda de controle sobre a própria vida.

A ausência de uma rotina de cuidados também compromete o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes. Crianças e adolescentes que passam longos períodos conectados tendem a ter menos oportunidades de desenvolver competências de cooperação, empatia e diálogo, fundamentais para a vida em comunidade. A substituição do contato presencial por interações

virtuais pode gerar fragilidade nas relações, diminuição da confiança interpessoal e uma compreensão limitada das dinâmicas sociais reais.

Para enfrentar esses desafios, torna-se necessário promover estratégias de conscientização sobre o uso equilibrado da tecnologia e medidas de fiscalização das redes sociais, avaliando a qualidade e a relevância dos conteúdos consumidos. Entre as práticas mais eficazes estão a definição de limites claros de tempo de tela, especialmente evitando o uso de dispositivos pelo menos uma hora antes de dormir, e a promoção de atividades presenciais que estimulem a socialização, como esportes, clubes escolares, oficinas culturais e debates. Também é importante que a família se envolva na construção de acordos coletivos sobre o uso das telas, promovendo momentos de convivência sem dispositivos, como passeios, que reforcem vínculos e estimulem o equilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados ao longo deste artigo evidenciam como a alteração da dinâmica social por meio do uso intenso das redes sociais exerce um papel significativo no agravamento da ansiedade em jovens, ao favorecer comparações sociais constantes, a busca por validação e a exposição a padrões de vida inatingíveis, estando diretamente ligado a um uso vicioso e problemático, sendo uma **dependência comportamental** caracterizada pela busca repetitiva de gratificação imediata, mediada pela liberação de dopamina a cada notificação, curtida ou nova interação *online*. A aceleração digital, intensificada por esta busca por validação e pelo consumo intenso de informações curtas possibilitou novas formas de interação e impactos emocionais.

A ansiedade se configura como um dos principais problemas de saúde mental entre adolescentes, sendo diretamente relacionada a hábitos digitais. As redes sociais, ao ofertar estímulos

incessantemente, 24 horas por dia, e uma vitrine para comparação, atua como **gatilhos modernos de ansiedade**. Aproveitando-se da sensibilidade do período da adolescência, empresas buscam cativar os jovens em busca de lucro.

Os resultados apontam que a adolescência, enquanto período de intensa transformação biológica, emocional e social, torna os indivíduos particularmente suscetíveis aos efeitos das pressões digitais. A necessidade de pertencimento e a sensibilidade à avaliação social, características típicas dessa fase, são amplificadas pelas redes, intensificando sentimentos de inadequação e insegurança. Paralelamente a isso, a ansiedade é exacerbada por meio das redes sociais, que expõem o jovem à sobrecarga sensorial e social constante, o que desencadeia mais ansiedade. O uso prolongado das redes prejudica o desenvolvimento de habilidades essenciais como a concentração, a convivência presencial e a autopercepção. A constante comparação com vidas idealizadas e a sensação de estar sempre sendo observado geram insegurança, medo de rejeição e uma busca incessante por aprovação. Assim, uma presença intensa nas redes sociais não apenas amplia as conexões humanas, mas também acentua fragilidades psicológicas que se refletem em quadros de ansiedade e esgotamento emocional.

Em síntese, compreender a relação entre redes sociais e ansiedade em jovens é essencial para prevenir o agravamento de quadros psicológicos e garantir o desenvolvimento saudável dessa geração. Mais do que informar, torna-se urgente propor medidas práticas de intervenção e estimular novas pesquisas que aprofundem o entendimento sobre esse fenômeno, a fim de construir caminhos para um equilíbrio entre os benefícios e os riscos das redes sociais, contribuindo para a formulação de novas estratégias de prevenção,

bem como para o avanço do debate científico sobre os efeitos da hiperconectividade na saúde mental juvenil.

REFERÊNCIAS:

- ASSOCIATION, American P. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR**: Texto Revisado. 5^a ed. Porto Alegre: ArtMed, 2023.
- BAPTISTA, Makilim N.; et al. **Compêndio de Avaliação Psicológica**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- BOYD, Danah M., and ELLISON, Nicole B.; **"Social network sites: Definition, history, and scholarship."** Journal of computer-mediated Communication Vol.13. Pág. 210–230. Out. 2007. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>>. Acesso em: 22 mai. 2025.
- CURY, Augusto; **Ansiedade 2 - Autocontrole**. São Paulo: Benvirá, 2016.
- DALGALARRONDO, Paulo; **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3^a ed. Porto Alegre: ArtMed, 2019.
- DE-NARDIN, M. H.; SORDI, R.. **Aprendizagem da atenção: uma abertura à invenção**. Psicologia Escolar e Educacional, 2009. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/pee/a/dsmLXJB4wrhzK5C6gDZ6Ycj/>>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- FRONTIERS IN EDUCATION. **Social Media and Education**. Disponível em:<<https://www.frontiersin.org/journals/education/articles/10.3389/feduc.2025.1532416/full>>. Acesso em: 21 set. 2025.
- GUSMÃO, Estefanea Élida da Silva et al . **Esquemas desadaptativos, ansiedade e depressão: proposta de um modelo explicativo**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- HAGEY, Keach; WELLS, Georgia; GLAZER, Emily; SEETHARAMAN, Deepa; HORWITZ, Jeff. **The facebook files**. The Wall Street Journal, 2021. Disponível em:<<https://www.congress.gov/118/meeting/house/115561/documents/HHRG-118-IF16-20230328-SD074.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2025.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa: como a grande reconfiguração da infância está causando uma epidemia de doenças mentais.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2024.

Keeping Fit & Staying Safe: **A Systematic Review of Women's Use of Social Media for Fitness**, Volume 192, International Journal of Human-Computer Studies, 2024. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1071581924001447>>. Acesso em: 15 jun. 2025

LEANDRO, Júlia Lopes; KRAUSE, Micheline Guerreiro. **O Vazio Intencional na Sociedade do Excesso de Informação.** Anais do XIII Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação (CIKI). Disponível em: <<https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/1524/839>>. Acesso em: 20 set. 2025. p. 1-15.

MOHAMED HISAM, M. S. M. **Impact of Social Media Usage on Students' Academic Performance Before and During the COVID-19 Pandemic in Sri Lanka.** ResearchGate, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371806717_Impact_of_social_media_usage_on_students'_academic_performance_before_and_during_the_COVID-19_pandemic_in_Sri_Lanka>. Acesso em: 25 set. 2025.

ORLOWSKI, Jeff (Direção). **O dilema das redes.** Produção de Larissa Rhodes. [Filme-documentário]. Estados Unidos: Netflix, 2020. (94 min).

PROEDU. **Psicologia da Aprendizagem.** Disponível em: <https://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/1584/Psicologia_Aprendizagem_06_07_15.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2025.

PUBMED CENTRAL (PMC). **Social Media and Mental Health.** Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12070011/#sec22>>. Acesso em: 16 set. 2025.

RADESKY, J.; WEEKS, H. M.; SCHALLER, A.; ROBB, M.; MANN, S.; LENHART, A. **Constant Companion: A Week in the Life of a Young Person's Smartphone Use.** San Francisco: Common Sense Media, 2023. Disponível em: <https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2023-cs-smartphone-research-report_final-for-web.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 18 set. 2025.

RESEARCHGATE. **The Facebook Files: Social Media's Toxicity is no Child's Play.** 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371203077_The_Facebook_Files_Social_Media's_Toxicity_is_no_Child's_Play>. Acesso em: 21 set. 2025.

RESEARCHGATE. **Impact of Social Media Addiction on Anxiety: Mediating Role of Doom-scrolling Among Young Adults.**

2025. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/395320025_Impact_of_Social_Media_Addiction_on_Anxiety_Mediating_Role_of_Doom-scrolling_Among_Young_Adults>. Acesso em: 21 set. 2025.

SAGE JOURNALS. Article: **Digital Health and Social Media.**

Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/20552076231171510#bibr20-20552076231171510>>. Acesso em: 21 set. 2025.

SCIENCE DIRECT. **Impact of Social Media on Mental Health.**

2016. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563216304198>>. Acesso em: 21 set. 2025.

Sean Parker: Facebook takes advantage of vulnerability in human psychology. CBS News, 2017. Disponível em:

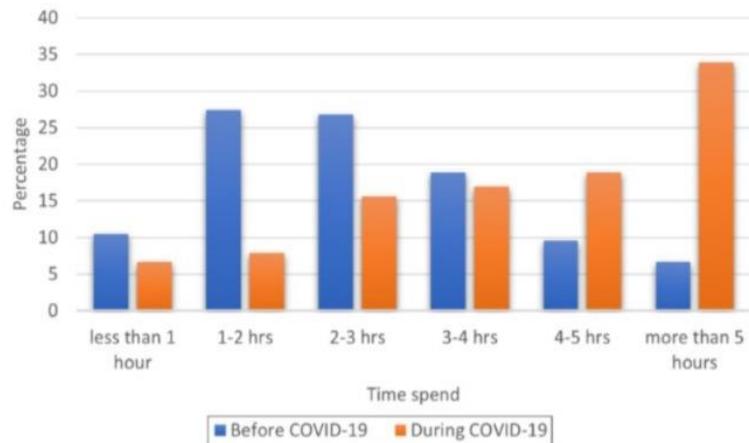
<<https://www.cbsnews.com/news/sean-parker-facebook-takes-advantage-of-vulnerability-in-human-psychology/>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SINGH, J. **Historical Evolution of Social Media: An Overview.**

2019. Disponível em:

<https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3395665>. Acesso em: 16 set. 2025.

ANEXO



Source: Figure by authors

Fonte: researchgate.net

PRESSÃO ESTÉTICA: O USO INDISCRIMINADO DE ANABOLIZANTES

Cristina Cereta de Carvalho

Gabriela Machado Borba

Julia Rech Kroth

Maria Eduarda Severo Marques

"A cultura cria a doença, e depois vende a cura"
(Autor desconhecido)

RESUMO: Este artigo busca refletir sobre um fenômeno social atual instigando a análise sobre o uso excessivo de anabolizantes. O objetivo é investigar tal comportamento nocivo, tendo como referência estudos relevantes sobre o tema. Para isso, adentra no processo de construção da identidade, a partir de influências internas e externas, presentes no mundo moderno, como a forte pressão estética e a objetificação da imagem nas redes sociais, que muito afetam o psicológico humano. Nesse contexto, pesa o fato de que a cultura contemporânea é estruturada sob o viés imediatista e narcísico, elementos que tendem a normalizar a transitoriedade dos costumes estéticos e a fluidez dos valores identitários, especialmente quando mensurados na equação: procedimentos estéticos intrusivos e uso de artifícios como os esteroides. Por fim, o artigo traz dados bastante importantes sobre as inúmeras consequências do uso indiscriminado de anabolizantes, bem como suas mazelas físicas e mentais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Estética; Auto-imagem; Imediatismo; Anabolizantes.

ABSTRACT: This article aims to reflect on a current social phenomenon, prompting analysis of the excessive use of anabolic steroids. The objective is to investigate this harmful behavior, referencing relevant studies on the subject. To this end, it delves into the process of identity construction, based on internal and external influences present in the modern world, such as strong aesthetic pressure and the objectification of image on social media, which greatly affect human psychology. In this context, the fact that contemporary culture is structured under an immediate and narcissistic bias is significant, elements that tend to normalize the transience of aesthetic customs and the fluidity of identity values, especially when measured in the equation: intrusive aesthetic procedures and the use of devices such as steroids. Finally, the article presents very important data on the numerous consequences of the indiscriminate use of anabolic steroids, as well as its physical and mental harms.

KEYWORDS: Identity; Aesthetics; Self-image; Short-termism; Anabolic steroids.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo abordar como os padrões de identificação, combinados com a vulnerabilidade psicológica, afetam na formação da identidade, levando ao uso indiscriminado de anabolizantes. O consumo dessas substâncias está, majoritariamente,

ligado à maneira como nos auto reconhecemos, física e esteticamente, sendo fundamental adentrar em tal esfera para compreender o fenômeno.

A pressão estética, que molda o cenário apresentado, recorrentemente impõe modelos de beleza inalcançáveis, o que pode gerar inúmeros transtornos. Tal variável, quando combinada à cultura do imediatismo, acaba influenciando as pessoas a buscarem soluções paliativas para aumentar a autoestima através das transformações estéticas, especialmente através de procedimentos diversos ou uso de anabolizantes.

Essas mudanças rápidas são muitas vezes perigosas e, quando feitas indiscriminadamente, são muito previsíveis os riscos à saúde física e mental. Ademais, a necessidade de uma validação imediata, impulsionada pelas redes sociais, intensifica esse ciclo vicioso, no qual a identidade individual é sacrificada em favor de uma aparência idealizada das redes sociais.

Nesse sentido, os indivíduos que recorrem aos anabolizantes se expõem a diversos riscos significativos, como desequilíbrios hormonais, alterações de humor, depressão e até dependência química, evidenciando o impacto psicológico e fisiológico dessas substâncias. Em virtude desses perigos, a implementação de medidas de prevenção e conscientização torna-se fundamental para reduzir os danos.

Por fim, este estudo de caso a respeito dos anabolizantes será dividido em três partes principais: o primeiro item aborda a formação da identidade e a influência dos padrões de identificação; o segundo discute como fatores psicológicos e emocionais podem impulsionar o uso de anabolizantes e hormônios esteroides para fins estéticos; e o terceiro apresenta as consequências e implicações físicas e sociais decorrentes do uso dessas substâncias.

2. IDENTIDADE E PRESSÃO ESTÉTICA

De acordo com o Oxford English Dictionary, "identidade" deriva do latim *identitas*, que vem de *idem*, significando "o mesmo". A partir disso, define-se a palavra, amplamente, como as características que distinguem um indivíduo, grupo, etc, permitindo a sua diferenciação.

Atualmente, embora sempre crucial para o entendimento humano, a investigação sobre a construção da identidade vem se tornando cada vez mais útil para se compreender melhor a vida e enfrentar suas constantes metamorfoses. Isso se dá pelo fato de que a maneira como nos colocamos no mundo influencia profundamente tanto nas relações interpessoais quanto a saúde psíquica, pois afeta comportamentos e decisões. Diante disso, diversos estudos buscam explicar como ocorre a formação de quem somos, baseando-se, majoritariamente, na psicologia como fundamento teórico e seguindo uma questão norteadora que pretende descobrir os fatores externos que interferem nesse processo.

O psicólogo Erik Erikson (1950), afirma que a formação psíquica do ser humano ocorre por meio de estágios de "conflitos psicológicos", que ocorrem ciclicamente ao longo de toda vida, sendo um processo contínuo e dinâmico. Assim, enfrentamos diversos desafios, que estão ligados à família e amigos, além das demais instituições sociais, passando por uma contínua exploração e integração das experiências pessoais com os valores sociais e culturais que nos cercam. Para ele, a maneira como se lida com esses conflitos determina diretamente a configuração da identidade, podendo ela ser estável ou não, dependendo da existência de uma resolução.

Partindo do pressuposto que o ser humano não é um bloco monolítico, mas uma gama de fragmentos que forma um todo, FREUD *apud* GUIDI (2011) explica que a mente se divide em distintas instâncias que estão em constante atrito psíquico. De acordo com o

psicólogo, para entender sobre a formação do “eu”, seria necessária uma análise que extrapola o domínio de nossas partições conscientes, adentrando em nosso elemento constitutivo latente, o inconsciente. Por conseguinte, nossa identidade resulta das formas como recebemos os estímulos externos e de como eles são processados em nossa mente, equacionando um equilíbrio entre: pulsões; experiências infantis, como os primeiros sentimentos e desejos; manifestações voluntárias e involuntárias; assim como pressões sociais e culturais.

Além disso, outro estudo importante vem do estatístico David Moore (2015), que conecta mais diretamente as ideias passadas à ciência. Isso ocorre por meio da epigenética, que diz respeito a como as condições ambientes podem modificar a expressão genética, o que acontece pela ativação ou desativação de determinados genes a partir das experiências. Por exemplo, uma pessoa que nasce com uma predisposição genética para um certo comportamento, pode ter vivências que atenuem ou exacerbarem essa predisposição. A partir disso, ele sustenta que a constituição da identidade não pode ser explicada apenas pela herança genética, nem apenas pelo ambiente, mas pela interação complexa entre ambos.

Ademais, de forma complementar, muitos autores focam bastante no pressuposto de sermos “animais sociais”, defendendo que a identidade não se desenvolve de forma íntima, pessoal, mas sim de forma coletiva, pelas interações e circunstâncias do ambiente externo. O filósofo Charles Taylor (1997), por exemplo, argumenta que a identidade não é fixa, mas sim formada a partir de fatores históricos e culturais, que moldam o indivíduo moralmente. Então, rejeita a ideia de um “eu” autônomo, isolado, defendendo que só é possível estabelecer a autenticidade através do diálogo com os mais diversos setores da sociedade.

A partir disso, é oportuno refletirmos sobre o conceito de “identidade subjetiva”, explorado no livro “O que é Identitarismo?” (2024), baseado na premissa de uma identidade inacabada, ou seja, em permanente construção.

A obra sugere que o sujeito emerge da impossibilidade de uma identidade completa, buscando identificar-se com o entorno e com o outro, o que nos leva, então, à sociabilidade. Neste contexto, FREUD *apud* BARROS (2024) afirma que no processo de identificação do eu, o outro, assim como nossas ideologias, gostos e costumes, passa por um processo de objetificação, adequando-se ao nosso olhar, à nossa fantasia. Por isso, a identidade seria uma ilusão subjetivamente necessária, que guia o sujeito ao longo de suas consecutivas identificações fracassadas. Assim, essa busca fornece um outro de nós mesmos e é um campo de alienação, que nos faz aprender as leis da linguagem e a performá-las. Somente cruzando esse caminho é possível romper com a limitação do “eu ideal”, viabilizando a constante busca pela identificação e diferenciação do outro em relação a si mesmo.

Consequentemente, pelas características do mundo moderno, o questionamento sobre o autoconhecimento passou a ser cada vez mais regular na sociedade. A maneira como o ser humano vê a si mesmo, se relaciona com a identidade, principalmente, quando se fala do psicológico e do emocional humano; pois dependendo de como certas circunstâncias afetam nossa mentalidade e nossas decisões, ficamos mais vulneráveis às determinações impostas pelos outros. Logo, o autorreconhecimento se torna de extrema importância para que as pessoas consigam filtrar as inúmeras pressões impostas pela sociedade.

Por conseguinte, é fundamental ressaltar a relevância da pressão estética enquanto constructo social na contemporaneidade. Tal

fenômeno se caracteriza pela influência e expectativa social para que as pessoas se encaixem naquilo que é considerado belo. O artigo "Efeitos psicológicos da pressão estética no Brasil - Revisão narrativa", escrito por Letícia Barcelos (2022), discorre a respeito da relação das mídias sociais com a pressão estética e seus malefícios para a saúde mental dos indivíduos. Diante dos dados presentes no estudo, infere-se que a pressão estética, aliada à crescente presença das mídias sociais no cotidiano, contribui para alimentar a discrepância entre a ideia que temos em relação à realidade dos fatos e o aumento de transtornos de dismorfia corporal e distúrbios alimentares, principalmente em jovens, que ainda estão se moldando de acordo com sua comunidade.

Outrossim, é imprescindível destacar que, há séculos, na vida em comunidade, a comparação social impacta a autoestima e a imagem que temos de nossa compleição física. A jornalista estadunidense Naomi Wolf (2018) aponta uma recorrente obsessão social pela aparência, o que objetifica as pessoas e seus corpos, restringindo-lhes sua liberdade e poder de ação. Assim, fora das páginas literárias há uma reificação social, na qual a identidade das pessoas está sendo colocada em prova por meio dos padrões estabelecidos pela sociedade.

À luz dessa perspectiva, cabe mencionar sobre como a mídia influencia na imposição estética, com a proliferação de fotos de influenciadores frequentemente submetidas à manipulação por filtros e edições e à tendências vestimentares hegemônicas que promovem o encobrimento estratégico de áreas corporais percebidas como desviantes da norma estética, se consolidando como tendência. Segundo Maya Pavan (2022), observa-se como esse modelo estético imposto pela comunidade está sendo cada vez mais atrelado à economia, principalmente quando falamos da mídia. Diversos influenciadores digitais - indivíduos que trabalham influenciando as

pessoas na internet - vendem um corpo perfeito e irreal, apenas com a constância de uma rotina regrada de exercícios e alimentação saudável, mas que na verdade, muitas vezes foi esculpido às escondidas de maneira artificial.

Nesse cenário, citar o livro “A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana em uma Era de Expectativas”, de Christopher Lasch (1983), é bastante significativo, já que a obra traduz como a lógica capitalista transforma relações humanas em mercadoria e reduz a vida coletiva a um palco de exibição, fragilizando laços sociais, diluindo valores comunitários e alimentando uma sensação crônica de vazio. Assim, ele expõe como o individualismo exacerbado, típico da sociedade de consumo, gera sujeitos voltados para si mesmos, inseguros, em uma busca constante de validação externa. Portanto, as reflexões de Lasch são extremamente atuais, uma vez que vivemos em uma era marcada pelas redes sociais, pela exposição constante da vida privada e da busca incessante pelo reconhecimento e prestígio simbólico, que leva os indivíduos a uma constante preocupação com a aparência e obsessão pelo ideal da “perfeição” corporal.

3. TRANSTORNOS MENTAIS E VULNERABILIDADE PSICOLÓGICA COMO DETERMINANTES DO USO DE ANABOLIZANTES

Na sociedade atual, caracterizada por padrões de beleza que cada vez mais exigem a perfeição e impõe algo como certo e errado, surge a dúvida sobre o próprio ser. A forma como nos percebemos está diretamente associada à autoimagem, sendo a mesma:

[...] uma reflexão subjetiva e não necessariamente precisa da realidade, pois trata-se da representação da observação de uma pessoa sobre a forma como ela mesma se percebe perante os demais. Assim, a autoimagem pode ser definida como a forma como alguém se percebe enxergada pelos outros, ou, em outras palavras, como este alguém imagina ser sua imagem para os outros. (SOUZA, 2023, p.3)

Ainda nessa linha, existe uma tendência de distorcer a autoimagem corporal, deixando hiatos entre o que realmente somos e o que idealizamos como corpo perfeito. Tais distorções podem ser determinadas pelas pessoas ou pelo ambiente, quando é imposto um comportamento identitário que pode não condizer com o seu.

Esse desacordo entre o eu real e o eu ideal, evidência a forma subjetiva que o ser humano tem da sua própria imagem, e que pode provocar, além de sofrimento, atitudes temerárias e extremadas na busca em eliminar a dissonância entre a identidade e o corpo real. Assim sendo, muitas pessoas passam a procurar a validação que tanto almejam através de estratégias que lidam com procedimentos estéticos ou o simples uso de um artifício conhecidos popularmente em academias ou mídias sociais, o anabolizante.

Deste modo, segundo o estudo “Transtornos psiquiátricos na medicina estética: a importância do reconhecimento de sinais e sintomas” (2017), o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) se encaixa nas perturbações de cunho psiquiátrico, incluído na categoria das desordens obsessivo-compulsivas, podendo ser definido por uma compulsão exagerada do indivíduo pela sua aparência e, ainda, por uma preocupação excessiva com “imperfeições” no aspecto físico. Tal fixação por um ideal de beleza pode, a médio prazo, inviabilizar vários aspectos da vida do indivíduo acometido por esse tipo de angústia. Além disso, o TDC diz respeito a mais de uma parte do corpo, diferente da anorexia e bulimia que tem relação com tamanho ou forma do corpo como um todo.

O uso de anabolizantes muitas vezes é associado a um distúrbio de autopercepção conhecido como vigorexia, transtorno que consiste na visão equivocada e distorcida que o indivíduo tem sobre seu próprio corpo de modo a percebê-lo como frágil e pequeno, contrariando o que geralmente são: musculosos e saudáveis. Além disso, demonstram

uma desmedida preocupação com o aspecto físico, buscando frequentemente o ideal próprio de perfeição corporal, fato que leva a um permanente sentimento de insatisfação (RAVELLI, 2012). Ademais, os vigoréxicos passam a desenvolver baixa autoestima, repercutindo em suas vidas pessoais, profissionais e amorosas, pois em alguns casos deixam de cumprir seus compromissos pessoais e ficam restritos à sua residência, em prol do cumprimento de seu objetivo maior (SANTOS, 2012).

3.1. COMO A SOCIEDADE ATUAL FAVORECE TRANSTORNOS VINCULADOS AO CORPO E A BUSCA PELO CORPO IDEAL

Nesse viés, é crucial entendermos o conceito de cultura do imediatismo e como isso se relaciona com os transtornos psicológicos relacionados à estética, para que compreendamos por que há uma grande busca por rápidas transformações do corpo.

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (2000) desenvolveu o conceito de modernidade líquida para caracterizar a sociedade pós-moderna, visto que as relações interpessoais e os valores têm se tornado liquefeitos e fluidos, rodeados de dúvidas e incertezas, sem que possamos controlar ou prever. Diante de tanta efemeridade, emergem incertezas provocadas pela natureza volátil da realidade contemporânea. Essa fluidez também se manifesta nos padrões estéticos, que mudam rapidamente e tornam obsoletas as antigas referências de beleza.

Nesse cenário, a instabilidade do mundo atual torna o planejamento algo desafiador, pois tudo o que possuímos, de forma concreta, são suposições e questionamentos. Consequentemente, cresce a ansiedade e a inquietação, impulsionando o medo de ser deixado para trás. Com isso, muitas pessoas desenvolvem receio de se tornarem ultrapassadas e 'obsoletas', o que alimenta a procura por

soluções imediatas. No âmbito estético, um grande número de pessoas recorre a soluções imediatistas — como procedimentos estéticos da moda ou o uso indiscriminado de anabolizantes — na tentativa de acompanhar os padrões vigentes e manter-se integrado ao ideal de beleza vigente. A cultura do imediatismo é caracterizada exatamente por essa situação, visto que, em nossa sociedade, buscamos soluções rápidas e eficientes para atender às nossas demandas, desencadeando traços de impaciência e insatisfação.

Sob esse prisma, Byung-Chul Han (2019), filósofo sul-coreano, argumentou em seu livro “Sociedade do Cansaço” que vivemos sob a lógica do rendimento, na qual o indivíduo sente-se coagido a estar sempre se aperfeiçoando e obtendo bons resultados de forma imediata. Diante disso, esse raciocínio de valorizar o fazer constante e os resultados instantâneos potencializa a exaustão emocional e a ansiedade, alimentando o medo de não acompanhar as exigências sociais. Desse modo, no campo da estética, essa realidade é percebida na corrida por transformações corporais imediatas, na tentativa de atender os padrões voláteis de beleza, a fim de evitar o sentimento de inadequação ao grupo.

Logo, podemos observar como a pressão estética, moldada pela modernidade líquida descrita por BAUMAN e o culto à performance analisado por HAN, se conectam com a cultura do imediatismo, contribuindo para o adoecimento psíquico dos indivíduos e a desvalorização do tempo natural das transformações humanas. Esse cenário de incertezas e exigências constantes impulsiona a busca incessante por soluções estéticas rápidas, não como uma escolha puramente individual, mas como uma resposta a um sistema que demanda adaptação contínua e transformação constante. Nesse contexto, práticas como o “*body morphing*” surgem como uma manifestação extrema dessa necessidade de modificar o corpo em

tempo real, acompanhando as rápidas e imediatas mudanças dos padrões sociais.

O termo *body morphing*, no contexto da pressão estética e da cultura do imediatismo, refere-se às modificações corporais aceleradas que visam alcançar padrões de beleza socialmente aceitos. Deste modo, a procura por um corpo “perfeito”, e de rápida obtenção, leva muitas pessoas ao uso indiscriminado de anabolizantes. Segundo Harrison Pope (2000), tal ação pode desencadear a vigorexia, também denominada complexo de Adônis, que como já mencionado anteriormente, se resume a uma insatisfação constante com a aparência física, levando, muitas vezes, ao consumo descontrolado de substâncias para essa finalidade.

Ademais, outro tipo de prática que se manifesta como uma solução rápida em uma sociedade imediatista é a realização de procedimentos estéticos. Segundo MARQUES (2022), entre os anos de 2010 a 2020, o aumento da procura por procedimentos estéticos não invasivos no Brasil foi significativo, com a disseminação em massa de técnicas de aplicações menos complexas que uma cirurgia. A utilização de práticas como aplicação de toxina botulínica, preenchimento com ácido hialurônico e peeling químico estiveram entre os mais realizados. Segundo ele, a qualidade da pele de um indivíduo constitui o principal indicador da sua aparência, idade, saúde e bem-estar, exemplificando que esse crescente número de intervenções reflete na atual percepção sobre como a aparência de um indivíduo é vista e associada com saúde e qualidade de vida. Tal fato demonstra a pressão pela preservação de um estereótipo que não só busca maneiras cada vez mais rápidas de encontrar resultados estéticos, mas também o corpo perfeito.

De modo similar, métodos de emagrecimento acelerado se constituem como outro aspecto do *body morphing*, visto que em uma sociedade na qual um corpo saudável é aquele caracterizado pela

magreza, a busca incessante pelo emagrecimento rápido se tornou uma exigência social. SOUTO e FERRO-BUCHER (2023) argumentam que atualmente “observa-se o crescimento de dietas e de transtornos alimentares, o que representa, individualmente, insegurança e insatisfação quanto ao corpo” (p.695). As autoras ainda discorrem sobre como essa imagem corporal idealizada é um padrão impossível ou impróprio, incompatível com a grande maioria da população.

Deste modo, dietas extremas, em conjunto com o uso descontrolado de medicamentos, ocasionam problemas de saúde, bem como transtornos alimentares graves. Na atualidade, outro fenômeno crescente é o uso indiscriminado do medicamento *Ozempic* - fármaco descrito para tratamento de diabetes do tipo 2, o qual auxilia na redução de açúcar no sangue - porém, ele vem sendo utilizado irresponsavelmente por pessoas que desejam uma rápida perda de peso sem a ajuda de um profissional da saúde. Apesar de, no primeiro momento, o efeito ser o desejado, o uso contínuo da substância pode acarretar riscos graves para a saúde dos indivíduos, comprovando a vulnerabilidade do corpo humano.

Dessa forma, o fenômeno do *body morphing*, evidenciado pela busca na transformação do corpo de forma acelerada, demonstra uma sociedade que prioriza a boa aparência física e imediata, em detrimento do bem-estar e saúde. O abuso no uso de anabolizantes, procedimentos estéticos e dietas extremas está cada vez mais atrelado à cultura do imediatismo, na tentativa de alcançar um padrão estético momentâneo. Portanto, entende-se que as pessoas que recorrem a esses exageros estão imersas em uma cultura do imediato, influenciada pelas pressões estéticas impostas pela sociedade e pela mídia, o que prejudica a sua capacidade de autoaceitação e autoconhecimento.

4. O CUSTO DO IDEAL DE BELEZA: COMO OS ANABOLIZANTES TRAZEM RISCOS E IMPLICAM À SAÚDE?

Com o crescente aumento da utilização de anabolizantes, torna-se necessário compreender o que são essas substâncias. O corpo humano produz esteroides que são hormônios fabricados pelo córtex da supra-renal, ou pelas gônadas, no qual são responsáveis por diversas funções do organismo (REDONDO, 2007).

Anabolizantes são hormônios esteroides naturais e sintéticos que promovem o crescimento celular e a sua divisão, resultando no desenvolvimento de diversos tipos de tecidos, especialmente o muscular e ósseo. São substâncias geralmente derivadas do hormônio sexual masculino, a testosterona, e podem ser administradas principalmente por via oral ou injetável. (Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem, 2022, s/p)

O registro do fisiologista francês, Charles-Édouard Brown-Séquard (1889), é um dos primeiros sobre o uso de esteroides anabolizantes, no qual o pesquisador aplicou em si uma injeção com extrato de líquido oriundo de testículos de cachorros e porcos e observou um aumento de força e energia mental, além de um retardamento no processo de envelhecimento (SILVA, 2005). A utilização dos esteroides anabólicos androgênicos (EAA) começou de forma terapêutica e, durante a Segunda Guerra Mundial, de forma específica para aumentar a agressividade dos soldados. Logo após, foi proposto que sua utilização se destinasse à melhoria da performance de atletas, já que leva ao aumento da musculatura (LISE, 1999).

O estudo “Alterações fisiológicas e efeitos colaterais decorrentes da utilização de esteroides anabolizantes androgênicos” (LIMA e CARDOSO, 2011) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), alertam que o abuso no consumo de EAA já representa uma grande preocupação social, tendo em vista que, cada vez mais, vem ocorrendo de forma indiscriminada, sem necessidade e sem acompanhamento, podendo levar os indivíduos à dependência química. Na medicina, os

EAA podem ter uma utilização benéfica e, quando manipulados por profissionais da área, podem apresentar funcionalidade em tratamentos como os da osteoporose, da anemia causada por falhas na medula óssea ou nos rins, e até no tratamento do câncer de mama avançado.

Portanto, torna-se evidente que o uso de qualquer substância de maneira descontrolada e sem orientação médica representa um risco à saúde. Desta forma, PEREIRA (2019) apresenta que o sistema hepático e cardiovascular são os dois que mais colocam em risco a vida dos indivíduos perante o uso de EAAs. O estudo aborda algumas das principais complicações causadas pelo abuso da substância no organismo, entre elas: o aumento da pressão arterial, um desequilíbrio na atividade autônoma em relação aos não usuários, a calcificação vascular em decorrência da diminuição da elasticidade dos vasos e a hipertrofia miocárdica. Em ex-usuários, a disfunção cardíaca pode prosseguir mesmo após três meses da interrupção do uso. Além disso, o aumento no volume de placas ateroscleróticas intensifica-se com o uso prolongado de EAA. O trabalho ainda aponta que o risco de morte entre a população de dependentes de EAAs é de 4,6% maior se comparado aos não dependentes, esses mesmos usuários também apresentam um risco maior de desenvolver eventos tromboembólicos.

Deste modo, os efeitos colaterais do uso de anabolizantes no corpo humano são diversos, muitas vezes podendo causar danos irreversíveis. Portanto, é fundamental compreender que os riscos não são apenas fisiológicos e estéticos, mas também cardiovasculares, imunológicos, hepáticos e psicológicos. A alteração drástica no equilíbrio químico do cérebro, aliada às pressões psicológicas e sociais, abre um preocupante contexto de consequências para a saúde mental dos indivíduos que fazem uso dessas substâncias.

O uso indiscriminado de anabolizantes, além de provocar danos, muitas vezes irreparáveis à saúde física, também pode acarretar problemas psiquiátricos, como dismorfias corporais e doenças, como ansiedade e depressão, durante a fase rebote após a suspensão do uso. De acordo com CABRAL (2023), essas substâncias, por serem derivadas da testosterona, podem desencadear quadros de ansiedade, alterações de humor, de cognição, de sono, etc. Logo, são perceptíveis alterações de personalidade e comportamento, já que pessoas que utilizam desses esteroides tendem a apresentar maior agressividade e comportamento suicida.

Ademais, muitos dos problemas mentais relacionados ao uso dos anabolizantes estão diretamente ligados à imagem corporal vinda da pressão estética imposta. De acordo com GONÇALVES *et al* (2020), essa pressão psicológica afeta em demasia os atletas, já que, no meio esportivo, quanto maior o rendimento, melhor o desempenho e resultados. Além de modificar o corpo e a mente, o uso de anabolizantes também aumenta o rendimento físico dos atletas, o que acaba contribuindo para suas performances, mesmo prejudicando a saúde mental dos indivíduos.

Logo, mesmo sabendo que há um crescimento na venda desses produtos, é de extrema importância conscientizar as pessoas que se tratam de drogas e que podem ser um empecilho para uma carreira bem sucedida.

Outrossim, a busca pelo máximo rendimento em performances que exijam força e potência, associada ao desejo de ganhar rapidamente massa corporal, levam os usuários de anabolizantes a utilizarem uma combinação de vários esteroides diferentes, processo chamado de *stacking* ou “empilhamento” (BAMBERGER & YAEGER, 1997); e a combinação de esteroides com outras drogas, como o hormônio do crescimento, estimulantes, diuréticos, etc (STURMI &

DIORIO, 1998). Assim, os usuários geralmente combinam, de forma independente e não regulamentada, EAAs e demais componentes de ação rápida com outros de ação prolongada, acreditando que os resultados de força, massa e definição serão mais intensos do que o uso isolado de um único produto. Porém, essa é uma ilusão que apenas leva ao aumento dos danos colaterais, já que essas práticas agravam drasticamente os efeitos tanto físicos, quanto psicológicos, do uso dessas substâncias.

Conclui-se que os efeitos colaterais do uso de esteroides são muito sérios e danosos para a vida em geral, já que podem destruir um indivíduo em decorrência de um vício. Além disso, a autodepreciação está muito presente nesse meio, já que devido a comparações desabonadoras, as pessoas, que geralmente não têm apoio psicológico, não enxergam a beleza de sua verdadeira imagem e, consequentemente, perdem um pouco de si mesmas ao longo do processo.

Diante de todos os riscos apresentados decorrentes do uso indiscriminado de anabolizantes, mostra-se necessária uma regulamentação sobre a sua venda e consumo. No Brasil, o uso, posse, comércio e fabricação de anabolizantes e esteroides são regulados por diversas leis e normas, principalmente pela Lei nº 11.343/2006 (Lei de Drogas) e pela portaria da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que lista substâncias controladas. As normatizações existentes, muitas vezes, se mostram insuficientes ou ineficazes (MACEDO, 2017). Portanto, faz-se necessárias medidas de prevenção, conscientização, assim como punições mais rígidas àqueles que não seguem as normas.

O estudo “Uso de esteroides anabolizantes e similares: um problema social” (MACEDO, 2017) apresenta um programa de prevenção, educação e reabilitação dos usuários de anabolizantes, com

enfoque no público mais jovem. Projetos como esse têm como objetivo apresentar os riscos da utilização exagerada de tais substâncias sem orientação médica, contribuindo positivamente para a redução dos usuários de EAA e dos danos à saúde física e mental. No entanto, tais medidas de prevenção e reabilitação ainda se mostram incipientes e de alcance limitado, sobretudo diante da crescente influência de padrões estéticos midiáticos e da normalização do uso de esteroides anabolizantes androgênicos em contextos não médicos.

Os anabolizantes esteroides para fins estéticos e para ganho de massa utilizados sem o acompanhamento especializado são, geralmente, conseguidos de forma ilegal, no chamado mercado paralelo. Os EAA adquiridos clandestinamente, na grande parte das vezes, são falsificados ou estão abaixo do padrão de qualidade (MAGNOLINI, 2022). Além disso, é importante ressaltar que, quando essas substâncias advêm de um local de procedência duvidosa, a chance de haver algum tipo de contaminação ou falha no material é muito maior, aumentando os riscos à saúde física do usuário. Contudo, pelo fato de esses produtos serem adquiridos ilegalmente, a fiscalização pelos órgãos competentes, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) não é realizada.

O artigo 28 da Lei nº 11.343, promulgada em 2006 no Brasil, estabelece que o indivíduo flagrado em posse de anabolizantes para uso próprio, sem prescrição médica, não pode ser privado de liberdade, sendo, na maioria dos casos, submetido a penas brandas, como advertência, prestação de serviços à comunidade ou medida educativa. Nesse viés, por conta da leveza das sanções previstas, consolida-se um cenário de impunidade relativa, no qual o uso de esteroides anabolizantes é naturalizado em determinados contextos sociais, como academias e ambientes virtuais.

Dessa forma, tais falhas no sistema de prevenção e nas legislações contribuem para que a automedicação dos EAA para fins estéticos aumente, sendo essa prática especialmente observada entre adolescentes e atletas. Para NEVES *et al.* (2024) os efeitos da crescente onda do uso de anabolizantes sem acompanhamento ou indicação médica pode ocasionar em inúmeras mudanças no organismo, em especial no sistema cardiovascular, podendo levar o indivíduo à morte.

Diante de tudo que foi exposto, infere-se que o consumo de esteroides anabolizantes androgênicos causa diversas consequências negativas relacionadas à saúde física e mental dos usuários. O farmacêutico Luis Gonzaga (2016) afirmou que: "O culto do corpo associado à desinformação e à falta de orientação por profissionais de saúde criam, assim, condições favoráveis ao uso de anabolizantes, tornando-se o seu abuso um problema de saúde pública". Dessa maneira, no transcorrer do presente estudo, ficou evidente a necessidade de conscientizar a população sobre os riscos associados à valorização excessiva da aparência física e à busca por padrões corporais idealizados, tão frequentemente exaltados nas mídias sociais. Essa pressão estética, aliada à tendência de supervalorizar a imagem pessoal, favorece o uso indiscriminado de anabolizantes, evidenciando como a obsessão pelo corpo perfeito pode se tornar um fator de risco à saúde física e mental. Dessa forma, torna-se urgente promover estratégias de prevenção, educação e fiscalização, visando reduzir os impactos nocivos dessa cultura de valorização extrema do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é evidente que o consumo excessivo de anabolizantes e a procura constante por procedimentos estéticos

constituem desafios complexos, pois envolvem aspectos físicos, psicológicos e sociais que se interconectam e impactam diretamente a construção da identidade e o bem-estar individual. Essas práticas vão além da esfera da saúde física e devem ser entendidas como expressões de um processo social mais amplo, no qual a pressão estética e a vulnerabilidade psicológica moldam a forma como o indivíduo constrói e percebe a si mesmo.

Nesse contexto, o corpo deixa de ser apenas uma expressão individual e passa a representar uma construção social, submetido às exigências externas de validação e à lógica do imediatismo. Dessa forma, as práticas de transformação corporal acelerada, como o uso de EAA, apresentam não apenas escolhas pessoais, mas também a assimilação de ideais coletivos que reforçam a busca por um padrão de beleza idealizado.

Esse cenário, por sua vez, provoca efeitos de múltiplos níveis. No âmbito psicológico, desencadeia o desenvolvimento de transtornos de autoimagem, ansiedade e vigorexia. No físico, acarreta riscos clínicos graves, associados ao uso indiscriminado de substâncias hormonais. Além disso, no contexto social, compromete a autonomia identitária ao submeter o sujeito às normas e expectativas coletivas de beleza e sucesso. Assim, mais do que uma questão fisiológica, trata-se de um fenômeno multidimensional, que interliga identidade, saúde e cultura, exigindo uma abordagem que considere esses elementos de forma integrada.

Assim, os pontos desenvolvidos ao longo deste artigo evidenciam que a formação da identidade, os transtornos mentais e a vulnerabilidade psicológica, especialmente ligados à percepção de si, constituem fatores determinantes na adesão ao uso indiscriminado de anabolizantes. Diante do que já foi exposto, a análise da pressão estética e de seus efeitos sobre o corpo demonstrou que indivíduos

com uma autoimagem fragilizada ou distorcida tendem a recorrer a essas substâncias na busca por transformações corporais aceleradas. Por fim, este estudo revelou as consequências físicas, emocionais e sociais desse consumo, reforçando a necessidade de políticas públicas, programas de conscientização e acompanhamento psicológico que promovam uma relação mais saudável entre o indivíduo e sua imagem corporal.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, M; YAEGER, D. **Over the edge**. Sports Illustrated, 1997. Disponível em: <https://vault.si.com/vault/1997/04/14/over-the-edge-aware-that-drug-testing-is-a-sham-athletes-to-rely-more-than-ever-on-banned-performance-enhancers?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BARCELOS, Letícia Bianchini. **Efeitos psicológicos da pressão estética no Brasil**. 2022. Disponível em: <<https://dspace.uniube.br:8443/bitstream/123456789/2042/1/LETICIA%20BIANCHINI%20BARCELOS.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- BARROS, Douglas. **O que é Identitarismo?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.
- BAUMAN, Z. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Agência Brasileira de Controle de Dopagem. **O que são anabolizantes?** gov.br, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.gov.br/abcd/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/prejuizos-para-a-saude-do-atleta/o-que-sao-anabolizantes>>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 11.343**, de 23 de agosto de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- CABRAL, Victor Gomide; RACHID, Clara de Moura; GONÇALVES, Júlia Assis; SOUSA, Lara Camaranno de; FILARDI, Ana Carolina de Oliveira. **Uso excessivo de anabolizantes e suas repercussões psiquiátricas**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e

Educação, 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11243>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

DIAS, Anna Karoliny Matos Nascimento e; PEREIRA, Nilva Alves; SANTOS, Tayná Rodovalho dos; ALMEIDA, Viviane Jaques de; SALOMÃO, Pedro Emílio Amador. **O uso indiscriminado do medicamento Ozempic visando o emagrecimento.** Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, 2023. Disponível em: <https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2023/1338_o_uso_indiscriminado_do_medicamento_ozempic_visando_o_emagrecimento.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

DOURADO Gonçalves F. T.; SILVIA Menegon V. G.; SANTOS de Oliveira M. M; et al. **Imagem corporal feminina e os efeitos sobre a saúde mental: uma revisão bibliográfica sobre a intersecção entre gênero, raça e classe.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2194>>. Acesso em: 12 Jun. 2025.

DUTRA, B. S. C.; PAGANI, M. M.; RAGNINI, M. P. **Esteróides anabolizantes: uma abordagem teórica.** Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.31072/rcf.v3i2.132>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

ERIKSON, Erik. **Infância e Sociedade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1950.

GONÇALVES, Francisca Tatiana Dourado; OLIVEIRA, Erick Michell Bezerra; SOARES, Alanna Nunes; MELO, Karine Costa et al. **O uso de esteroides anabolizantes androgênicos associados ao perfil de fisiculturistas em uma cidade do maranhão.** International Journal of Development Research, 2020. Disponível em: <<https://jurnalijdr.com/o-uso-de-esteroides-anabolizantes-androg%C3%A3nicos-associados-ao-perfil-de-fisiculturistas-em-uma-cidade>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

GONZAGA, Luís João Ferreira. **O uso de esteróides androgénicos-anabolizantes em química terapêutica e o seu ilícito no mercado de venda paralelo.** Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/48521/1/M_Luis%20Gonzag.pdf>.

GUIDI, Giovanni José Signorelli. **Identidade pessoal em Freud.** 2011. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/74034935-22c2-4bea-9f4d-6a4adc1e90ba/content>>. Acesso em: 20 Mar. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

IDENTIDADE. In: Oxford Dictionary. Oxford University. 2010. Disponível em: <<https://languages.oup.com/dictionaries/>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**- Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIMA, Alisson Padilha de; CARDOSO, Fabrício Bruno. **Alterações fisiológicas e efeitos colaterais decorrentes da utilização de esteroides anabolizantes androgênicos.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2011. Disponível em: <https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/1252/1063>. Acesso em: 15 jun. 2025.

LISE, M. L. Z.; DA GAMA E SILVA, T. S.; FERIGOLO, M.; BARROS, H. M. T. **O abuso de esteróides anabólico-androgênicos em atletismo.** Revista da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 364-370, dez. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ramb/a/Th9wgNHNqQTX6rnnqMCFXr>>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MACEDO, Clayton Luiz Dornelles; FIORETTI, Andrea Britto; PACHON, Karen Cunha; COHEN, Moises; et al. **Uso de esteroides anabolizantes e similares: um problema social e de saúde pública.** Revista E-LEGIS, 2017. Disponível em: <<https://e-legis.camara.leg.br/cefor/index.php/e-legis/article/view/389>>. Acesso em: 17 set. 2025.

MAGALHÃES, Fernando. **Vigorexia e o Transtorno dismórfico corporal.** [s.d.]. Disponível em: <<https://fernandomagalhaes.pt/vigorexia/#:~:text=Na%20vigorexia%2C%20ou%20complexo%20de,as%20caracter%C3%ADsticas%20dos%20transtornos%20alimentares>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MAGNOLINI, R., Falcato, L., Cremonesi, A., Schori, D., & Bruggmann, P. **Fake anabolic androgenic steroids on the black market - a systematic review and meta-analysis on qualitative and quantitative analytical results found within the literature.** 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-022-13734-4>> Acesso em: 13 jun. 2025.

MARQUES, P. R. C. **Procedimentos estéticos não cirúrgicos realizados no Brasil entre 2010 e 2020.** Revista Multidisciplinar em Saúde, 2022. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/rems/article/view/3759>. Acesso em: 26 abr. 2025.

MOORE, David S. **O genoma em desenvolvimento: Uma introdução à epigenética comportamental.** Oxford University Press, 2015.

NASCIMENTO E DIAS, A. K. M.; PEREIRA, N. A.; SANTOS, T. R. dos; ALMEIDA, V. J. de; SALOMÃO, P. E. A. **O uso indiscriminado do medicamento Ozempic visando o emagrecimento.** Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, 2023. Disponível em: <<https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1307>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

NEVES, M. A. O.; SILVA, R. A. da; FLORES, J. C.; CALIXTO, M. de M.; TAVARES, T. de M. **A automedicação de esteroides anabolizantes e suas complicações à saúde cardiovascular.** Revista Contemporânea, 2024. Disponível em: <<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/5414>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PAVAN, Maya; SANSONI, Nicole. **A mercantilização do feminino: capitalismo e padrão estético.** Revista Pet Economia UFES, v. 2, n. 2, p. 27-31, 2022.

PEREIRA, Igor Eduardo da Cunha. **O uso de esteroides anabólicos androgênicos no fisiculturismo e seus efeitos adversos sobre o sistema cardiovascular.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28164>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

POPE, Harrison. **The Adonis Complex: The Secret Crisis of Male Body Obsession.** Free Press, 2000.

PRADO, L. B. L.; ROMÃO SCHIASSI, A. L.; GUIMARÃES, A. L. T. L. V.; PINTO STORINO, E. **Correlação entre o uso de anabolizantes esteróides e o surgimento de distúrbios mentais.** Brazilian Journal of Implantology and Health, 2023. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/article/view/596>. Acesso em: 24 set. 2025.

RAVELLI, Felipe. **Uso de esteróides anabolizantes androgênicos: estudo sobre a vigorexia e a insatisfação corporal.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) — Instituto de

Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2012.

REDONDO, Fernanda Roberta Roque. **Efeitos do uso de esteróides anabolizantes associados ao treinamento físico de natação sobre o fluxo sanguíneo para o miocárdio de ratos normotensos.** 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39132/tde-20042007-100232/publico/Dissertacaomestrado.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

IBEIRO, Maiara. **Pressão estética pode afetar a saúde mental.** Portal Drauzio Varella, 20 mar. 2023. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/pressao-estetica-pode-afetar-a-saude-mental/>>. Acesso em: 20 set. 2025.

SANTOS, Niraldo de Oliveira; MARQUES, Vanessa Gimenes; SANTOS, Amanda Maihara dos; BENUTE, Gláucia Rosana Guerra; SOUZA DE LUCIA, Mara Cristina. **Vigorexia, uso de anabolizantes e a (não) procura por tratamento psicológico: relato de experiência.** Psicologia Hospitalar, 2012. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v10n1/v10n1a02.pdf>. Acesso em: 23 SET. 2025.

SCHERER, Juliana Nichterwitz; ORNELL, Felipe; NARVAEZ, Joana Corrêa de Magalhães; NUNES, Rafael Ceita. **Transtornos psiquiátricos na medicina estética: a importância do reconhecimento de sinais e sintomas.** Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, 2017. Disponível em: <<https://www.rbcsp.org.br/details/1900/Transtornos-psiquiatricos-na-medicina-estetica--a-importancia-do-reconhecimento-de-sinais-e-sintomas>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SILVA, Paulo Rodrigo Pedroso da. **Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação da cidade de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas: Endocrinologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6723/000489079.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SOUTO, Silvana; SURSIS NOBRE FERRO-BUCHER, Júlia. **Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares.** Revista de Nutrição, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/nutricao/article/view/9730>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SOUZA JÚNIOR, João Henrique de. **Eu sou como me vejo? A influência das pressões estéticas na percepção da autoimagem corporal feminina.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18306/12389>. Acesso em 22 set. 2025.

STURMI, J.E.; DIORIO, D.J. **Anabolic Agents.** Clinics in Sports Medicine, 1998. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9580841/>>. Acesso em: 16 jun.2025

TAYLOR, Charles. **As fontes do self – A construção da identidade moderna.** Tradução de Adail U. Sobral e Dinah de Azevedo de Abreu. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 18. ed.: Rosa dos Ventos, 2018.

RUMO AO CAPITALISMO INTANGÍVEL

Pedro Silveira da Silva

"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê." (ARTHUR SCHOPENHAUER)

RESUMO: Este artigo visa analisar a transição do capitalismo tradicional, baseado em ativos materiais, para um novo sistema econômico denominado "capitalismo intangível", no qual o valor é gerado a partir de ativos imateriais como dados, algoritmos e a atenção do público. Primeiramente, o trabalho aborda as crises cíclicas do capitalismo, com destaque para a de 2008, e como as transformações impulsionadas pela Terceira e Quarta Revoluções Industriais abriram caminho para a hegemonia da economia digital. Como resultado, observa-se a centralização de poder nas mãos de grandes empresas de tecnologia (as Big Techs), que monetizam informações e comportamentos humanos, principalmente por meio de publicidades impulsionadas pelo algoritmo. Discute-se o conceito de "Tecnofeudalismo" para descrever a relação em que usuários fornecem dados e informações (como servos forneciam trabalho no feudalismo) em troca do uso de plataformas digitais, que por sua vez, agem como senhores feudais modernos. Assim, as grandes empresas (vassalas) dependem das Big Techs para vender seus produtos, pois estas possuem o monopólio do capital-nuvem. Conclui-se que este novo modelo não apenas cria novas formas de exploração, mas também impõe desafios significativos à soberania dos Estados e à democracia global, gerando um paradoxo no qual os governos se encontram dependentes das mesmas corporações que precisam regulamentar.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnofeudalismo; Economia; Big Techs; Capitalismo Intangível.

ABSTRACT: This article aims to analyze the transition from traditional capitalism, based on material assets, to a new economic system termed "intangible capitalism," in which value is generated from intangible assets such as data, algorithms, and public attention. First, the paper addresses the cyclical crises of capitalism, with emphasis on the 2008 crisis, and how the transformations driven by the Third and Fourth Industrial Revolutions paved the way for the hegemony of the digital economy. As a result, a centralization of power is observed in the hands of large technology companies (Big Techs), which monetize human information and behaviors, primarily through algorithm-driven advertising. The concept of "Tecnofeudalism" is discussed to describe the relationship wherein users provide data and information (much as serfs provided labor in feudalism) in exchange for access to digital platforms, which, in turn, act as modern feudal lords. Consequently, large corporations (vassals) become dependent on Big Techs to sell their products, as the latter possess a monopoly on "cloud capital." It is concluded that this new model not only creates new forms of exploitation but also imposes significant challenges to state sovereignty and global democracy, generating a paradox in which governments find themselves dependent on the very corporations they must regulate.

KEYWORDS: Technofeudalism; Economy; Big Techs; Intangible Capitalism.

1. INTRODUÇÃO

Durante séculos, o capitalismo foi visto como sinônimo de produção em massa, exploração de mão de obra e busca incessante por lucros. A riqueza era medida a partir de hectares de terras, quilogramas de ouro ou então parques fabris que possuíam alta capacidade de produzir itens em grande quantidade. No entanto, esse sistema passou por uma enorme transformação silenciosa desencadeada pela ascensão da tecnologia e do mundo virtual, além da constituição de uma sociedade digital.

Este artigo visa explorar o novo capitalismo em que vivemos, centrado nas grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado e o mundo. Esse complexo é o que chamamos de “capitalismo intangível”: um novo sistema econômico no qual os ativos mais valorizados não são mais físicos, mas sim imateriais - intangíveis. A geração de riqueza passou a ser outra, através de dados, algoritmos, influência digital e, principalmente, a atenção do público. Com esses elementos, empresas como Google e Meta não necessitam mais de fábricas para obter lucros, uma vez que o grande gerador de receita passou de vendas de produtos e serviços para publicidades direcionadas, ofertas de dados, entre outros. Logo, o capital sofreu uma transição da economia voltada à produtividade para economia da atenção e da coleta de dados (Big datas). O lucro é obtido, então, por meio da fidelização do acesso, visto que quanto mais pessoas utilizando um determinado meio digital, maior é o potencial lucrativo desse.

Entretanto, essa transformação não ocorreu do nada. O capitalismo tradicional vinha apresentando crises. O modelo focado em fábricas dava sinais de esgotamento, levando à desindustrialização em muitas economias ocidentais. Com menos lucro vindo da produção de produtos físicos, o capital migrou para o chamado "capital rentista" -

um modelo focado em gerar riqueza a partir da própria riqueza, através de juros, especulação e ativos financeiros, em vez da produção de bens materiais.

A crise financeira de 2008 foi o colapso desse modelo rentista. Esse acontecimento, ocorrido devido à alta especulação imobiliária da época, expôs as fragilidades de um sistema focado no material e, principalmente, no financeiro. Esse colapso duplo - do velho modelo industrial em declínio e do modelo financeiro especulativo que quebrou - abriu o caminho definitivo para a ascensão do capitalismo intangível, que surgia como a nova e mais viável fronteira de acumulação. Durante esse período, um número excessivo de empréstimos com alta taxa de juros foram aceitos pelos bancos norte-americanos para a compra de imóveis. Esses financiamentos eram feitos às famílias com pouca capacidade de pagamento, elevando assim o índice de endividamento da população. Com a alta especulação imobiliária, a desregulamentação do mercado financeiro, a elevada financeirização e a ausência de pagamento dos devedores levou à uma quebra do sistema. Para tentar evitar um colapso total, o Banco Central dos EUA aumentou a emissão monetária no meio eletrônico - sem emissão real de notas, mas sim geração de títulos financeiros e de um valor simbólico para pagamento das dívidas. Esse fato ajudou na recuperação econômica, no entanto, gerou consequências a longo prazo, como a dependência econômica de juros baixos e a fragilização contra futuros choques.

Ademais, as mais recentes Revoluções Industriais (terceira e quarta) trouxeram a internet, a comunicação digital global, as inteligências artificiais, além de reestruturar a lógica socioeconômica mundial. Isso contribuiu ainda mais para o desenvolvimento dessa nova vertente capitalista focada no digital, na sociedade em rede e no elevado poder das *Big Techs*. Diante desse cenário, a concentração de

riqueza e a desigualdade social foram fatores agravados devido ao monopólio do acúmulo de dados nas mãos de poucas empresas. Questões éticas e de privacidade no meio digital passaram a ser questionadas, tendo em vista que informações pessoais se tornaram um verdadeiro ativo. Além disso, essa transformação gerou impacto, em médio prazo, na democracia por meio da manipulação da opinião pública através de “*fake news*” e a fomentação da polarização política pelas plataformas.

Nos tempos atuais, o poder - que antes era centrado nos banqueiros e donos de indústrias - está nas mãos de um grupo seletivo de empresários donos de macro empresas de tecnologia, chamadas de *Big Techs*. Estas, por sua vez, detêm a capacidade de prospecção e armazenamento de grandes volumes de dados (Big Data) e o controle dos usuários nas plataformas digitais por meio de algoritmos. Esse domínio permite-lhes direcionar a atenção do público e determinar o fluxo de informações expostas ou ocultas, visando ao rápido acúmulo de capital, além de controle político e obtenção de poder.

Em meio a essa transformação, um termo ganhou destaque ao explicar de forma metafórica o sistema implementado hoje em dia, comparando-o com o feudalismo da Idade Média. O “Tecnofeudalismo” sustenta que os usuários são como os “servos” (das nuvens), fornecendo dados constantemente (como o trabalho exercido por camponeses) em troca do uso das plataformas pertencentes às *Big Techs* (capitalistas-nuvem), que por sua vez, agem como “senhores feudais”, utilizando essas informações (capital-nuvem) para obter lucro. O livro “Tecnofeudalismo” explica como essa nova era do capitalismo utiliza a exploração universal no mundo atual:

Enquanto os capitalistas só conseguem explorar seus funcionários, os capitalistas-nuvem se beneficiam da exploração universal, ou seja, dos servos das nuvens que trabalham de graça para aumentar o estoque do capital-nuvem que permite que os capitalistas-nuvem se apropriem

cada vez mais do mais-valor que os capitalistas extraem dos empregados já convertidos em proletários das nuvens cujo trabalho é guiado e acelerado pelo capital-nuvem. (VAROUFAKIS, 2025, p.217)

Ou seja, os capitalistas são como vassalos que exploram seus funcionários. No entanto, os capitalistas-nuvem exploram os servos das nuvens e as próprias empresas que não possuem o capital-nuvem e que dependem das plataformas para criar anúncios a fim de vender seus produtos ou serviços. A lógica tecnofeudalista gira em torno do capital-nuvem, isto é, forma-se uma economia centrada na atenção do usuário, na qual dados e comportamentos são vendidos em forma de direcionamento de conteúdo.

Com isso, o lucro pode ser gerado de diversas formas, como por exemplo, pela venda de anúncios, que possuem alto índice de retorno, pois são direcionados pelo algoritmo para pessoas que, segundo os dados coletados, possuem interesse naquele produto ou serviço.

Por fim, para entender essa nova era, este trabalho, primeiramente, revisitará as bases capitalistas e sua transformação ao longo do tempo, perpassando as Revoluções Industriais e como elas afetaram o sistema econômico. Em seguida serão abordadas as crises que levaram ao seu esgotamento e deram forças à emergência do capitalismo intangível. Ao final, o artigo explorará as características desse novo modelo, abordando a centralização de poder nas *Big Techs* e o conceito de Tecnofeudalismo, refletindo sobre os desafios que essa grande transformação impõe sobre a sociedade contemporânea.

2. O CAPITALISMO TRADICIONAL

O capitalismo comercial é um modelo econômico que teve sua gênese em torno do século XV. Trata-se de um sistema que surgiu no contexto da consolidação dos Estados nacionais europeus e da exploração colonial na América, também caracterizado pelo metalismo,

mercantilismo e a tendência de ampliação dos setores urbanos e do trabalho assalariado. Ele surgiu no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, devido à decadência do feudalismo e o surgimento de novas classes sociais, como a burguesia.

Apesar da sociedade feudal encontrar-se já ultrapassada, a Europa seguiu majoritariamente rural e dependente da mão de obra camponesa. Com isso, tornou-se necessário novas formas de organização socioeconômica, devido ao crescimento comercial. Isso gerou mudanças no ramo manufatureiro, mais especificamente nas relações de trabalho, que passaram a ser cada vez mais mediadas pela conjunção salário e lucro. Ademais, a agricultura também foi inovada através de novas práticas, que tinham como foco a produção voltada para o mercado e não mais para o consumo próprio (como na agricultura familiar presente anteriormente).

Outrossim, o meio protoindustrial sofreu uma grande revolução com a ascensão da estrutura capitalista. Esse momento pode ser explicado, também, por Karl Marx que expressou sua visão de como a mudança na estrutura socioeconômica afetou os meios de produção, principalmente quando se trata da relação entre o empregador e o empregado. Através do livro “O Capital”, Marx cita:

O processo que cria a relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalhador e a propriedade das condições de realização de seu trabalho, processo que, por um lado, transforma o capital os meios sociais de subsistência e de produção e, por outro, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva não é, por conseguinte, mais do que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. (MARX, 2017, p. 786)

O filósofo acreditava que o proletariado surgiu a partir de um violento processo de separação dos trabalhadores de seus meios de produção. Esse processo acabou gerando uma massa de despossuídos

reduzida à uma volumosa reserva de força de trabalho que poderia ser comprada por diversas moedas de troca.

Com isso, foi tomando forma um modelo socioeconômico cujas relações sociais passaram a ser mediadas pelo capital. No entanto, com o passar do tempo, a relação de poder entre ambas as classes foi tornando-se o foco de conflitos sociais, que culminaram em grandes embates entre diferentes níveis da sociedade, os quais transformaram o modo em que as classes interagiam. Além disso, foram-se criando diversos requisitos técnicos nos quais o trabalhador necessitava se adequar para que assim conquistasse um emprego, especializando cada vez mais a mão de obra assalariada.

2.1 AS REVOLUÇÕES INDUSTRIAS E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

Como falado anteriormente, ao decorrer dos anos, foram ocorrendo alterações no recente sistema de produção e, ao mesmo tempo, coube à sociedade se adaptar às novas mudanças.

A primeira grande reforma ocorreu durante a Primeira Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII, e depois espalhou-se para o mundo. Esse acontecimento foi de suma importância para a consolidação do capitalismo no mundo moderno, garantindo o surgimento da indústria, que marcou a transição da produção artesanal para a mecanizada. Tudo isso devido a criação da máquina a vapor, que passou a ser muito utilizada nos meios de produção e de transporte. O carvão mineral apareceu como uma grande fonte de energia para as recentes fábricas, auxiliando assim ainda mais no desenvolvimento fabril.

Diante de tantas mudanças, o meio social passou também a ser alvo de transformações. Devido ao alto surgimento de novos centros de produção próximos às minas de carvão e locais estratégicos para o

transporte de carga, a população iniciou um processo de migração para esses pontos, chamado êxodo rural, que ocorreu devido à grande oferta de empregos nessas áreas, além da infraestrutura que as cidades ofereciam (como transporte, habitação e mercados melhores que os rurais).

Com a sociedade agora mais agrupada nos centros urbanos, começaram a ser visíveis os reflexos que o capitalismo causava no meio social. Como consequência do êxodo rural, a população que vivia nas cidades começou a se multiplicar rapidamente aumentando a mão de obra proletária disponível. A obsessão pelo lucro e a concorrência acirrada fizeram com que a burguesia industrial intensificasse a procura por mão de obra mais barata, resultando na arregimentação de mais força de trabalho feminina e infantil - na época permitido -, pois esse gerava menos custo para o empregador, logo, mais acúmulo de capital.

Conforme a população urbana aumentava, as condições de vida nas cidades se tornavam cada vez mais precárias, principalmente nas áreas periféricas, onde a maior parte da classe operária se concentrava. As elites econômicas, focadas no lucro e na maximização da produção, não demonstravam interesse em melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores. Para os donos das fábricas e das grandes indústrias, o principal objetivo era otimizar os processos de produção e aumentar a rentabilidade de seus negócios, e não garantir condições dignas de vida para aqueles que tornavam o funcionamento do sistema viável. Esse paradigma de acumulação levou a uma crise de superprodução, o que desencadeou um redirecionamento de rota. Agora, era importante que uma fração dos trabalhadores possuísse o poder de compra. Para tanto, reduzir os custos da produção, principalmente matéria-prima e mão de obra, exigia a exploração de outros continentes, em especial o africano e o asiático.

Com a alta demanda de mão de obra barata, a exploração de trabalhadores de outras áreas do mundo tornou-se necessária, ao ver das empresas. Em resposta às requisições do Capitalismo Financeiro, uma nova fase se instaurou: o Neocolonialismo (imperialismo). Nela, potências europeias, EUA e Japão exerceram um domínio econômico sobre a África e Ásia em busca de matéria-prima, mercado consumidor e trabalhadores de baixo custo. Isso satisfez as necessidades internas do sistema, sendo um acontecimento vital para a sobrevivência do capitalismo. Ademais, o Neocolonialismo formalizou a nova DIT (Divisão Internacional do Trabalho), reformulando a maneira em que o mundo produzia, aumentando a integração e a interdependência dos países para a fabricação em massa, tornando os mercados globais.

Após anos, outras revoluções industriais ganharam destaque com inovações tecnológicas e aprimoramento de técnicas, fazendo com que a sociedade se moldasse ao sistema capitalista e normalizasse as dificuldades passadas por trabalhadores em fábricas. Isto é, a exploração e a exposição a condições sub-humanas se expandiram no meio produtivo, distanciando as classes sociais envolvidas (burguesia e proletariado). Além disso, essa estrutura trazia diversos outros problemas como a busca incessante por novos mercados consumidores e fontes de matérias-primas, impulsionando a expansão do Imperialismo (ou Neocolonialismo) pelas grandes potências.

A partir da segunda metade do século XIX até o final da Segunda Guerra Mundial, o mundo vivenciou a Segunda Revolução Industrial, um período de intensas transformações tecnológicas e econômicas, que alteraram profundamente a produção e o consumo em escala global. Nesse contexto, os Estados Unidos se destacaram como uma das grandes potências emergentes, com um processo de industrialização acelerado e uma expansão territorial que moldaria seu crescimento no cenário mundial.

Com o desenvolvimento dos meios fabris, a busca pelo aperfeiçoamento da produção em grande escala era contínua. A evolução metodológica e tecnológica revolucionou a indústria, que com os ideais Fordistas e Tayloristas, baseados na linha de montagem, foram responsáveis por uma grande evolução no local produtivo. A eficiência e a produtividade aumentaram drasticamente, reduzindo o tempo necessário para a produção de produtos. Junto a isso, os custos produtivos caíram, logo, a margem de lucro obtida pelo dono da fábrica aumentou.

O sistema de linha de produção de Henry Ford exigia uma alta demanda no mercado. Para isso, foi implementado que os funcionários trabalhassem menos horas e ganhassem mais. Essa jogada econômica tinha como objetivo transformar os próprios trabalhadores em consumidores, pois o tempo livre e o maior poder aquisitivo os permitiam comprar produtos produzidos nas fábricas que eles mesmos trabalhavam, dando forma à sociedade de consumo em massa.

Após esses eventos, o mundo passou por muitas mudanças e o capitalismo se aproximou ao que conhecemos hoje. A partir da Terceira Revolução Industrial, as indústrias passaram a ser mais automatizadas e novas tecnologias passaram a ser descobertas rapidamente. Isso ocorreu devido ao surgimento de uma ciência pragmática baseada em solucionar aquilo que a sociedade industrial solicita, cujas descobertas tendem a ser de alcance mundial. Assim, para obter mais lucro, essa ciência a serviço do consumo cria as necessidades no mercado, fazendo com que o público comece a achar um item fútil, necessário. Então, o mundo digital tornou-se a síntese do pragmatismo, onde cada aplicativo lançado captura clientes e alimenta essa vertente, tudo a serviço do consumo.

Além disso, o meio digital começou a se desenvolver. O neoliberalismo chegou em 1971 com as reformas de Nixon e o fim da

conversibilidade dólar-ouro e as bolsas de valores ficaram cada vez mais conectadas. Neste ínterim, as telecomunicações dão um salto com a transmissão via satélite e o advento do telefone móvel, a comunicação social à distância começou a tornar-se comum na sociedade. A revolução do microchip foi responsável por transformar a tecnologia ao introduzir a automação e a robótica na indústria, o que auxiliou no processo de criação dos primeiros computadores pessoais. Ademais, a internet foi criada e a telecomunicação se popularizou de forma exponencial.

Com a chegada da Quarta Revolução Industrial, passamos por uma grande transformação, na qual o digital uniu-se completamente ao social. A Inteligência Artificial (IA) passou a relacionar-se com humanos e a ciência avançou drasticamente, impulsionada pela análise massiva de dados. Todos os setores da sociedade foram muito afetados e, juntamente a eles, o sistema capitalista se transformou, migrando para uma nova fase, em que o valor passou a residir cada vez mais na informação e não apenas na produção material. As empresas, desde o século XVIII, buscavam lucro e eficiência em seus complexos industriais; no entanto, a partir do século XXI, grandes empresários vêm buscando influência social, legitimidade pública e posicionamento em causas sociais e ambientais. Isso ocorreu porque, com a popularização do digital, a reputação da marca se tornou um ativo extremamente volátil. Responsabilidade social e ambiental passaram a ser fatores de decisão para os consumidores e investidores ao escolherem qual produto comprar ou qual empresa investir. Ter uma boa visão social tornou-se, portanto, uma estratégia essencial para as empresas garantirem a preferência dos consumidores a longo prazo.

Essas grandes empresas, cuja tecnologia domina o mercado, agora investem na ampliação de seus negócios através de conglomerados digitais como as Big techs e Big datas. Para muitos, o

capital intangível já domina todos os setores econômicos de nossa dita sociedade em rede. A abordagem agora se concentra no trajeto percorrido pela reprodução do capital no passar dos anos.

2.2 COMO O CAPITAL SE REPRODUZIU AO LONGO DO TEMPO?

Como falado anteriormente, para o capitalismo manter sua essência é necessário o acúmulo de capital e sua multiplicação. Ao redor do globo, a busca pela reprodução do capital foi cada vez mais garantida pelo Estado, seja através da imposição de obstáculos para a criação de leis trabalhistas, seja através da busca de matéria prima, mão de obra e mercado de consumo em países do terceiro mundo, a exemplo do imperialismo do século XIX. Isso ocorre porque, em diversas ocasiões, líderes políticos priorizaram o capital sobre o bem-estar da população alimentando um ciclo de dependência e exploração.

Esse ciclo é ainda mais fomentado pelos empresários, que a medida em que o povo busca melhorar sua condição social, se aproveitam da situação para lucrar ainda mais em cima da população trabalhadora, elevando, assim, a desigualdade social. Além disso, os mais ricos (grandes empreendedores) exercem grandes influências na adoção de políticas públicas - essas que normalmente não auxiliam o trabalhador, mas sim, classes mais altas.

Em uma sociedade em que ricos se tornam cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres, grandes problemas sociais se instauram com facilidade. A falta de mobilidade social é, portanto, um dos reflexos diretos da lógica de acumulação de capital. Retomando a análise da reprodução do capital ao longo da história, observa-se que desde a chamada acumulação primitiva até o capitalismo industrial dos séculos XVIII e XIX, o capital se expandiu por meio da expropriação de terras, da exploração da força de trabalho e da concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas. No século XX, a grande popularização do

crédito bancário acelerou ainda mais esse processo, transferindo grandes volumes de riqueza para restritos grupos econômicos, como donos de bancos e grandes companhias. Além disso, o modelo instaurado exigia que o trabalhador exercesse o papel não apenas de força fabril, mas também de consumidor. Anteriormente o foco se concentrava na produção de produtos, no entanto, na dinâmica do século XX, impulsionada pelo crédito bancário, se tornou necessário que o operador também consumisse para gerar o valor da mercadoria. Nesse período também se inclui uma dinâmica mais precária: as fábricas, com a automatização dos processos produtivos, passaram a não necessitar mais de tantos trabalhadores formais. Com isso, a ideologia “seja empreendedor de si mesmo” passou a ser difundida, na qual o indivíduo, agora sem estabilidade financeira, era obrigado a arcar com o risco da acumulação, iniciando o processo de “uberização” do sistema trabalhista, criando uma sociedade trabalhadora livre de carga horária definida, no entanto, sem seus direitos garantidos.

Desde o advento do capitalismo financeiro no século XX, surge uma tendência de acumulação de capital alheio ao circuito trabalho-produção. Na sociedade digitalizada do século XXI, esta tendência se diversifica, especialmente pela consolidação da sociedade em rede. No entanto, no século XXI, tornou-se possível a obtenção de capital por diversas ferramentas lucrativas longe do espaço produtivo, principalmente as presentes no mundo digital. Com o aumento da influência da internet nas relações interpessoais, formou-se um ambiente propício para o capitalismo explorar novos meios de obtenção de capital. Isso, hoje em dia, se dá principalmente via manipulação de dados, publicidades e, principalmente, pela especulação financeira.

Além disso, o capitalista viu-se com uma grande oportunidade de obter lucro ao perceber que com o uso da matemática e da estatística poderia tirar proveito de pessoas leigas no assunto. Um bom exemplo

disso, pode ser encontrado na obra do livro “Algoritmos de Destrução em Massa”, da Phd em matemática por Harvard, Cathy O’Neil. Em seu relato baseado em sua experiência no mercado de ações fica claro o papel das fórmulas na estratégia de obter lucros através de vantagens obtidas sobre os acionistas:

A recusa em tomar conhecimento dos riscos vai fundo no mundo financeiro. A cultura de Wall Street é definida por seus traders, e risco é algo que eles ativamente buscam menosprezar. Isso é resultado da forma pela qual definimos as proezas de um trader, nomeadamente seu “índice Sharpe”, que é calculado pelos lucros gerados divididos pelo risco em seu portfólio. Esse índice é crucial para a carreira de um trader, para seu bônus anual e sua própria razão de ser. Se você decompuser esses traders em partes e considerá-los como um conjunto de algoritmos, esses algoritmos estarão incansavelmente focados em otimizar o índice Sharpe. Idealmente irá subir, ou ao menos nunca cair demais. Então se um dos relatórios de risco nos swaps de crédito aumentar o cálculo de risco em um dos títulos ou ações principais de um trader, seu índice Sharpe tombaria. Isso poderia custar-lhe centenas de milhares de dólares quando viesse a hora de definir seu bônus de fim de ano. (O’NEIL, 2020, p. 46)

Nessa lógica, surgiram as casas de apostas e casinos online, responsáveis por grandes movimentações de dinheiro no mercado - muitas vezes vindas de créditos bancários de trabalhadores. Esse grande montante é destinado ao bolso desses empresários que se utilizam da matemática para garantir o seu lucro.

De forma semelhante, a venda de “infoprodutos” também se popularizou, mas essa ao invés de explorar a estatística, busca obter lucros através da esperança e ansiedade pela ascensão social do público. A procura pela “liberdade financeira” e a ideia de independência fornecida pelo empreendedorismo influencia intensamente a atração da população para esses conteúdos. Esses cursos online e programa de mentoria normalmente cobram um alto investimento em troca de um suposto “segredo da riqueza” ou

desenvolvimento pessoal. Nesse meio, o acúmulo de capital se dá principalmente pela simples escalabilidade produtiva: um curso, muitas vezes produzido com a ajuda de IAs, pode ser vendido à milhares de pessoas com custo próximo de zero. Os “coaches” - que produzem o curso - normalmente têm sua imagem vangloriada por propagandas próprias a fim de ter uma certa reputação no assunto para comercializar seu produto mais facilmente. Logo, o valor não está, necessariamente, no conteúdo - que normalmente é encontrado em uma rápida pesquisa na internet -, mas sim na promessa de enriquecimento (ou transformação) e na autoridade que o “guru” constrói sobre si mesmo.

Outra maneira de obter acumulação intangível é mostrada pelos influenciadores digitais. Possuindo uma grande rede de seguidores, estes são capazes de influenciar comportamentos em massa e direcionar a atenção de seu público. Além disso, o influenciador torna seu dia a dia e a sua imagem pessoal em um ativo monetizável. O lucro não é oriundo diretamente dos usuários, mas dos anunciantes que pagam para ter acesso a essa audiência direcionada e do ramo de interesse. A exploração, nesse método, é dada pela falsa ilusão de uma vida perfeita que as redes sociais proporcionam, cultivando assim a insatisfação e o desejo nos consumidores do conteúdo. O influenciador atua como um intermediário do capital - recebendo uma quantia para isso - direcionando-o no sentido de seus seguidores para as grandes empresas anunciantes, impulsionando, assim, um ciclo de consumo.

Em suma, os métodos de acumulação de capital no meio digital - embora feito de maneiras distintas - baseiam-se na exploração de desejos e necessidades do público. O valor, agora, se encontra não no conteúdo vendido, mas sim na capacidade de gerenciar e direcionar os aspectos subjetivos humanos, o que torna a esperança e ânsia por riqueza ativos financeiros altamente lucrativos.

2.3 A CRISE DO CAPITALISMO TRADICIONAL

Com o aumento da desigualdade social, diminuição das taxas de crescimento da produtividade e desconexão entre o valor de mercado das empresas e seus tangíveis, o capitalismo tradicional - aquele que se baseia em ativos materiais - vem perdendo forças no mundo contemporâneo. O avanço digital e a estagnação da produtividade foram fatores que enfraqueceram esse sistema.

As novas tecnologias e a facilidade de acesso à informação diminuem a dependência de ativos físicos para a obtenção de lucro. Com a ascensão do capitalismo financeiro e o início do valor em ativos intangíveis, o mercado passou por uma transição do material para o abstrato. O acréscimo da sociedade digital intensificou esse processo, porque permitiu a criação e replicação desses ativos intangíveis em escala global e com o custo quase nulo. Dados, programas de computador, publicidade e inovação passaram a valer mais do que um simples produto que antes era comercializado facilmente por empreendedores. Então, a necessidade de fábricas passou a diminuir, uma vez que a especulação financeira tornou-se mais lucrativa que a produção material, levando à desindustrialização em massa, expondo uma grande decadência no capitalismo baseado no material.

Além disso, como falado anteriormente, o sistema capitalista, durante a sua história, vem enfrentando diversas questões sociais, dentre elas a globalização e a precarização do trabalho. Com a globalização, grandes empresas passaram a produzir em diferentes partes do mundo, a fim de conseguir baratear seus produtos através de mão de obra descartável, principalmente em países subdesenvolvidos. No entanto, isso aumentou a competitividade entre trabalhadores de diversos países, reduzindo assim os seus salários além de enfraquecer os direitos trabalhistas, aumentando, mais uma vez, a desigualdade social.

Ademais, impulsionados pelo avanço tecnológico e pela desindustrialização, os trabalhos informais começaram a tomar conta de parte da sociedade, que passou a ficar descoberta por direitos trabalhistas e longe da segurança que a formalidade oferece, aumentando assim, a vulnerabilidade do trabalhador.

No geral, o capitalismo tradicional funcionou durante muito tempo, porém, nos dias atuais anda passando por sérias dificuldades para se manter como um modelo estável na sociedade em que vivemos, por isso está perdendo espaço para o capitalismo intangível, sistema esse focado em ativos não materiais (principalmente digitais). Com o avanço tecnológico, tornou-se possível - e mais fácil na visão de muitos - lucrar utilizando a internet e seus meios de comunicação. Isso ocorre principalmente através de publicidades em redes sociais, da criação de conteúdo digital, da venda de produtos e serviços por plataformas online e da monetização de dados dos usuários. A internet permitiu a emergência de novos modelos de negócios baseados em recursos intangíveis, como marcas digitais, audiência e influência, que muitas vezes geram receita sem a necessidade de infraestrutura física significativa. Assim, a capacidade de captar atenção e dados tornou-se um dos principais motores da geração de valor econômico no mundo contemporâneo.

Entretanto, nos dias atuais nada se compara ao poder da especulação monetária. Hoje em dia, a economia global gira em torno de ativos financeiros altamente voláteis, que variam de acordo com especulações no mercado de ações (especialmente o de tecnologia), que são diretamente influenciados pelas decisões e pelo poder acumulado dos donos de Big Techs.

Em suma, vimos que o capitalismo atual não é mais o mesmo do século XV e que o mundo sofreu enormes transformações no âmbito socioeconômico ao longo do tempo. Com isso, novos meios de acúmulo

de capital foram descobertos pela sociedade capitalista, que está sempre atrás de obter maior lucro e, hoje percebe, que isso é possível através do uso do meio digital e da criação de impérios globais baseados em inovação tecnológica, conectividade e a capacidade de influenciar mercados e comportamentos em escala planetária.

3. O SÉCULO XXI E A EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO INTANGÍVEL

Nos últimos 25 anos, o sistema capitalista foi desafiado por muitas instabilidades econômicas, no entanto, esses colapsos financeiros acontecem de forma repetida, como se fizessem parte do próprio funcionamento do sistema. Diversos fatos históricos foram capazes de colocar o capitalismo em declínio, pois de tempos em tempos, essa estrutura passa por mudanças repentinas, as quais ameaçam uma ruptura, essas chamadas de crises cíclicas do capitalismo. Essas geralmente acompanham fenômenos como superprodução e especulação financeira, que abalam o mercado econômico e tornam o sistema cada vez mais instável.

A cada nova quebra, as contradições do capitalismo se aprofundam, revelando que os próprios mecanismos que sustentam esse modelo também são responsáveis por gerar seus desequilíbrios. Isso faz com que essas depressões deixem de ser apenas eventos passageiros e passem a ser sinais de um esgotamento estrutural, que ameaça a continuidade do sistema capitalista da forma como ele se organiza atualmente, além de mostrar que esse necessita de mudanças para continuar existindo.

Em 2008, por exemplo, a hegemonia financeira teve sua estrutura desafiada por uma forte crise originada nos EUA devido à elevada especulação financeira e à bolha imobiliária. Tudo começou quando os bancos começaram a liberar crédito sem exigir garantias e,

quando muitos não conseguiram pagar, isso acabou provocando um colapso que abalou todo o sistema financeiro mundial, gerando desemprego e falências. Isso expõe como as próprias ferramentas fornecidas por esse sistema estão se tornando capazes de desestabilizá-lo.

Outro evento que expôs as fragilidades desse modelo socioeconômico foi a pandemia de COVID-19 ocorrida em 2020. Durante esse período, as cadeias produtivas paralisaram, o que foi o suficiente para derrubar bolsas de valores além de gerar desemprego massivo e aprofundar desigualdades sociais. Isso contribuiu ainda mais para o surgimento do capitalismo independente da produção em massa, baseado em ativos intangíveis.

Com isso, mostra-se que em um pequeno espaço de tempo o sistema econômico expôs mais um sério sinal de desgaste, desta vez na forma da contradição entre produção e consumo. Visto que o constante crescimento da produção nem sempre é acompanhado pelo consumo, levando ao aumento de estoques, redução de preços e, logo, ao prejuízo das empresas. Ademais, a financeirização e a especulação são grandes causadores de crises capitalistas, visto que o sistema cria operações complexas como empréstimos, derivativos e investimentos especulativos, que, por suas vezes, geram bolhas que podem estourar a qualquer momento causando um impacto econômico global. Ainda na crise imobiliária de 2008, isso é exemplificado, pela própria lógica do capital intangível que a fomentou.

O mecanismo passou a se comportar de maneira a obter lucro a partir da criação de produtos financeiros complexos, como derivativos, os quais eram “empacotados” com dívidas de alto risco (subprime). Com isso, o objetivo dos bancos não era que os devedores pagassem, mas sim usar o empréstimo como matéria-prima para criação de um novo ativo intangível que passou a ser vendido no mercado, pois,

assim, o risco era transferido. A “matéria-prima” (a dívida) tornou-se irrelevante, desde que a “salsicha” (o título) pudesse ser vendida. A autora O’NEIL (2020) ilustra, de forma clara, essa lógica:

Como o mundo veria depois, empresas de hipoteca estavam tendo lucros fartos durante o boom ao emprestar dinheiro para pessoas comprarem casas que não poderiam pagar. A estratégia era simplesmente compor hipotecas insustentáveis, subir as taxas, e então se desfazer dos títulos resultantes — as salsichas — no pujante mercado hipotecário de securities. Em um caso notório, um colhedor de morangos chamado Alberto Ramirez, que ganhava 14 mil dólares ao ano, conseguiu financiamento para uma casa no valor de 720 mil em Rancho Grande, Califórnia. Seu corretor, ao que parece, disse que Ramirez poderia refinanciar em poucos meses e depois repassar a casa e conseguir um pequeno lucro. Meses depois, ele não conseguiu pagar o empréstimo e tornou-se inadimplente. (p.69-70)

Diante disso, a saída encontrada pelo sistema foi abandonar progressivamente a dependência da indústria como principal motor econômico. A desindustrialização não só deslocou fábricas para países periféricos, como também enfraqueceu empregos tradicionais e ampliou desigualdades. Esse cenário abriu espaço para um novo tipo de economia, baseada cada vez mais em tecnologia, informação e ativos imateriais, que rapidamente passaram a assumir o papel que antes era ocupado pela produção industrial.

Então, em meio a tantos abalos no modelo econômico, viu-se necessário alterar a forma de como o sistema capitalista é tratado. O conceito de capital alterou-se - se antes a geração de riqueza dependia de grandes fábricas, hoje ela ocorre por meio de influência digital, gestão de dados e propriedade intelectual. O capitalismo tornou-se uma forma econômica baseada no intangível, no qual o conceito de valor mudou, o que antes estava ancorado somente no trabalho material e na produção de recursos físicos, atualmente também se encontra na capacidade de organizar, controlar e explorar ativos

imateriais. Logo, quem possui essas habilidades é capaz de influenciar e movimentar a economia de um país - ou até do mundo inteiro - como se comandasse peças de um tabuleiro. Esse grupo seletivo de pessoas é composto majoritariamente por donos de Big Techs, que hoje possuem tanto poder em suas mãos que podem mudar decisões políticas de uma grande potência a fim de cumprir com seus interesses.

Essas empresas enormes são mais que empresas de tecnologia, elas controlam os fluxos de informação, comportamentos sociais e possuem dados de bilhões de pessoas, elas possuem mais poder do que nunca antes visto. Se tratam de plataformas de controle social e econômico, capazes de influenciar eleições, alterar costumes e culturas além de ordenar o rumo da economia mundial. Esse fato mostra claramente que essas empresas, sim, detêm o verdadeiro capital do século atual, sem precisar produzir um item sequer, somente monetizando a circulação de informações e utilizando comportamentos humanos para gerar lucro.

Um exemplo desse poder é o impacto de Elon Musk na política americana, principalmente depois de assumir o controle do Twitter. Ao alterar políticas de moderação de conteúdo da plataforma e liberar discursos que antes eram restritos, Musk influenciou o debate público e a disseminação de informações durante períodos eleitorais importantes. Essa mudança afetou a circulação de determinadas narrativas políticas, além de fortalecer grupos e discursos polarizadores, mostrando como o controle desses meios digitais pode moldar decisões políticas e impactar a democracia. Assim, o poder dessas empresas ultrapassa o econômico, adentrando a área política e social, evidenciando a concentração do controle da informação no capitalismo contemporâneo.

Esse poder das redes sociais não se limita apenas aos seus donos, e sim aos seus usuários também. Os cidadãos buscam novas

formas de acumular capital, assim como antigamente, no entanto, o capital atual é obtido de outra forma. Nesta sociedade imediatista e acelerada, muitos dão sinais de não poderem mais esperar por uma formação profissional tradicional. Precisam de uma fórmula rápida para o sucesso, algo que os capacite como gestores de si mesmos. Nesse viés, a venda de conhecimentos e estratégias para obter sucesso rapidamente tornou-se um jeito de juntar valores nos dias atuais. Pessoas, muitas vezes autointituladas especialistas, passam a vender cursos, materiais e fórmulas prontas que prometem enriquecer qualquer um que faça o que eles disserem - seja através de marketing digital, day trade, criptomoedas, apostas esportivas ou até empreendedorismo.

Essas promessas são, na maioria das vezes, vendidas mais como uma ideia do que como um caminho real e concreto. O próprio sucesso de quem oferece esses produtos geralmente não vem da aplicação daquilo que ensinam, mas sim da venda do próprio curso, da mentoria e da promessa de riqueza ao alcance da mão. Ou seja, eles geram valor não necessariamente porque ficaram ricos fazendo o que pregam, mas porque convencem outras pessoas de que isso é possível. Especialmente, porque o cenário da sociedade em rede é propício para isso. O capitalismo intangível vem permitindo que a ilusão do cidadão leigo torne-se um dos caminhos para o lucro. A esperança e a ansiedade pela ascensão financeira, e a busca pela felicidade prometida transformaram-se em ferramentas para a comercialização da promessa de um atalho para o sucesso, disfarçada de meritocracia.

Nesse sentido, tornaram-se populares os chamados “cursos de vender cursos”, que basicamente ensinam como vender qualquer coisa, mesmo que essa coisa não tenha valor real - muitas vezes, inclusive, o próprio curso que a pessoa acabou de comprar. Isso gera um ciclo vicioso: quem compra aprende a criar um novo curso,

geralmente sobre como vender outro curso, que atrai novos alunos, e assim sucessivamente. Dessa forma, o dinheiro sobe a pirâmide, o que beneficia ainda mais quem está no topo, enquanto quem está na base permanece na ilusão de um sucesso fácil que, geralmente, nunca se concretiza. Além disso, o conhecimento que essas pessoas afirmam ter, na maioria das vezes, é inexistente. Os chamados gurus dominam, na prática, apenas técnicas básicas de convencimento e persuasão. Afinal, tudo o que realmente precisam é transmitir credibilidade suficiente para que o usuário acredite na promessa de “ficar rico facilmente” - uma falácia que sustenta esse modelo de negócio.

Vale destacar que, além dessa técnica de acumulação de capital, outras estratégias também ganharam força no capitalismo intangível. Uma delas é o acúmulo de dinheiro pela perda alheia, exemplificado pelos jogos de azar, que ganharam força massiva com o digital. A internet superou a restrição dos cassinos físicos, permitindo sua expansão global. Assim surgem as casas de apostas online, as chamadas bets, que vendem a ideia de que é possível ganhar dinheiro facilmente ao apostar um valor, correndo o risco de perdê-lo - tudo isso mascarado como uma forma de diversão. Contudo, as apostas são pensadas para que, no final, a casa sempre saia ganhando. Por trás das odds¹⁴, há cálculos matemáticos e análises estatísticas que garantem que, no longo prazo, quem perde é sempre o apostador comum. Outra vez, o capitalismo - demonstrando a dificuldade de alavancar valor real na sociedade pós-industrial - utiliza promessas de dinheiro fácil para extrair capital de pessoas que, muitas vezes, estão apenas em busca de uma chance de elevar seu nível econômico.

¹⁴ Números que definem o pagamento da aposta, calculados a partir do inverso da probabilidade de um evento e ajustados para garantir a margem de lucro da casa.

Além disso, também são oferecidos casinos online por essas mesmas empresas, que funcionam de maneira semelhante, porém ainda mais desvantajosa para o usuário. Nesse outro modelo, é a casa de apostas que “decide” quando o jogador irá ganhar e quando irá perder, o que torna o jogo completamente injusto e manipulador. Ademais, esses jogos são projetados especificamente para a tela dos smartphones, tendo em vista que o público-alvo, geralmente, pertence às camadas socioeconômicas mais baixas - pessoas que, muitas vezes, não possuem acesso a um computador. Isso evidencia que plataformas, nas quais se tornaram populares utilizando a imagem de animais e outros elementos chamativos, são direcionadas diretamente à classe trabalhadora, que acaba se tornando presa fácil das promessas de prosperidade e dinheiro rápido.

Diante desse cenário, é possível notar que o capitalismo digital não apenas replica as desigualdades anteriores do sistema, mas também intensifica através de mecanismos de exploração que transformam o comportamento humano em matéria-prima (dados) e usam algoritmos para otimizar tanto o controle do trabalho quanto a indução ao consumo. A promessa de sucesso fácil tornou-se uma grande ferramenta para o acúmulo de capital. A ilusão de uma possível autonomia mascara uma lógica cruel e exclusiva que deixa aqueles que não possuem os valiosos meios de produção digital - como informação, dados e algoritmos - à margem do acúmulo financeiro. Portanto, entender esses fenômenos é essencial para refletir sobre o destino do capitalismo intangível e os desafios que ele impõe à sociedade atual.

4. UMA NOVA ERA DO CAPITALISMO

Desde a década de 60, o capitalismo deu sinais de que iria começar a se transformar no que é até hoje. Isso se mostrou através da forma em que as empresas se comportavam no meio publicitário.

O autor VAROUFAKIS (2025) explica como a grande marca Hershey's passou a não vender apenas chocolates, e sim a experiência de deliciar uma pequena barra e o sentimento que o produto provoca.

Em um episódio de Mad Men, a série de televisão sobre a ascensão da publicidade na década de 1960, o lendário diretor de criação Don Draper orienta sua protegida, Peggy, sobre como pensar a Hershey, uma barra de chocolate que sua agência está representando. A filosofia de marketing de Draper condensa perfeitamente o espírito da época: "Você é o produto. Você, sentindo alguma coisa". Ou, como James Poniewozik interpreta a fala de Draper na revista Time: "Você não compra uma barra de Hershey por alguns gramas de chocolate. Você compra para recuperar o sentimento de ser amado que experimentava quando seu pai lhe comprava uma por ter cortado a grama". (p.32)

Ou seja, desde a década de 1960, observa-se o início do intangível: as empresas passaram a comercializar aquilo que não pode ser tocado - mas que tem valor, em vez de apenas bens materiais. Além disso, a publicidade se tornou o grande motor da intangibilidade, tendo em vista que o que antes era destinado a convencer o público a comprar um produto, agora tornou-se uma ferramenta de criação de desejos e de construção de identidades, vendendo muito mais do que bens físicos: vendendo experiências, estilos de vida e até sentimentos.

Essa nova lógica não se restringiu ao marketing, mas passou a moldar toda a economia. O intangível se fortaleceu à medida que o American Way of Life consolidou o consumismo, criando terreno para a ascensão de grandes empresas. Além disso, o caráter simbólico do valor passou a permear também o mercado financeiro: bancos começaram a operar com créditos, dívidas e expectativas, da mesma forma que as empresas vendiam emoções e experiências, como a Hershey's. A partir desse momento, o capital global iniciou um processo de transferência para o intangível, e a riqueza passou a ser gerada não por bens físicos, mas por ativos simbólicos.

Nas décadas seguintes a publicidade voltada à identidade, status e estilo de vida se fortaleceu, tornando-se um diferencial competitivo. A emoção gerada pelo produto, cada vez mais, tornou-se algo decisivo na hora da compra. Ademais, o mercado financeiro passou a apresentar mais sinais do simbolismo - como derivativos, títulos e créditos baseados em expectativas e não mais em ativos físicos. Essa ideia tomou conta do capitalismo e, com o passar dos anos, passou a se enraizar cada vez mais no sistema.

Desde 1971, com o fim da conversibilidade do dólar em ouro, o dinheiro foi "liberado", e após a instabilidade inflacionária dos anos 70, as políticas neoliberais dos anos 80 consolidaram a ascensão do capital financeiro. Os anos 1990 e o início dos anos 2000 foram marcados pela ascensão do neoliberalismo e pelo consumismo em massa. A população financiava bens duráveis - como imóveis e automóveis -, gerando altos níveis de endividamento. Ao mesmo tempo, as instituições financeiras enriqueciam através do capital rentista e da financeirização, fortemente apoiadas pelo "modo de vida americano", baseado em crédito farto e barato.

Com isso, empresas que antes viviam o capitalismo industrial tiveram que se adaptar ao novo modelo tecnofeudalista. Então, ao invés de basear-se na produção de bens materiais, passaram a atuar como bancos, transformando-se em fundos especulativos de alto risco, e para isso, mantinham a produção como "disfarce". O livro "Tecnofeudalismo" mostra como a General Motors (GM), conseguiu se reerguer após a quebra devido a crise de 2008:

Nessa nova Era Dourada que o Choque de Nixon provocou, a tecnoestrutura enfrentou uma dura competição pelas melhores e mais brilhantes mentes. Doutores em física das melhores universidades, matemáticos espetaculares e até artistas e historiadores acorreram a Wall Street. O poder estava se transferindo rapidamente dos Fords, dos Hiltons e dos Drapers para o Goldman Sachs, o Bear Stearns e o

Lehman. Para não ficar para trás, grandes porções da tecnoestrutura se adaptaram e entraram no jogo. Quando os auditores entraram na General Motors falida em 2009, depois dessa bolha de financeirização estourar, descobriram que uma empresa famosa por produzir carros e caminhões tinha se transformado em um fundo de hedge que comprava e vendia opções com alguma produção de automóveis ao lado para manter as aparências. (VAROUFAKIS, 2025, p.223)

Então, a GM tinha como novo objetivo gerar lucro transformando-se em um fundo de hedge, destinado a investidores qualificados, com a finalidade de gerar retorno financeiro, muitas vezes através da especulação, independentemente da direção geral do mercado (se está em alta ou em baixa). Com a venda de opções isso se tornava possível, visto que essas possibilitam multiplicar o valor mesmo em uma baixa do mercado.

Essa metamorfose da General Motors, de um ícone industrial para um fundo de hedge, demonstra a consequência inevitável da era da financeirização. A empresa se adaptou a um novo jogo onde o lucro não vinha mais da produção de bens materiais, mas da especulação com o "capital rentista". Contudo, para que essa especulação ocorresse em grande escala, era necessário um "combustível" em abundância: o crédito barato, fornecido pelos bancos. Isso levanta a questão central: como o capitalismo foi capaz de gerar dinheiro tão rapidamente? Através da obra de VAROUFAKIS (2025) é possível entender como funcionava (e funciona até hoje) a indústria bancária da financeirização:

A maioria das pessoas pensa que os bancos pegam as economias de Jill e as emprestam a Jack. Não é isso que os bancos fazem. Quando um banco empresta dinheiro a Jack, ele não vai ao cofre para verificar se tem dinheiro suficiente para garantir o empréstimo. Se acreditar que Jack devolverá o empréstimo, mais os juros acordados, tudo o que o banco precisa fazer é adicionar à conta de Jack a quantidade de dólares que lhe emprestou. Nada mais do que uma máquina de escrever ou, hoje, algumas teclas de um teclado são necessárias. (p.45-46)

Ou seja, realizando empréstimos, os bancos simplesmente multiplicam o capital através de arrendamentos, o que resulta em enormes somas que passam a pertencer aos próprios bancos.

Até o ano de 2008, a economia tinha como foco os ativos materiais. As maiores empresas do mundo ainda eram do ramo petrolífero, energético, financeiro, imobiliário e automotivo. O lucro estava ancorado em ativos físicos: os grandes empresários eram donos de fábricas com sistemas de produção em massa, enquanto os bancos lucravam com empréstimos a cidadãos e empresas, cobrando juros sobre o capital emprestado.

As instituições financeiras começaram a oferecer empréstimos arriscados a famílias sem condições de pagamento. Esses financiamentos eram oferecidos sem garantias sólidas, no entanto, se o devedor não pagasse, a casa poderia ser revendida - ainda com lucro, devido à expectativa de aumento do preço -, formando as hipotecas subprime, o que foi o “estopim” para uma grande crise.

A aceleração da financeirização e o acesso ao crédito facilitado contribuíram fortemente para a criação de uma bolha no setor imobiliário. Isso ocorreu porque esse sistema não era autossustentável, isto é, dependia de uma constante valorização do mercado de imóveis dos Estados Unidos (um dos principais destinos do crédito fornecido). Como resultado, uma das maiores crises capitalistas ocorreu em 2008, devido à enorme especulação de ativos financeiros criados a partir de dívidas e à grande bolha imobiliária desenvolvida na época.

Com a queda de preços nos imóveis dos EUA, aqueles retomados pelos bancos não valiam mais o preço esperado, o que fez os títulos financeiros atrelados a essas dívidas perderem seu valor, fazendo com que fundos de todo o mundo quebrassem. Mas então porque os bancos não faliram? Alguns realmente foram obrigados a se render à falência,

porém alguns grandes bancos sobreviveram à crise pois tinham o monopólio das transferências bancárias e dos sistema de pagamentos. Sem eles o dinheiro não circulava e fechar as portas iria acarretar um cenário ainda pior, por isso receberam apoio estatal massivo para se recuperar. Além disso, eles possuíam a escritura da maioria das pessoas, fazendo com que pedido de falência causasse um despejo em massa da população e a quebra do contrato social. Ou seja, essas instituições financeiras apostaram tudo nas expectativas de valorização imobiliária sabendo que possuíam muito poder em mãos para manterem-se em pé. Sabiam que antes que algo desse errado para elas, o país já estaria respirando por equipamentos.

A crise abriu um grande espaço para a ascensão do capital digital e intangível, dessa forma, Big Techs ganharam grande força econômica e política. Assim o capital digital emergiu fazendo com que essas grandes empresas de tecnologia passassem a girar sua riqueza através de ativos intangíveis, como dados, algoritmos e análises do comportamento humano, pois isso poderia ser utilizado para lucrar de diversas formas. Esse processo levava em consideração o mesmo mecanismo central do capitalismo financeiro: gerar valor a partir da multiplicação de algo simbólico, e não físico.

Após 2008, os bancos centrais adotaram uma política monetária “emissionista” conhecida como Quantitative Easing (QE), na qual, para garantir a liquidez do sistema, passaram a “imprimir” dinheiro de forma sem precedentes. Esses trilhões de dólares eram utilizados na compra de títulos, muitas vezes “tóxicos”, dos próprios bancos resgatados após a crise.

Esse novo volume de capital precisava ir para algum lugar. No entanto, a economia estava estagnada e as taxas de juros eram mínimas, logo, esse dinheiro foi diretamente para as Big Techs. Isso possibilitou sua expansão global e financiou o crescimento de grandes

empresas de tecnologia. Além disso, esse acontecimento possibilitou a consolidação dos seus mercados e o investimento pesado no ramo de dados e algoritmos. Então, o resgate estatal do capital financeiro acabou permitindo a ascensão do capital digital.

Nesse quesito, empresas como Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft passaram a ter grande influência, sendo reconhecidas como as maiores empresas do mundo. Isso porque elas não vendiam produtos, mas sim plataformas - vistas como um espaço de visibilidade. O valor vinha da atenção do usuário e do controle sobre dados e redes. Com isso, seria possível vender anúncios publicitários a fim de gerar ainda mais lucro.

Para ilustrar esse mecanismo, pode-se recorrer a uma metáfora: imagine uma pequena confeitaria localizada no fundo do quintal de uma casa. Quando o dono deseja abrir um ponto de comércio, ele teria duas opções: abrir um espaço de frente para a rua, onde algumas pessoas passam a caminho do trabalho ou praticando exercícios, ou abrir em um shopping, onde os frequentadores estão naquele local com a finalidade específica de consumir. Notoriamente, o shopping parece a alternativa mais adequada, pois concentra o interesse das pessoas, tornando o ambiente mais propício para a venda.

As redes sociais se comportam de maneira análoga aos shoppings. O fluxo de pessoas é constante e, além disso, as Big Techs detêm dados individuais que revelam os interesses de compra de cada usuário. Esse ativo é chamado de capital-nuvem e desempenha um papel importante na nova dinâmica econômica.

O capital-nuvem é, fisicamente, definido como a aglomeração de máquinas ligadas em rede, softwares, algoritmos dirigidos por IA e hardware de comunicação entrecruzando todo o planeta e desempenhando uma ampla variedade de tarefas, novas e velhas, como: Incitar bilhões de pessoas não remuneradas (servos das nuvens) a trabalhar de graça (e com frequência inconscientemente, no reabastecimento do próprio estoque do capital-nuvem (por exemplo, fazer upload de fotos

e vídeos no Instagram ou no TikTok, ou publicar resenhas de filmes, restaurantes e livros). (VAROUFAKIS, 2025, p.213)

Com isso, a empresa anunciante se torna vassala em relação aos capitalistas-nuvem¹⁵, visto que se gera a dependência do capital-nuvem para a venda de um produto ou serviço. O restante dos capitalistas é confinado pela nova classe, pois carecem desse novo ativo valioso. Ademais, os trabalhadores assalariados viram os proletários das nuvens, que alimentam os capitalistas-nuvem de capital-nuvem (dados preenchidos em sites, comportamentos em plataformas, etc...). Esses são cada vez mais precarizados, atuando como servos das nuvens, dando força ao capitalista-nuvem a montar seus feudos das nuvens, os quais substituem os mercados.

Como demonstrado, a partir desse momento, o monopólio dos conglomerados digitais possui a capacidade de controlar as atividades sociais utilizando ferramentas capazes de captar atenção e dados (Big data). Enquanto os usuários reagem, comentam e curtem posts em uma rede social, estão servindo um prato cheio de informações às Big Techs. Estas, por suas vezes, filtram os dados e os utilizam para fornecer anúncios direcionados e conteúdos de interesse do indivíduo, prendendo ainda mais sua atenção.

Essa relação - entre capitalistas-nuvem, empresas vassalas, servos das nuvens e capital-nuvem -, segundo Cédric Durand, se assemelha ao sistema econômico vivido na durante a Idade Média, por isso, ele a nomeou de “tecnofeudalismo”.

A extração de recursos dos usuários vem se tornando algo cada vez mais comum e imperceptível, e muitas vezes ocorre de maneira ilegal. Empresas do ramo comercial no meio digital sofrem acusações

¹⁵Um segmento da classe capitalista que conseguiu acumular capital-nuvem considerável

sobre coletar informações sensíveis dos usuários - mostrando a constante busca pelo capital-nuvem. Com o design atrativo e viciante, as companhias fazem de tudo para obter um dos bens mais valiosos da atualidade, os dados.

Com o capitalismo, a hegemonia dos rentistas da terra, que viviam do aluguel dessa e da cobrança de taxas, chega ao fim. As Big Techs concedem um ambiente no ciberespaço para os usuários mostrarem seu estilo de vida e ideias, incluindo avaliações de produtos (atuando como servos), cobram na forma de extração de dados e vendem para as grandes empresas (vassalos).

Ademais, o algoritmo se comporta como um guarda do castelo, controlando tudo o que é consumido, visto e engajado. Aprendendo como se comportar de acordo com os interesses do usuário, mantendo-o na plataforma por mais tempo possível, pois quanto mais alguém deposita sua atenção no conteúdo, mais valor é gerado.

O algoritmo funciona a partir do aprendizado de máquina (machine learning), em que cada clique, cada visualização, cada like, cada rolagem de tela ou até mesmo pausa na rolagem pode impactar no que é mostrado ao usuário. Ele tem como matéria-prima a informação passada pelo utilizador através de seus comportamentos (capital-nuvem). Esse trabalha em um ciclo de retroalimentação, ou seja, ele dispõe de determinado vídeo, se o usuário pula esse vídeo rapidamente, ele identifica que não deve mais passar esse conteúdo se seu objetivo for manter o usuário na plataforma. Então, ele armazena esse dado e repete o ciclo, prevendo cada vez mais precisamente a forma de entretenimento que mais prende o usuário. Assim, ele gera um grande banco de dados (big data) poderoso, contendo informações de cada usuário que usa a plataforma.

Como as Big Techs possuem seu valor concentrado na atenção, estas estão sempre em busca de mais. Então, para isso, os criadores

de conteúdos são pagos pelas plataformas para produzirem vídeos sobre qualquer assunto, monetizando de acordo com o número de pessoas que o assistem. Pelo fato do retorno financeiro estar diretamente atrelado à repercussão e à atenção depositada no conteúdo, esses criadores passaram a se submeter a diversas situações a fim de obter a atenção do público e assim gerar mais capital financeiro.

Mas afinal, quem ganha com essa troca? As Big Techs ganham dados e informações dos usuários, o criador recebe dinheiro por produzir conteúdo e o público ganha uma plataforma de entretenimento. Todos ganham, é o que parece. No entanto, os usuários muitas vezes não se dão conta que ao consumir o conteúdo estão basicamente “vendendo” sua atenção. E é exatamente isso que as grandes empresas buscam, uma massa de pessoas olhando para um pedaço de tela onde poderá aparecer uma propaganda na qual pagará milhares de dólares para estar ali.

HAYES apud RIBEIRO (2025), em uma entrevista, explica de forma precisa como esse mecanismo opera:

Essas são empresas em que, basicamente, a receita vem de publicidade, de vender a atenção dos usuários. Num nível bem básico, de seus resultados financeiros, é isso que imprime dinheiro para essas empresas. A Apple virou a empresa que é hoje por causa do dispositivo que eles criaram - o iPhone - que é um aparelho que expandiu enormemente a quantidade de atenção que pode ser capturada das pessoas. Eles criaram um computador portátil que faz basicamente tudo que um computador normal faz, mas que as pessoas podem ter consigo o tempo todo. Esse aparelho representa a capacidade de empurrar essa fronteira da atenção que pode ser capturada que, no fim das contas, dá dinheiro para eles. Há várias coisas que fizeram a Amazon ser o que é, como essa parte enorme de servidores, que dá muito lucro. Mas, no fundo, tirando a parte de logística, a sua vantagem competitiva é que a Amazon tem a sua atenção. Ela virou o lugar onde você coloca os olhos para comprar um produto. As pessoas que querem vender algo disputam aquele pedaço da tela onde está o seu foco. Então, de todas essas formas, o que essas empresas

estão monetizando de verdade, mais do que informação - informação todo mundo tem - , é a sua atenção. (s/p.)

Assim como falado por HAYES, essas empresas globais possuem a capacidade de transformar a atenção de seus usuários em fundos, tendo em vista que um local que possua grande visibilidade sempre foi muito requisitado pela indústria publicitária, e a internet - com o algoritmo - se tornou o lugar perfeito para isso. Além disso, na mesma entrevista, ela destaca que os dados que as Big Techs possuem, ajudam a destacar o anúncio certo para a pessoa certa, gerando ainda mais sucesso.

Para conseguir esses dados, empresas de alto nível de tecnologia desenvolveram as conhecidas Inteligências Artificiais. Com diversos tipos de interface - seja por voz, visual ou texto - as IAs ganharam muito espaço no cotidiano da população. Com elas, tarefas diárias se tornaram mais fáceis e trabalhos manuais no meio digital que antes levavam horas, hoje leva alguns segundos. Tudo isso é oferecido de forma gratuita pelas Big Techs. Pelo menos é o que parece. Porém, as IAs não passam de mais uma forma das gigantes da tecnologia adentrarem no nosso dia a dia e captarem ainda mais dados de nossas pesquisas, interesses e costumes. Com um simples prompt para uma dessas inteligências, como: "Me dê formas de me destacar no mercado de moda", o usuário sem perceber, indica sua área de atuação, possível profissão e a sua intenção no momento. Com essa informação valiosa, as plataformas poderão mostrá-lo o conteúdo desejado e capturar facilmente a atenção, para depois, possivelmente, anunciar um curso de "como aumentar suas vendas no mercado de moda", por exemplo.

Um estudo da Surfshark revelou que 3 das 10 maiores empresas de inteligências artificiais captam dados pessoais dos usuários sem eles saberem para onde são destinados. Os principais dados registrados, segundo a pesquisa, são: informações de contato, localização,

contatos, conteúdo do usuário, histórico, identificadores, diagnósticos, dados de uso e compras. Esse fato mostra que essas interfaces, embora possam parecer seguras, escondem um lado comercial, captando toda a informação de forma silenciosa, assim adicionando ao seu algoritmo e condicionando anúncios e conteúdos que conquistem mais a atenção de determinada pessoa.

A falsa ilusão de privacidade domina o meio digital. Nos dias atuais, nos quais os dados atuam como o novo petróleo, é raro encontrar um ambiente virtual onde não há a captação destes. Com o discurso de melhorar a experiência do usuário, as Big Techs o manipulam para obter informações preciosas para o marketing e controle do que é exposto e oculto para determinado indivíduo. Essas empresas cresceram de forma exponencial e hoje dominam toda a economia global.

Com o controle do meio digital - o meio mais poderoso da atualidade - em mãos, essas gigantes conquistam grande influência política no cenário mundial, pois são capazes de condicionar economias inteiras, porque sem seus sistemas de nuvem e plataformas, muitas empresas e governos não funcionam. Além disso, a mídia global é monopolizada pelas Big Techs, o que permite controlar os fluxos de informações e assim moldar narrativas políticas. O livro *Algoritmos de Destrução em Massa*, expõe, de modo implícito, como o Facebook é capaz de manipular o sistema político:

Assim que clico em enviar, aquela petição pertence ao Facebook, e o algoritmo da rede social faz um julgamento sobre como usá-la melhor. (...) Embora o Facebook pareça uma moderna praça de cidade, a empresa determina, de acordo com os próprios interesses, o que vemos e aprendemos em sua rede social. (...) Quase metade deles, de acordo com um relatório do Pew Research Center, conta com o Facebook para receber algumas das notícias, o que leva à questão: ao ajustar seu algoritmo e moldar as notícias que vemos, poderá o Facebook manipular o sistema político? (O'NEIL, 2020, p. 168)

Com o tempo, o poder foi rapidamente concentrado nas Big Techs, possibilitando, hoje, manipularem diversas notícias e informações recebidas por toda a população global. Por isso, alguns governos capitalistas passaram a se submeter aos interesses de grandes empresas de tecnologia e deram voz aos donos destas, visando o tamanho poder político e econômico que estes possuem. Então, muitas vezes os chefes de Estado se aliam às Big Techs, a fim de centralizar ainda mais o poder e suprir as necessidades de crescimento dessas empresas. Essa aliança torna-se explícita em exemplos recentes, como reportado pela Agência Brasil (2025), que noticiou a nomeação de executivos de gigantes como Meta, OpenAI e Palantir para postos de tenentes-coronéis no Destacamento 201, uma nova unidade do Exército dos Estados Unidos criada especificamente para abrigar líderes de tecnologia.

Esse fato mostra a união entre as forças armadas americanas e gigantes de tecnologia. Essa junção mostra como a tecnologia vem se atrelando ao poder político e tornando-se influência em até mesmo assuntos militares.

Ademais, o sociólogo SILVEIRA apud LEON (2025) expõe:

As big techs são máquinas geopolíticas. Não vamos ter ilusão. A tecnologia não é só um meio para se atingir uma finalidade. A tecnologia é um dos principais instrumentos do poder político, econômico e militar global. O próprio Trump diz que as big techs são a linha de frente do poder americano. (s/p)

De acordo com o autor acima citado, as tecnologias se tornam instrumentos de poder político potente pois conseguem controlar e manipular a imprensa de acordo com os seus interesses.

Alguns países vêm tentando algumas formas de regulamentar o meio digital, no entanto isso não é uma tarefa fácil, tendo em vista que é algo que nunca foi tentado antes e a humanidade não está preparada.

Essa falta de preparo é, em grande parte, política. Os governantes se veem de mãos atadas, seja por não acompanharem a evolução da tecnologia, seja por dependerem das mesmas plataformas que deveriam regular. Por isso, implementar regras no meio virtual requer o enfrentamento de difíceis desafios, porque impor dever àqueles que possuem o poder global em suas mãos pode ser uma tarefa arriscada. Isso complica ainda mais quando percebemos que as Big Techs possuem o total domínio das habilidades digitais e o monopólio de serviços nesse meio, ou seja, os governos e as populações atuais dependem do armazenamento em nuvem, isto é, são dependentes do serviço dessas megaempresas para continuar em funcionamento. Além disso, as Big Techs possuem bancos de dados em muitos países, o que torna a legislação ainda mais complexa, pois essas próprias empresas decidem em qual data center irão armazenar determinado dado e, como o poder dos países é limitado ao seu território, fiscalizar torna-se uma tarefa de difícil execução.

Implementar leis que controlam essas companhias poderiam afetar as relações não só com essas macroempresas, mas também com países capitalistas que as apoiam, como os Estados Unidos. Assim como falado por Trump, as Big Techs ocupam um importante espaço no poder americano. Isso mostra como o meio digital hoje em dia possui tanto poder ao ponto de ser uma das principais armas para defender uma nação que apoia seus interesses. Evidencia-se, assim, o grande paradoxo do século XXI: os governos, que deveriam ser os detentores do poder regulatório, encontram-se em uma posição de dependência crítica das mesmas tecnologias que precisam controlar. Essa assimetria de poder cria um impasse onde qualquer tentativa de regulamentação se torna não apenas uma batalha legal, mas uma delicada negociação geopolítica com atores que detêm as chaves da própria infraestrutura sobre a qual a sociedade moderna opera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse complexo paradoxo, no qual os Estados se veem criticamente dependentes das mesmas tecnologias que necessitam encontrar uma forma de controlar, torna-se imperativo recapitular a trajetória que nos trouxe a este ponto. Este artigo teve como objetivo analisar a evolução do capitalismo ao longo do tempo, que passou por diversas transformações durante as Revoluções Industriais. Além disso, este trabalho propõe demonstrar como as crises desse sistema culminaram na transformação do capitalismo tradicional em um novo modelo econômico, o “capitalismo intangível”, o qual os ativos materiais foram substituídos por imateriais.

As crises cíclicas do capitalismo expuseram fragilidades do sistema vigente, como as que apareceram durante a crise de 2008, na qual apresentou os perigos da especulação financeira e da desconexão das noções de valor produzidas pelo capital rentista perante o capital industrial. Ademais, as grandes Revoluções Industriais, especialmente a Terceira e Quarta, fizeram papéis de catalisadores, fomentando o meio digital e fornecendo recursos - como a internet, IAs e computadores pessoais - para a digitalização da economia. Com isso, se consolidou um sistema em que a riqueza não é dada por fábricas, mas sim pela exploração de dados, análise e monetização de informações, além de comportamentos humanos, principalmente a atenção.

No novo capitalismo, semelhante ao feudalismo de séculos atrás, os usuários fazem papel de “servos” que fornecem dados em troca do uso das plataformas, controladas pelas Big Techs, que atuam como os “senhores feudais”. Essa nova relação é, por um lado, abusiva, visto que o público que utiliza os serviços não sabe o destino que os dados fornecidos sem consentimento têm, tendo um ambiente vigiado silenciosamente pelas microempresas do ramo tecnológico. Ademais,

essa lógica estimula novas formas de exploração. Promovendo o ciberespaço como um "novo território de oportunidades", esse sistema mascara a precarização do trabalho na forma de emprego informal ou da "uberização", onde o trabalhador é gerenciado por algoritmos e assume todos os riscos. Isso se soma a outras táticas, como a venda de "cursos" e promessas de enriquecimento sem esforço, além das apostas online, que se aproveitam do momento vulnerável da população para obter lucro.

A atenção se tornou algo comercial e valioso, e sua captura virou o objetivo das plataformas. Estas transformam entretenimento e informação em mecanismos de extração de valor. Monetizando criadores que concentram a atenção do usuário, as Big Techs influenciam essas pessoas a fazerem de tudo para obter visualizações, pois assim geram mais receita. Sendo assim, quem perde é o consumidor do conteúdo, que permite inventariar hábitos, ideias, gostos, entre outras informações as quais auxiliam o algoritmo a captar ainda mais sua atenção. Esse mecanismo, como detalhado neste trabalho, não é passivo: ele opera em um ciclo ativo de predição e retroalimentação, utilizando o comportamento do usuário (capital-nuvem armazenado) para otimizar, em tempo real, a extração de valor, prendendo o indivíduo na plataforma.

Com essa grande capacidade de controlar massas, as Big Techs foram aumentando seu poder sobre a política global, transcendendo a esfera econômica. Essas empresas, hoje, são capazes de influenciar eleições, moldar narrativas e desafiar a soberania dos Estados, que para tentar limitar a influência das companhias, procuram encontrar uma forma de legislar o meio digital. No entanto, isso não é uma tarefa fácil, essas empresas possuem servidores espalhados pelo mundo, fazendo com que uma tentativa de um país impor limites à atuação das

Big techs venha a se tornar um conflito político com os Estados que as apoiam.

Além disso, isso gera um paradoxo, porque os mesmos governos que procuram regulamentar as Big Techs encontram-se dependentes da infraestrutura digital controlada pelas gigantes da tecnologia. Esses necessitam das plataformas, da nuvem, das hospedagens, entre outros serviços, seja para comunicação oficial ou até mesmo para o armazenamento de dados governamentais. Logo, essa assimetria de poder representa um grande desafio para a democracia e a organização social na era contemporânea.

A expansão dessas empresas no cenário global parece ser algo inevitável, no entanto a humanidade precisa encontrar formas de moldar o avanço tecnológico de forma democrática - garantindo que ele sirva ao interesse coletivo - sem, contudo, contê-lo. As questões que surgem são, portanto, urgentes: como construir mecanismos de governança que garantam a soberania digital? É possível redefinir a relação entre usuários e plataformas, tratando os dados não como um recurso a ser extraído livre e constantemente, mas como propriedade do próprio indivíduo, cuja utilização exija o consentimento explícito e transparente? Compreender como o "capitalismo intangível" opera não é apenas de suma importância para o futuro de uma sociedade mais justa e igualitária, mas também a condição fundamental para disputar e moldar os limites do poder e da liberdade no século XXI.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. Bets e “jogo do Tigrinho” impactam orçamento das famílias, saúde mental e economia do país. Brasil de Fato, 26 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/08/26/bets-e-jogo-do-tigrinho-impactam-orcamento-das-familias-saude-mental-e-economia-do-pais>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

. Plataforma X sob comando de Elon Musk foi epicentro de desinformação na campanha eleitoral dos EUA.

2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/11/05/plataforma-x-sob-comando-de-elon-musk-foi-epicentro-de-desinformacao-na-campanha-eleitoral-dos-eua/>>.

Acesso em: 17 jun. 2025.

CANUTO, Otaviano; LAPLANE, Mariano Francisco. **Especulação e instabilidade na globalização financeira.** Economia e Sociedade, Campinas, 1995. Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/431/02-OTAVIAN5.pdf>>.

Acesso em: 28 abr. 2025.

DINIZ, Mitchel; SANTOS, Iuri. **Na gestão de Elon Musk, relevância da X no Brasil é posta em xeque.** InfoMoney, 10 abr. 2024.

Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/business/na-gestao-de-elon-musk-relevancia-da-x-no-brasil-e-posta-em-xeque/>.

Acesso em: 17 jun. 2025.

EXAME. **O capital na era digital.** Exame. Disponível em: <<https://exame.com/revista-exame/o-capital-na-era-digital/>>.

Acesso em: 28 abr. 2025.

FELDMANN, Paulo. **O assombroso poder das Big Techs na economia e na política dos países.** Jornal da USP, 24 abr. 2024.

Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/paulo-feldmann/o-assombroso-poder-das-big-techs-na-economia-e-na-politica-dos-paises/>>.

Acesso em: 24 set. 2025.

FREITAS, Bruno Alexandre. **Crise financeira de 2008: você sabe o que aconteceu?** Politize!. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/crise-financeira-de-2008/>>.

Acesso em: 17 jun. 2025.

GALVÃO, Lívia. **Brasileiros sentem o impacto social e econômico do vício nas bets.** UFF, 2024.

Disponível em: <<https://www.uff.br/04-09-2024/brasileiros-sentem-o-impacto-social-e-economico-do-vicio-nas-bets/>>.

Acesso em: 17 jun. 2025.

GESTÃO IND. **Big Techs: o império tecnológico e seu impacto na sociedade global.** Gestão IND. Disponível em: <<https://gestao.ind.br/blog/industria-4-0/big-techs-o-imperio-tecnologico-e-seu-impacto-na-sociedade-global>>.

Acesso em: 28 abr. 2025.

GUTTMANN, Robert. **Uma introdução ao capitalismo dirigido pelas finanças.** Novos Estudos CEBRAP, 2008.

Disponível em: <<https://www.cebrap.org.br/novosestudos/1333/uma-introducao-ao-capitalismo-dirigido-pelas-financias>>.

<<https://www.scielo.br/j/nec/a/cxdkDjbbN848Ptf8gqqdgqN/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

HERSCOVICI, Alan. **O “CAPITALISMO IMATERIAL”: elementos para uma análise (sócio)econômica.** Novos Estudos CEBRAP, n. 102, p. 63-81, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/4jxrQqrfszy7PPNM35v9pq/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções (1789-1848).** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LABOURDETTE, Mateus. **IAs compartilham seus dados com outras empresas, diz pesquisa.** Olhar Digital, 2025. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2025/03/09/seguranca/ias-compartilham-seus-dados-com-outras-empresas-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 24 set. 2025.

LEON, Lucas Pordeus. **Big techs são parte da máquina de guerra dos EUA, alerta pesquisador.** Agência Brasil, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-09/big-techs-sao-parte-da-maquina-de-guerra-dos-eua-alerta-pesquisador?utm_source=chatgpt.com> . Acesso em: 27 out. 2025.

LEONEL, Filipe. **O capitalismo e sua influência na questão agrária do país.** Fiocruz, 2014. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/35261>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia.** Tradução de Rafael Abraham. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é capitalismo?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>. Acesso em: 27 abr. 2025.

_____. **O que são Big Techs?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-sao-big-techs.htm>. Acesso em: 24 set. 2025.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI.** Lisboa: NAE, 2014. Disponível em: <<https://nae.com.pt/wp-content/uploads/O-Capital-no-Seculo-XXI-Thomas-Piketty.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2025.

PRADO, Eleutério. **Rentismo, novo modo de produção?** Outras Palavras, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/rentismo-um-novo-modo-de-producao/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

RACIUNAS, Carol. **Big Techs: como as 7 magníficas fizeram dos EUA berço da revolução digital.** CNN Brasil, 22 set. 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/big-techs-como-as-7-magnificas-fizeram-dos-eua-berco-da-revolucao-digital/>>. Acesso em: 24 set. 2025.

REDAÇÃO WARREN. **O que é quantitative easing.** Warren Magazine, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://warren.com.br/magazine/o-que-e-quantitative-easing/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

RIBEIRO, Alex. **Como as big techs fazem dinheiro com a sua atenção.** Valor Econômico, 2025. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2025/08/21/como-as-big-techs-fazem-dinheiro-com-a-sua-atencao.ghtml>>. Acesso em: 24 set. 2025.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial.** São Paulo: Edipro, 2016.

SEBRAE. **Como funcionam os algoritmos?** Portal Sebrae, 21 abr. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-funcionam-os-algoritmos,907ab472ed496810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 8 nov. 2025.

SILVA, Cássio Corrêa da. **O sistema capitalista e suas crises cíclicas: do retrocesso social à escravidão contemporânea.** Novos Estudos Jurídicos, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/nej/article/view/17555>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Capitalismo: origem, características e críticas.** Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/capitalismo.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

_____. **Revolução Industrial.** Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SOUSA, Rafaela. **Terceira Revolução Industrial.** Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 25 set. 2025.

SURFSHARK. **AI Chatbots & Privacy.** Surfshark. Disponível em: <https://surfshark.com/research/chart/ai-chatbots-privacy>. Acesso em: 24 set. 2025.

TORRES, Bolívar. **Tecnofeudalismo: entenda a teoria que decretou o fim do capitalismo e comparou Big Techs a senhores feudais.** O Globo, 2025. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/02/22/tecnofeudalismo-entenda-a-teoria-que-decretou-o-fim-do-capitalismo-e-comparou-big-techs-a-senhores-feudais.ghtml>>. Acesso em: 24 set. 2025.

UOL ECONOMIA. **O ano em que o mundo quebrou: entenda a crise financeira de 2008.** UOL, 4 jul. 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/07/04/o-ano-em-que-o-mundo-quebrou-entenda-a-crise-financeira-de-2008.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VAROUFAKIS, Yanis. **Tecnofeudalismo: O que matou o capitalismo.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.